



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A Influência da Adolescência na Relação Mãe-Bebé

Nélia Raquel Gonçalves Teixeira da Silva Coutinho – Nº 10151

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Eduardo Sá

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Eduardo Sá

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª Série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais. Torna-se difícil encontrar palavras que transcrevam a minha gratidão por tudo o que fizeram por mim. Não me canso de declarar o quanto os amo e como os seus exemplos de vida continuam a marcar a minha forma de olhar o mundo. As diferentes atitudes de amparo para comigo, revelam a riqueza de cada um deles.

Ao meu marido Mário pelo apoio e amor que demonstrou. O facto de me sentir amada tornou tudo mais fácil.

Ao Tiago, pelas palavras de incentivo e pelo carinho.

Quero também agradecer à Rita, colega desde o primeiro ano de curso e uma amiga para a vida. Melhor do que ninguém compreendeu os meus medos, alegrias, lágrimas e conquistas. O seu apoio incondicional foi muito importante nesta caminhada.

À minha família e amigos mais próximos que de forma directa ou indirecta me acompanharam e auxiliaram.

Desejo expressar o meu obrigado ao Professor Eduardo Sá, pela sua disponibilidade, compreensão e pelo conhecimento compartilhado.

Às Enfermeiras do Centro de Saúde do Lumiar, por me terem auxiliado na recolha de dados. Não posso deixar de fazer um agradecimento especial, à Enfermeira Laura Teixeira por me ter acompanhado a casa das mães. A sua disponibilidade, simpatia e dedicação mostram o quão importantes são as pessoas no desenvolvimento do seu trabalho em Saúde Comunitária.

E finalmente, agradecer às quatro mães que se disponibilizaram a participar deste estudo com os seus bebés. Sem a sua colaboração, a concretização deste trabalho não teria sido possível.

RESUMO

O presente trabalho teve como principal objectivo verificar a influência da maternidade adolescente na relação mãe-bebé, uma vez que da qualidade da relação, resultará o desenvolvimento das reais competências físicas, emocionais e cognitivas do bebé.

A vida é um processo contínuo de mudanças e de adaptações, havendo determinados momentos, onde essas mudanças acontecem de forma mais rápida, numa verdadeira sucessão de acontecimentos. É o caso da adolescência, da gravidez e da maternidade, períodos de crise, devido às profundas modificações físicas, psíquicas e sociais que ocorrem, embora a crise neste contexto, seja vista como um momento de ruptura com mecanismos de funcionamento previamente estabelecidos e estabilizados. Enquanto acontecimentos simultâneos, representam para a mulher um duplo esforço de adaptação e de complexas mudanças.

A amostra deste estudo foi constituída por quatro adolescentes, mães pela primeira vez, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos e os respectivos bebés. Foi utilizado como método, o estudo de caso, e a nível dos instrumentos, recorreu-se ao Método de Observação de Bebés de Esther Bick, a uma entrevista semi-directiva à mãe e à Análise de Conteúdo.

Cada díade interagiu de modo diferente, sendo mãe e bebé os interlocutores dessas diferenças. Apesar de serem capazes de prestar os cuidados primários aos seus bebés, três das quatro mães, mostraram relações empobrecidas ao nível da introdução do terceiro elemento sendo também mais funcionais na relação com os seus bebés.

Palavras-Chave: Adolescência, Gravidez, Maternidade, Relação Mãe-Bebé, Método de Observação Esther Bick

ABSTRACT

The main objective of this study was to analyse the adolescent maternal influence in the mother-infant relationship, given that the quality of this relationship will result in an effective development of physical, emotional and cognitive skills in the infant.

The life is a continuous process of changes and adjustments. In some occasions these changes happen in a rapid succession. This is the case in adolescence, in pregnancy and in maternity. These are periods of crises due to profound physical, psychological and social changes taking place. The crisis in this context is considered as a moment of rupture with mechanisms in previous functioning already established and stabilized. When all these are simultaneous, woman will have to make a double effort in coping and in facing complex changes.

The sample was constituted of four adolescent first-time mothers, their ages ranging from 16 to 18, as well as their babies. The method used was a case study and the instrument applied was Esther Bick's Observation Method of Infants, a semi-directive interview of mothers and the Content Analysis.

Every mother and child diad interacted in a different way, being the mother and the infant the interlocutors of these differences. Although able to give primary care to their children, three of the four mothers demonstrated impoverished relationship concerning the third element, being more functional in relation with the babies.

Key-words: Adolescence, Pregnancy, Motherhood, Mother-Infant Relationship, Esther Bick's Observation Method of Infants

ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO	1
REVISÃO DE LITERATURA	3
A Adolescência.....	3
Gravidez e Maternidade.....	6
Gravidez.....	6
Maternidade	8
O Lugar do Pai.....	10
Gravidez e Maternidade na Adolescência	12
Interação Mãe-Bebé.....	17
O que é a Interação Mãe-Bebé.....	17
<i>Como se Processa a Sua Interação</i>	18
<i>Competências Fetais</i>	19
<i>Repertório do Bebê</i>	21
<i>Repertório da Mãe</i>	22
O Papel da Mãe na Vinculação do Bebé	24
MÉTODOS	33
Delineamento.....	33
Caracterização da Amostra.....	34
Caracterização dos Instrumentos.....	35
<i>Entrevista de Estudo de Caso</i>	35
<i>Método de Observação de Bebês de Esther Bick</i>	35
<i>Análise de Conteúdo</i>	38
Procedimento	42
RESULTADO ESTUDO DE CASO	44
Caso A	44
Caso B	47
Caso C	50

Caso D	53
DISCUSSÃO	56
Caso A	56
Caso B	58
Caso C	61
Caso D	63
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	71
Anexo A.....	71
<i>Anexo B</i>	101
<i>Anexo C</i>	131
<i>Anexo D</i>	159
<i>Anexo E</i>	198
Anexo F	207
<i>Anexo G</i>	218
<i>Anexo H</i>	225

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição das categorias e subcategorias da grelha de análise	39
Tabela 2: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso A	44
Tabela 3: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso B.....	47
Tabela 4: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso C.....	50
Tabela 5: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso D	52
Tabela 6: Análise da primeira observação realizada com a díade Maria e Alexandre.....	71
Tabela 7: Análise da segunda observação realizada com a díade Maria e Alexandre	79
Tabela 8: Análise da terceira observação realizada com a díade Maria e Alexandre	86
Tabela 9: Análise da quarta observação realizada com a díade Maria e Alexandre	94
Tabela 10: Análise da primeira observação realizada com a díade Maria e Iara	101
Tabela 11: Análise da segunda observação realizada com a díade Maria e Iara.....	107
Tabela 12: Análise da terceira observação realizada com a díade Maria e Iara.....	116
Tabela 13: Análise da quarta observação realizada com a díade Maria e Iara.....	122
Tabela 14: Análise da primeira observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel.....	131
Tabela 15: Análise da segunda observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel	138
Tabela 16: Análise da terceira observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel	146
Tabela 17: Análise da quarta observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel	152
Tabela 18: Análise da primeira observação realizada com a díade Ana e a Mariana	159
Tabela 19: Análise da segunda observação realizada com a díade Ana e Mariana.....	171
Tabela 20: Análise da terceira observação realizada com a díade Ana e Mariana.....	179
Tabela 21: Análise da quarta observação realizada com a díade Ana e Mariana.....	188

INTRODUÇÃO

A gravidez e maternidade na adolescência é um tema complexo, de difícil abordagem, mas inegavelmente importante, porque actual e relevante.

Sem que seja adulto, o adolescente encontra-se na encruzilhada de um duplo movimento de sentido contrário: de avanço, a nível funcional (com a aquisição da função reprodutora e com aceleradas transformações somáticas), e a nível cognitivo, com a introdução da dimensão hipotético-dedutiva nas operações psíquicas, e de retrocesso reorganizador, sedimentando os afectos e questionando os objectos da relação (Sá, 2004).

O conjunto de transformações emocionais na adolescência permite-nos questionar a maturação do adolescente para a sexualidade e, decorrendo daí, para a maternidade e para a paternidade (Sá, 2004).

A maternidade na adolescência, embora não impossibilite, limita as possibilidades de desenvolvimento da mãe e da criança pelo que se considera a necessidade de prevenir estas gravidezes.

O problema pode residir no facto de a adolescente ter de enfrentar a resolução das tarefas da maternidade, que obrigam à sua adaptação a inúmeras mudanças, quando ainda se encontra envolvida na resolução de tarefas da adolescência, que obrigam à sua adaptação a tantas outras mudanças, as quais se verificam nos mesmos aspectos (isto é, ao nível do corpo, da sua relação com os pais e os pares, da identidade, etc.), mas podem ter funções opostas. Devido à transição desenvolvimental assincrónica, as grávidas adolescentes estão expostas a maiores dificuldades, são obrigadas a grandes reorganizações internas e na relação com os outros, uma vez que têm de lidar simultaneamente com os desafios das tarefas desenvolvimentais típicas da adolescência e com stressores associados à gravidez e às tarefas da maternidade, o que se pode traduzir num desafio excessivo para algumas delas (Figueiredo 2000).

Na concepção os seres humanos são formados pela união de materiais genéticos do homem e da mulher. Esta herança de nossos antepassados determina de alguma maneira como seremos. Este é, em linhas gerais, o processo físico, entretanto, existem também factores do meio externo que influenciam a vida desde o momento da fecundação. Juntamente ao

desenvolvimento do processo formativo do corpo, um outro vai ocorrendo de modo menos perceptível: a formação e a constituição da realidade psíquica.

A importância da prestação de cuidados nos primeiros tempos de vida torna-se cada vez mais um imperativo de todo o ser humano que tem ao seu alcance a responsabilidade de cuidar de um bebé. Da qualidade da relação na prestação desses cuidados materiais e psíquicos, resultará o desenvolvimento das reais competências emocionais e cognitivas do bebé. (Lourenço, 2005).

“Um bebé é algo que não existe, ele faz essencialmente parte de uma relação” (Winnicott, 1975, p.107).

Assim, todas estas questões suscitam uma interrogação, ponto de partida para este estudo de caso:

Será que o facto da mãe ser adolescente, vai influenciar a qualidade da interacção mãe-bebé?

REVISÃO DE LITERATURA

“Crescer é por natureza um acto agressivo.”

Winnicott

A Adolescência

A vida é um contínuo processo de mudança e adaptação e, por isso, o conflito é inerente ao desenvolvimento. Assim, sempre que, em qualquer fase da vida, algo importante tem de ser abandonado ou adquirido, a mudança psíquica pode envolver perdas, mas também ganhos e recompensas. É, por isso, imperiosa uma capacidade de adaptação à perda ou ao ganho, com uma necessidade de resposta às novas exigências da próxima etapa de desenvolvimento. Todo o indivíduo tem de se ajustar a um processo permanente de crescimento e envelhecimento em cada etapa da sua vida (Strecht, 2005).

Na referência cronológica, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como o período de vida que vai precisamente dos 10 anos até aos 19 anos, 11 meses e 29 dias. As Nações Unidas por outro lado estabelecem uma faixa de idade entre 15 e 24 anos. Isto pode ilustrar o quão mutável e maleável é o processo do adolescer e que varia de acordo com o contexto social (Zanon, 2008). Hoje, mais do que nunca, sabe-se que a adolescência é uma fase do crescimento muito longa, que se estende desde do início da puberdade, - período no qual as alterações corporais ocorrem mais rapidamente, do que em qualquer outro período da vida, à excepção do tempo passado no útero (Waddell, 2003) - até aos 23 ou 25 anos. Por vezes, este período pode ser ainda mais extenso, sendo exactamente o tempo em que se consolida uma verdadeira autonomia emocional. Nela, as mudanças psíquicas que ocorrem, cujo esteiro são as alterações hormonais e cerebrais que se processam em cada um, deixarão sempre uma marca visível para o resto da vida. (Strecht, 2005).

É difícil estabelecer uma distinção clara entre puberdade e a própria adolescência, por, no essencial, serem labirínticas (Waddell, 2003). Porém em termos restritos há diferenças entre os termos. A puberdade marca a transição biológica entre criança e o homem maduro, capaz de procriação. A adolescência traduz o processo psicológico de adaptação a essas modificações biológicas e de integração na sociedade adulta a todos os níveis (Vaz, 1991).

Etimologicamente a palavra adolescência/adolescer – do latim *adolescere* - significa “crescer”, “desenvolver-se” (dicionário etimológico da língua portuguesa 1º Volume, de José Pedro Machado, Livros Horizonte, 1989). A adolescência é assim um período de desenvolvimento neste processo contínuo, e apresenta um desafio à mudança da infância para a vida adulta (Strecht, 2005). É frequente afirmar-se que o adolescente é simultaneamente uma criança e um adulto; mas na realidade ele já não é uma criança, e ainda não é um adulto. Este duplo movimento de negação da sua infância, por um lado, e procura dum estatuto adulto estável, por outro, constitui a própria essência da “crise”, do “processo psíquico” que todo o adolescente atravessa. Compreender este período transitório, descrever as linhas de força em torno das quais esta desordem psíquica e corporal se ordenará pouco a pouco, constitui um trabalho árduo e delicado (Marcelli & Braconnier, 2005).

Para muitos, a adolescência é uma realidade vivida com saudável naturalidade de quem está a crescer. A maioria dos adolescentes não rompe abruptamente com a sua biografia e os seus recursos internos ou externos. Antes promove as necessárias e adaptadas mudanças que, enquanto seres humanos confrontados com alterações físicas, psicológicas e sociais, precisam ser feitas (Isabel Leal, 2000). No entanto, para outros ela significa a aquisição de uma capacidade que, no plano concreto ou da fantasia, é experimentada com dificuldade, quer seja por exacerbação de algumas defesas psíquicas mais comuns, como a inibição ou o evitamento social, ou através de um agir comportamental que mais não é que o fruto da problemática conflitual que o determina. Segundo vários estudos, podemos estimar essa percentagem em cerca de 20% a 30% da totalidade. Este é o grupo que, pontual ou regularmente, mais necessita de ajuda. Expressam o seu mal-estar pelo mau comportamento, dificuldades de aprendizagem, elevado consumo de tabaco, álcool e drogas, ou através de uma sexualidade agida de uma forma distorcida com os outros. Para além das respectivas representações afectivas e cujos riscos extremos são as altas taxas de gravidez adolescente e/ou doenças sexualmente transmissíveis, há que ter em conta os aparentemente menos intensos, mas igualmente danosos, problemas de relacionamento afectivo e sexual, traduzidos, por exemplo, na dificuldade em ter e manter uma relação saudável e gratificante com outra pessoa (Strecht, 2005).

Na adolescência, existe uma triologia bio-psico-social em que tudo é importante e o mínimo detalhe pode ser exacerbado de tal forma que se transforma em desencadeante de verdadeiras crises (Isabel Leal, 2000).

Não são apenas mudanças fisiológicas como aquelas que podem acontecer quando se engorda, emagrece, se fica doente, se faz uma plástica, ou simplesmente se vai envelhecendo porque o tempo passa. Não são só mudanças psicológicas como aquelas que acontecem quando se descobre que afinal já não se gosta de uma certa pessoa, ou se descobre que se quer mudar de profissão. Não são só mudanças sociais no sentido em que estas habitualmente acontecem quando se é promovido ou despromovido, se compra um carro novo, símbolo de mais e maior estatuto, ou se muda de casa. (Leal, 2000). A “agenda psíquica” dos adolescentes é muito exigente: a negociação do relacionamento entre as estruturas infantil e adulta; a transição da vida em família para a vida no mundo; a descoberta e o estabelecimento de uma identidade, especialmente em termos sexuais; em suma, a capacidade de lidar com a separação, a perda, a escolha, a independência e porventura, com a desilusão da vida exterior (no meu entender falta aqui alguma coisa) (Waddell, 2003). A vivência individual deste processo é, em simultâneo, banhada pelos diferentes contextos de vida de cada adolescente, onde os diversos cenários, (família, amigos e escola), constituem alvos de eleição para a adopção e manutenção futura de estilos de vida promotores de saúde (Fonseca, 2003). (dá-me a sensação que este parágrafo está deslocado do contexto do anterior)

Os períodos de forte desenvolvimento psicológico na infância e na adolescência, exigem uma permeabilidade dos processos psíquicos, que é, em simultâneo, condição de crescimento psicológico e factor de risco (Matos, 2005).

A adolescência, enquanto fenómeno de desenvolvimento humano e de amadurecimento psíquico, vem questionar, obrigatoriamente, o conjunto das representações de si a diferentes níveis, a representação do outro e o conjunto de valores que as sustentam. As crises na adolescência, enquanto ruptura do equilíbrio e dos padrões até aí constituídos, são crises da representação a múltiplos níveis (Matos, 2005).

A *representação* é a essência da vida mental, a *adolescência* o período de desenvolvimento psíquico mais nobre, intenso, mas também conturbado, do desenvolvimento humano. Inicialmente as representações geram-se na relação primitiva com os objectos formadores e confundem-se com eles. Desenvolvem-se à medida que se multiplicam e se diversificam outras relações na esfera de influência, sobretudo durante a infância mas também na adolescência. As representações vêm a constituir o lado mais subtil da vida psíquica. Nos períodos de forte dependência e imaturidade, o sujeito representa-se como o representam. O

salto mais evolutivo acontece quando o sujeito atinge a suficiente distinção entre a representação de si mesmo, construída a partir do modo como o objecto o representa e lhe devolve essa imagem e a representação de si mesmo, construída a partir de experiências mais autónomas em relação aos objectos formadores, como acontece na adolescência (Matos, 2005).

Gravidez e Maternidade

Para que se possa entender e contextualizar a gravidez e a maternidade adolescente, tema principal do estudo, é necessário definir estes dois conceitos. Reiteradamente, pensa-se na gravidez e na maternidade como acontecimentos de vida. Porém, a gravidez transcende o momento da concepção assim como a maternidade transcende o momento do parto. Mais do que acontecimentos e embora com durações temporais diferentes, gravidez e maternidade são processos. Do ponto de vista psicológico são processos dinâmicos, de construção e de desenvolvimento. Embora estes conceitos se encontrem muitas vezes associados, representam realidades distintas. O facto de uma mulher estar grávida, não assegura a posterior realização adaptativa das tarefas maternas (Canavarro, 2001).

Gravidez

No ciclo vital da mulher, há três períodos críticos de transição que constituem verdadeiras fases do desenvolvimento da personalidade, e que possuem vários pontos em comum: a adolescência, a gravidez e o climatério. São três períodos de transição biologicamente determinados, caracterizados por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de equilíbrio instável devido às grandes perspectivas de mudanças envolvidas nos aspectos do papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e mudanças de identidade (Maldonado, 1976).

Para Leal (1997), parece indiscutível que o episódio gravítico se reveste de um especial significado. Enquanto a adolescência e o climatério vividos no singular são importantes para os próprios, a gravidez, enquanto fase de reprodução tem em conta não apenas a mulher, mas também a criança que vai nascer, um pai, uma família, e a sociedade que necessita assegurar continuidade.

A gravidez é considerada um estágio de desenvolvimento de curta duração que, inicia um estágio mais longo: que será a condição de ser mãe ou pai (Colman e Colman 1994).

Refere-se ao período de mais ou menos 40 semanas, que decorre entre a concepção e o parto. Tudo se passa “dentro” da própria mulher. Daí que a gravidez se constitua como um momento particular de retorno a si própria, de investimento maciço no próprio corpo, na sua imagem, no que ele contém: vida (Canavarro, M. & Pedrosa, A. 2005).

A gravidez em si, exige da mulher um grande esforço físico e psicológico. Para além dos ajustamentos necessários às mudanças físicas, também necessita de se ajustar à criança em gestação, ao aumento de vulnerabilidade resultante do processo de regressão psicológica e à ansiedade pela expectativa que envolve o nascimento do bebé (Cordeiro, 1987).

Os processos de gravidez e maternidade, como mudanças que são, implicam momentos significativos de stress (Ball, 1994; Boss, 1988; Vaz-Serra, 1999, cit. por (Dias, Sereno, Correia, 2008). São fases que correspondem a processos de mudanças a várias ordens; físicas, hormonais, psicológicas e sociais que, obviamente, apelam à necessidade de adaptação (Dias, Sereno, Correia, 2008).

As mudanças que acarretam implicam perdas e ganhos, associados às representações que gravidez e maternidade comportam para cada mulher; requerem respostas (cognitivas, emocionais e comportamentais) que habitualmente não integram o repertório comportamental da mãe; e exigem uma adaptação específica. Desta forma, ao contrário do que muitas vezes é veiculado no senso comum, stress não implica necessariamente sofrimento ou níveis de funcionamento mais baixos. Implica sempre necessidade de reorganização. E, se ultrapassado (o que significa as tarefas desenvolvimentais correspondem a serem cumpridas com sucesso) pode permitir, pelo contrário, o acesso a níveis de funcionamento superiores, no sentido da resolução de anteriores problemas desenvolvimentais, e organização de constelações intrapsíquicas e relacionais mais complexas e gratificantes. Mas se por um lado, são momentos ótimos para o desenvolvimento pessoal, por outro lado, são também momentos cruciais para a aquisição de novas vulnerabilidades e descompensação (Canavarro, M. & Pedrosa, A. 2005).

Cada gravidez é única, e para cada caso uma enorme gama de possibilidades terá de ser levada em consideração (Waddell, 2003).

Que significa a gravidez para a mãe? Para o casal? Para a família? Que importância tem a questão do sexo da criança, ou do seu lugar na família? O bebê é desejado? Muito desejado? Temido? Será a gravidez vista como o erro de um encontro casual, ou a consumação de uma união amorosa? Será ela um feliz desenvolvimento ou uma dolorosa intrusão? Será o feto experimentado como uma presença perturbadora, alheia e estranha, ou bem-vinda e segura? A gravidez nunca poderá ser simplesmente sentida como correspondendo de modo preciso a qualquer um destes termos. O mais certo é que ela seja submetida a uma série de movimentos conscientes e inconscientes de avanço e recuo, em termos de sentimento e fantasia, que continuarão a ser expressos enquanto se desenvolve a relação com esta criança em particular (Waddell, 2003).

As atitudes e reacções da progenitora, ou dos progenitores, no presente, relacionar-se-ão de perto com a sua experiência passada, tanto na realidade como em fantasia. A gravidez mobiliza assim, rápida e naturalmente, as partes infantis da futura mãe e/ou pai, cada um dos quais poderá, por vezes, sentir necessidades tão imperativas e irresistíveis como as de um bebê recém-nascido. Podem irromper de súbito ansiedades irracionais, ou estranhos acessos de insegurança, medo ou dependência. A manutenção dos sentimentos dos pais dentro de limites realistas depende da qualidade dos cuidados emocionais a que eles possam recorrer, tanto nas figuras parentais que ambos guardam nos seus corações e mentes, como à relação que mantêm um com o outro e com as suas famílias (Waddell, 2003).

Neste período de transição os papéis alteram-se. A grávida além de ser filha e mulher passa a ser mãe (Carvalho, 2000).

Maternidade

O nascimento de um filho, especialmente se for o primeiro, acarreta grandes mudanças e traduz-se num grande impacto na vida pessoal e familiar dos sujeitos. Tornar-se mãe ou pai envolve um grande passo emocional na vida, que é irreversível e deste modo influencia seriamente a identidade, papel e funções dos pais e de toda a família (Colmam & Colmam 1994; Relvas, 1996 cit. por Canavarro & Pedrosa, 2005).

Para Stern & Bruschweiler-Stern (1998) uma mãe tem de se formar psicologicamente da mesma forma que o seu bebê se forma fisicamente. Enquanto a criança se está a formar no

ventre da mulher, na sua mente não é um ser humano novo que se forma, mas sim uma nova identidade: o significado de ser mãe. A sua nova identidade pode surgir a determinada altura da gravidez, tornar-se mais consciente após o nascimento do bebé e, afirmar-se com mais afincos depois de já cuidar do bebé durante vários meses, momento em que a mulher compreende que sabe ser mãe. Cada etapa desta tomada de consciência é importante, por isso, o processo de formação da organização psíquica da maternidade avança por fases. A nova identidade exige que, primeiramente a mulher se prepare mentalmente para a mudança, em segundo lugar, se submeta à tarefa emocional de produzir os novos aspectos de si própria e, por fim, trabalhe arduamente de forma a integrar as mudanças nas outras partes da sua vida.

O modo como a mulher vive a gravidez e a maternidade pode relacionar-se com duas ordens de factores. Por um lado, uma componente cultural que influencia o sentir e o agir da mulher nesses períodos; por outro lado, os componentes intrínsecos da própria mulher que têm a ver com as suas características de personalidade. A exigência de uma integração interna harmoniosa entre satisfação profissional, amorosa e maternal nem sempre é fácil de conseguir (Correia, 1998).

Na opinião de Dolto (1981), o sentimento materno, por mais atento e amoroso que seja só é vivificante para a criança quando coexiste na sua mãe com sentimentos conjugais e com interesses culturais e sociais; para a autora, isto só é possível numa mulher tornada adulta no plano narcísico.

A maternidade distancia-se em quase tudo do acontecimento biológico que é a gravidez (Leal, 2001). É um projecto a longo prazo, um projecto para toda a vida, pois embora a maternidade assuma uma maior visibilidade nos primeiros anos da criança, a dádiva de amor, interesse, partilha e responsabilidade permanece. Requer que, mais do que se deseje ter um filho, se deseje ser mãe. Ora, o desejo de ter um filho e o desejo de ser mãe, não são desejos sempre coincidentes. Muitas são as situações em que a distância entre gravidez e maternidade é enorme (Leal, 2001). Uma destas não coincidências é exactamente a da gravidez e maternidade na adolescência, situação que será abordada a seguir. São jovens mulheres em que a possibilidade e capacidade reprodutora não oferece nenhum tipo de problema, mas nas quais o projecto de maternidade está ausente ou diminuído (Leal, 2001). Porém, é possível que uma mulher que não deseje ter filhos, possa, ao longo da gravidez e depois do nascimento, passar a investir fortemente a criança (Cordeiro, 2002).

O Lugar do Pai

Apesar do objectivo do estudo ser relativo à mãe e ao seu bebé, parece imprescindível abordar o pai, embora de uma forma mais ligeira. Falar em gravidez humana não nos autoriza a falar apenas da mulher grávida. É a tendência mais evidente, mas é limitativa, reducionista na leitura da realidade (Leal, 2001).

Muito se tem escrito acerca da importância da figura materna no desenvolvimento do bebé, sobre o seu papel e as suas funções, dando origem a um conjunto variado de modelos e concepções. Porém, a maioria desses modelos parece esquecer ou subvalorizar o lugar do pai, como se este só aparecesse em cena (na vida do bebé) mais tarde e permanecesse um espectador (passivo) nos primeiros meses de vida do bebé, ou, como diz Sá (1999, p.29, cit. por Reis, 2003) estivesse “guardado em lugar frio, hermeticamente fechado e fora do alcance das crianças”.

Reconhecer o lugar do pai não é torná-lo idêntico à mãe, ou em competição com esta (Harris, 1983), mas é conferir-lhe um relevo único e muito importante na vida de cada criança; “o pai tem de se sentir certo enquanto pai desde o início” (Harris, 1983, p. 7), sendo o início o tempo em que, numa relação adulta ele fantasia e imagina o seu bebé e se projecta enquanto figura paterna desse bebé (cit. por Reis, 2003).

Pais e mães reagem de forma diferente ao bebé. As mães sorriem mais, vocalizam mais, mas mexem menos no bebé. Ao passo que os pais silenciosos, com mímicas sérias, fazem o bebé espernear e brincam ao elevador com ele, o que provoca, regularmente, grandes gargalhadas (Lecamus 1995, cit. por Cyrulnik, 2001). Ora estes dois estilos sensoriais diferentes provocam, alguns meses mais tarde, efeitos socializadores diferentes. A criança descobre duas figuras de vinculação dissemelhantes, mas associadas. Em caso de perda afectiva, momentânea ou durável, quando os pais têm de sair ou quando, por infelicidade, desaparecem, o facto de ter sido moldado dentro do triângulo em que os parceiros estão associados e são diferentes, terá ensinado ao bebé um comportamento de impulso social que constitui um factor de resiliência (Lecamus 2000, cit. por Cyrulnik, 2001).

Desde o final do século XIX que o conceito de paternidade e a sua vivência concreta têm sido alvo de reflexões e debates. No entanto, só desde o início dos anos setenta os

estudiosos investiram intensamente na temática, construindo teorias, especulando, mas sobretudo investigando, de formas progressivamente mais abrangentes e produtivas (Lamb, 2000).

Os dados empíricos mais recentes parecem indicar, a complementaridade das funções, comportamentos e atitudes de pai e mãe, justificando a importância central de ambos no processo de desenvolvimento dos filhos e a sua especificidade funcional (Lamb, 1997, cit. por Balancho 2004).

Porém, actualmente, os novos pais são cada vez mais frequentes “companheiros da mamã”. A sua presença enfraquecida produz uma marca menor no psiquismo da criança. Até as mulheres que reivindicam a presença do pai real, participam, involuntariamente, na sua atenuação. Os novos pais só poderão realmente ocupar o seu lugar nas novas famílias, se estabelecerem com as crianças relações reais, as que tecem um vínculo (Lecamus 2000, cit. por Cyrulnik, 2001).

Um dos defensores actuais da figura paterna, é Jean Lecamus (2000, cit. por Cyrulnik, 2001), que estudou os efeitos, não do pai social extraordinariamente diferente de acordo com as culturas, mas do pai real, aquele que arranja, brinca, alimenta, ralha e ensina. A simples presença deste pai “feito de carne” tem um efeito de “rampa de lançamento”.

O envolvimento paterno durante a gravidez influencia a adaptação materna já que as grávidas sofrem menos de sintomatologia depressiva na gravidez e pós-parto, menos complicações e menor necessidade de medicação no parto (May, 1982 cit. por Gomez, 2005). Um maior envolvimento do pai na gravidez traduzir-se-á numa maior disponibilidade para perceber os sinais precoces do bebé, o que implicará um maior envolvimento na vida desse bebé (Sá, 1993).

“Um marido que deserta do mundo da mãe, torna-a desertificadora para o filho. Pelo contrário, um homem que deseje ocupar o lugar de marido e de pai anima a mãe e participa no triângulo.” (Cyrulnik, 2001).

Chbani e Pérez-Sanchez (1998) falam de Unidade Originária. “O bebé não pode ser objecto primário sem a sua mãe; a rêverie da mãe necessita da rêverie do pai; e se aceitamos a autonomia do bebé temos também que falar da rêverie do bebé” (pp. 59-60). A Unidade Originária é constituída por estes três elementos, cada um com sua importância, em

comunicação, e forma a base do pensamento e do desenvolvimento mental de cada ser humano (Reis, 2003).

Se há Unidade Originária, existem três forças iguais, porém os pais devem ser totalmente diferentes e separados, visto que são pais fecundos e não combinados (Chbani e Pérez-Sanchez, 1998).

É no âmbito da noção de Unidade Originária que Chbani e Pérez-Sanchez (1998) distinguem função de estado, materno e paterno. A ideia de função é qualquer coisa que parece estar mais relacionada com o externo, enquanto o estado diz respeito ao interno. Por outro lado, a função será algo que se poderá delegar noutro, ou seja, a mãe pode delegar a sua função materna, por algum tempo ao pai ou a outra pessoa próxima; já o estado é algo que não se delega, será a pele psíquica de cada um, uma organização mental (cit. por Reis 2003).

No desenvolvimento do bebé é imprescindível que cada um dos três actores do pensamento vista a sua pele e se sinta no seu estado, o que no caso do pai quererá dizer que ele “é pai para sempre, o que em verdade, talvez seja a mais inestimável qualidade da sua utilização” (Sá, 1999, p.31, cit. por Reis, 2003).

Gravidez e Maternidade na Adolescência

Canavarro e Pereira (2001) apresentam um modelo multifactorial para compreender o fenómeno da maternidade na adolescência. Partem do pressuposto que o grupo de grávidas e mães adolescentes é muito heterogéneo e defendem que os fenómenos complexos, como é o caso da gravidez na adolescência, têm evoluído de modelos causais de um só factor para modelos plurifactoriais. Assim, para compreender melhor o fenómeno em discussão, são enumerados diversos aspectos desencadeadores de uma gravidez na adolescência. Segundo as autoras são três os factores: factores individuais, familiares e de relacionamento.

Factores Individuais

As adolescentes que engravidam, iniciam mais cedo do que o restante grupo de adolescentes a vida sexual. A pobreza, também é considerada um factor desencadear, uma vez que não facilita a existência de um ambiente familiar de harmonia e recursos suficientes que permitam cuidados parentais adequados, onde a escola é desvalorizada e fomentado um

ambiente educativo com menos recursos, levando assim as jovens à convivência com uma “cultura de rua”. Estudos apontam que o percurso escolar das adolescentes grávidas é efectuado com menor sucesso e menor aspirações académicas comparativamente às adolescentes não grávidas (Garret & Tidwell, 1999 in Soares e Pereira, 2001); Canavarro & Rolin (2000 in Soares e Pereira, 2001) ilustram no seu estudo que muitas das adolescentes quando engravidam já se encontram fora do percurso escolar. Factores de ordem sócio-emocional fazem parte também dos aspectos individuais que contribuem para a ocorrência da gravidez na adolescência. São assinalados por Lourenço (1996), sentimentos de desvalorização e baixa auto-estima. Pelo menos no plano consciente a grande maioria destas jovens não desejaram ou planearam a gravidez, mas ao nível inconsciente a gravidez e o feto podem corresponder a uma gratificação narcísica, que lhes permite aceder a um estatuto de mulheres adultas ou desempenhar a função de preenchimento de um vazio psicológico relacional (ourô, 1997 cit. por Carvalho, 2000). Ainda, a maturidade cognitiva é outra variável considerada, uma vez que a preponderância do pensamento concreto e a dificuldade em raciocinar de forma abstracta não permite à adolescente entender as consequências, a longo prazo, dos seus comportamentos sexuais de risco (Tobias e Ricer, 1998 in Soares e Pereira, 2001).

Factores Familiares

Relativamente aos factores familiares, vários estudos desenvolvidos referem que as famílias às quais as adolescentes grávidas pertencem, são caracterizadas por serem disfuncionais, numerosas e com problemas sócio-económicos. São maioritariamente, famílias monoparentais onde a figura paterna está ausente. De acordo com o que apontam Manlove (1998) e Records (1993) (in Soares e Pereira, 2001), as filhas de mães com história de gravidez na adolescência e irmãs mais velhas também mães adolescentes, têm maior probabilidade de repetirem o facto, verificando-se assim o fenómeno de transgeracionalidade.

Factores Relacionais

As mães adolescentes começam a namorar mais cedo e escolhem parceiros mais velhos, em média dois a quatro anos (Bombas, Sousa Fernandes, Rolim, Entrezende, 2000) e alguns até envolvidos em situações de marginalidade (East & Felice, 1996). Segundo Hardy e Zabin (1991), as mães adolescentes tendem a estabelecer relações com os pares do tipo submisso e a exibir padrões pobres de comunicação. Almeida (2003) afirma que muitas das

adolescentes encontram no seu papel de grávida a identidade que procuram, sugerindo o autor “o uso do sexo com fins não sexuais”. Pretendem sentir-se adultas e serem tratadas como tal; sentem o desejo de ter alguém para proteger, de assumirem uma responsabilidade especial. Pretendem afirmar a sua feminilidade, de competir com a mãe, ou então, de ter algo em comum com a mãe, ou ainda, magoar o pai. O autor ainda equaciona, a necessidade de compensação de carências afectivas, colocando a esperança no filho que lhe irá dar amor.

“A maternidade na adolescência pode, como veremos, agravar consideravelmente o contexto que a origina” (Figueiredo, 2000).

Encarando então a gravidez como uma fase psicologicamente exigente, como será vivida a situação se, ao estado gravítico se acrescem outros factores, também eles geradores de vulnerabilidade psicológica?

Considerar uma gravidez na adolescência pode ser considerar um duplo esforço de adaptação interna e uma dupla movimentação de duas realidades que convergem num único momento: estar grávida e ser adolescente (Correia, 2000).

Segundo Leal (2001), o facto de estarmos perante uma situação de gravidez de risco, pode relacionar-se directamente com situações de maternidade de risco. Risco esse, que é possível distinguir em dois tipos de risco: o médico, que se associa a patologias físicas que emergem ou se agravam durante a gravidez podendo vir a ter consequências na mulher e/feto, bem como interferir no parto; o risco psicológico que nos apela ao plano das vivências da gravidez em termos internos.

Nota-se como tal situação suscita alterações profundas na dinâmica interna e externa das jovens mães e membros envolventes. Desde a transformação da relação da adolescente consigo mesma, com os seus pais e vice-versa, assiste-se deste modo a uma redefinição dos papéis familiares (pais/família nuclear da adolescente) e da relação com o namorado. A ocorrência do abandono escolar, pode levar à necessidade de ingressar mais cedo no mundo do trabalho e tal reflecte-se igualmente na modificação da relação com os colegas e amigos (Correia, 2005).

Claramente, a ocorrência da gravidez na adolescência, não sendo planeada, e até mesmo quando planeada, interfere no ciclo do desenvolvimento do adolescente que se encontra ainda a amadurecer as suas dimensões bio/psico/socio/sexual. Durante a gravidez e

maternidade é esperado que a mulher, melhor, que os futuros pais, efectuem grandes ajustamentos intra e inter pessoais. Para a grávida adolescente, a ocorrência de uma gravidez precoce constitui um desafio desenvolvimental; as jovens grávidas enfrentam a “crise da adolescência” e a “crise da gravidez” (Soares, 2001).

Segundo nos diz Eduardo Sá (1997), a gravidez na adolescência pode desencadear uma maturação excessivamente acelerada comprometendo o desenvolvimento, sendo um factor de exclusão grupal e ou social. A respeito das consequências da gravidez na adolescência, chega mesmo a afirmar que “a melhor forma de ficar preso na adolescência é não a viver.”

Por outro lado, a realização adequada das tarefas desenvolvimentais da maternidade – tais como, aceitar a realidade do bebé enquanto pessoa separada e com necessidades próprias, elaborar expectativas adequadas em relação ao bebé e organizar um projecto de vida no qual ele seja incluído, reavaliar a relação com os pais, o que pressupõe que a autonomia em relação aos pais já se tenha operado, e integrar positivamente a identidade pessoal já consolidada – pode estar a dificultada quando a gravidez acontece na adolescência (Figueiredo, Pacheco, Magarinho, 2004).

As grávidas adolescentes, dado que não possuem um sentido totalmente consolidado e integrado do self, têm mais dificuldade em integrar o papel parental como parte positiva do sentido de si próprias, em termos de identidade individual (Thorman, 1985, cit. por Figueiredo, Pacheco, Magarinho, 2004).

Face às limitações do seu pensamento egocêntrico, as grávidas adolescentes são menos capazes de ter em conta as necessidades próprias e específicas do bebé, nomeadamente de as considerarem de um modo independente das suas, e podem ter dificuldade em separar perspectivas do bebé da sua própria perspectiva (Baranovsky, Schilmoeller, & Higgins, 1990; Hanson, 1990 cit. por Figueiredo, Pacheco, Magarinho, 2004).

Vários estudos têm se esforçado para avaliar as repercussões adversas que a idade da mãe pode ter sobre os cuidados que são prestados ao bebé. As mães adolescentes estabelecem interacções menos adequadas com os bebés, comparativamente às mães adultas. (Figueiredo 1997/2001) Observando a interacção da díade, nota-se que as mães adolescentes, durante o

primeiro ano de vida do bebé, demonstram ser menos sensíveis às necessidades do bebé e menos estimulantes do ponto de vista verbal.

Também Barratt e Roach (1995) no estudo que desenvolveram para avaliar a qualidade da interacção entre um grupo de mães adolescentes (entre os 15 e os 18 anos) e um grupo de mães adultas (a partir dos 19), verificaram que a interacção que estas estabeleciam com o bebé aos 4 e 12 meses eram mais pobres; vocalizavam e sorriam menos, bem como ofereciam e partilhavam com ele menos objectos, providenciando interacções menos adequadas e assim, por sua vez, estes bebés quando comparados com os das mães adultas, exibiam um menor número de sorrisos e de vocalizações.

Soares e Jongenelen (1998) sugerem que as razões para uma competência e realização parental de qualidade inferior no caso das mães adolescentes possa ter a ver com que é revelado nos estudos de Brooks-Gunn & Furstenberg (1989, in Soares e Jongenelen, 1998), cujo qual constata que as mães adolescentes experienciam mais stress do que as mães adultas. As jovens mães têm de se deparar com as dificuldades de lidar com os desafios da maternidade ao mesmo tempo que se confrontam com os desafios do seu próprio desenvolvimento como adolescentes.

Nos estudos comparativos entre as díades de mães adolescentes e mães adultas, as primeiras são constantemente referidas como sendo menos sensíveis, menos responsivas e mais repressivas. Parecem utilizar mais estratégias educativas do tipo punitivo e apresentar comportamentos fisicamente mais intrusivos, revelando ao mesmo tempo um menor conhecimento sobre o desenvolvimento da criança (Soares e Jongenelen, 1998).

Contudo é justo realçar, que os supracitados comportamentos não se podem generalizar a todas as mães adolescentes. Kurt e Derevensky (1994) concluíram que a qualidade da interacção da díade dependia, mais do que da idade da mãe, do suporte que esta possa usufruir e das suas circunstâncias de vida.

A rede de apoio social e a qualidade das relações significativas são particularmente importantes na adaptação do indivíduo em períodos em que as exigências desenvolvimentais e o stress envolvido são elevados, tal como acontece na transição para a parentalidade. Alguns estudos observam que é particularmente determinante para o bem-estar da grávida/puérpera o apoio que recebe e a qualidade da sua relação com o companheiro (e.g., Ritter, Hobfoll,

Lavin, Cameron, & Hulsizer, 2000; Rubertsson, Waldenstroem, & Wickberg, 2003), mas também com outros elementos significativos, como a sua própria mãe (Matthey et al., 2000; Pajulo, Savonlahti, Sourander, Heleniu, & Piha, 2001; Pajulo, Savonlahti, Sourander, Piha, & Heleniu, 2001). Por sua vez, a presença de conflitos, dificuldades, falta de apoio e de intimidade conjugal durante a gravidez tem sido consistentemente associada à emergência de perturbações psicopatológicas, mais tarde no puerpério (e.g., Collins, Dunkel-Schetter, Lobel, & Scrimshaw, 1993; Demyttenaere, Leaerts, Nijs, & Van-Assche, 1995; Kumar & Robson, 1984; Leadbeater & Linares, 1992; O'Hara, Schechte, Lewis, & Varner, 1991; Pitt, 1968) (cit. por Figueiredo, Pacheco, Costa e Magarinho, 2006).

Interacção Mãe-Bebé

Até que se possa compreender que não é tanto a natureza dos actos o que mais conta, mas o seu verdadeiro significado.

J. Chasseguet-Smirgel, Psicanalista

Parece ser relativamente consensual a ideia de que os primeiros tempos de vida são fundamentais no processo de desenvolvimento e que é através do relacionamento precoce e activo com o ambiente que o rodeia, que o potencial de cada ser humano se actualiza de uma forma única e original (Reis, 2003).

O comportamento do bebé só pode ser entendido no contexto da relação com as mães, ou mais correctamente com as mães e com os pais (Sá, 1995, cit. por Reis 2003). Isto reforça a ideia de que, o que chamamos bebé não existe, porque quando procuramos descrever um bebé temos de o descrever com mais alguém (Winnicott, 1991, cit. por Reis 2003). Uma mãe e um pai, sozinhos, também não existem: há sempre um bebé, que os investe e os torna pais (Ciccone e Lhopital, 1991 cit. por Reis 2003).

O que é a Interacção Mãe-Bebé?

Para Trevarthen (1979, cit. por Figueiredo 2001), a interacção mãe-bebé é uma “conversa” que ocorre entre ambos, que tem como objectivo a comunicação e a partilha do prazer de estarem juntos. “A mãe entra em contacto com o bebé, dirigindo-lhe algumas

mensagens, e o bebé, por sua vez, responde-lhe com recurso aos seus próprios meios” (Lebovici, 1983, p.95, cit. por Figueiredo, 2001).

A interacção que o bebé estabelece com a mãe possibilita que aprenda a relacionar-se com as outras pessoas e vai moldar a sua experiência futura com o mundo, visto que, nesses momentos, a criança está também a aprender algo a respeito de si e do que pode esperar dos outros. A interacção mãe-bebé é uma experiência crítica para o desenvolvimento infantil, dado que está na base da formação dos comportamentos de vinculação da criança à mãe. A qualidade da interacção com a mãe irá determinar significativamente o padrão de vinculação da criança (Figueiredo, 2001).

“A criança aprenderá a amar outras pessoas...mas este amor forma-se sobre o modelo das relações estabelecidas com a mãe durante o período de aleitamento e em continuidade com ele” (Freud, 1962, p. 133, cit. por Figueiredo 2001).

Como se Processa a Sua Interacção?

Mãe e bebé apresentam um conjunto de competências que vão facilitar a interacção. Como diz Trevarthen, “existe uma capacidade de captar o interesse e as expressões do outro e de exprimir as suas próprias intenções de forma a ser compreendido”. Esta intersubjectividade primária constitui, pois, um dos alicerces fundamentais dessa interacção, ou seja, do jogo social entre a mãe e o bebé, jogo esse que tem como objectivo principal o divertimento e o prazer de cada um dos elementos da díade. O aspecto interactivo e recíproco, vital para o estabelecimento da relação mãe-bebé, traduz-se na sucessão de constantes “feedbacks”: toda a mãe, num face-a-face saudável com o seu bebé, não poderá impedir-se de comunicar com ele jogando com o seu próprio comportamento. Se não experimentar prazer nesse jogo então este estará condenado a uma curta duração, como condenada estará toda a interacção. Por seu turno, se o bebé se diverte e sente os comportamentos da mãe como suficientemente interessantes para lhe prestar atenção, produzirá, também, experiências afectivamente agradáveis, mostrando, nos seus sorrisos, no seu olhar vivo, e nos seus galreios, um manifesto prazer. A mãe sentirá estas manifestações comportamentais como satisfatórias e encorajadoras, procurando, então, que o bebé mantenha a excitação e a atenção a níveis que lhe permitirão executar novas manifestações afectivas. “Observa-se deste, modo, um bailado constante harmónico em que a mãe e o bebé se procuram seguir um ao outro numa dança sem atropelos” (Relvas, Alarcão & Sá, 1997).

O estudo da interacção mãe-bebé só pode ser feito mediante a adopção da perspectiva interactiva, na qual “a interacção é vista como um sistema diádico, no qual as influências se movem em ambas as direcções” (Stern, 1974, p. 187), isto é, da mãe para o bebé e do bebé para a mãe.

Assim, importa descrever as competências da mãe e do bebé. Com efeito, desde que nasce, o bebé desfruta de um conjunto de competências, mas tal facto adquire mais completo significado se se notar que, já anteriormente, encontramos um outro conjunto de competências, as competências fetais.

Competências Fetais

A vida tem início quando duas células – óvulo e espermatozóide – se unem, carregando toda a história da espécie. Durante quarenta semanas, a nova célula desenvolve-se extraordinariamente, “recapitulando”, toda a filogénese da espécie. Esta nova célula, designada por ovo ou zigoto reproduz-se, dividindo-se em células iguais a si própria. As sucessivas divisões celulares, num tempo mais avançado de gestação, iniciam a sua diferenciação até se assemelharem a um bebé em miniatura, que crescerá e amadurecerá até ao final da gravidez (Edelman, 1995 cit. por Sá, 2004).

Apesar dos progressos inusitados da vigilância das mulheres grávidas, apenas 33 por cento das gravidezes são psiquicamente saudáveis, 10 por cento sofrem de perturbações emocionais marcadas, 25 por cento de uma patologia associada e 27 por cento tiveram antecedentes ginecológicos-obstétricos responsáveis por angústias (Bydlowsky, 1998, cit. por Cyrulnik, 2001). O conteúdo psíquico, euforizante ou desesperado, é constituído por uma representação mental que põe em imagem e palavras, no palco interior, a felicidade de parir ou a sua dificuldade. É este contexto afectivo e social que pode atribuir um sentido oposto ao mesmo acontecimento. Se a mãe tiver no ventre um filho de um homem que detesta, ou se o simples facto de se tornar mãe, tal como a sua, evocar recordações insuportáveis, o seu mundo íntimo será negro. Ora, as pequenas moléculas do stress passam, facilmente, o filtro da placenta. O abatimento ou a agitação da mãe, o seu silêncio ou gritos compõem, em redor do feto, um meio sensorial materialmente diferente. O que significa que as representações da mãe, provocadas pelas suas relações actuais ou passadas, mergulham a criança num meio sensorial com formas variáveis (Cyrulnik, 2001).

A história da mãe, as suas relações actuais ou passadas participam, deste modo, na constituição dos traços comportamentais da criança a nascer ou acabada de nascer. Antes do primeiro olhar, antes da primeira respiração, o recém-nascido humano é apanhado por um mundo onde a sensorialidade já está historizada. É aí que vai ter de se desenvolver (Cyrulnik, 2001).

“A natureza e a influência materna interagem há tanto tempo no interior do útero que é impossível destrinça-las; a própria ideia da natureza e da influência materna enquanto entidades separadas, acaba por parecer demasiado grosseira para ser útil” (Bott-Spillius in Piontelli, 1992, cit. por Waddell, 2003).

De acordo com Cyrulnik (2001, p. 45), muito antes do nascimento, “o bebé já não está dentro da mãe, está com ela. Começa a estabelecer algumas interações. Responde às suas perguntas comportamentais, aos seus sobressaltos, gritos ou apaziguamento por mudanças de postura e acelerações cardíacas.

O conjunto de competências fetais é sobretudo, de natureza sensorial. Exemplo disso é o facto do feto reagir a um raio único de luz, directamente projectado sobre o ventre materno, bem como as aptidões gustativas - o feto ingere o dobro das quantidades habituais de líquido amniótico quando neste foi injectada sacarina. Pensa-se que haja também uma sensibilidade táctil, já que as pressões manuais sobre a região epigástrica da mãe desencadeiam movimentos fetais (Relvas, Alarcão & Sá, 1997). Relativamente à audição, o bebé estabelece uma relação privilegiada com a voz materna; nas ecografias, é possível observar que o feto move as pálpebras, muda de postura e suga o polegar ou o cordão umbilical quando a mãe fala (Cyrulnik, 1989).

Alessandra Piontelli (1992, cit. por Waddell, 2003) revelou através do seu trabalho e do trabalho de outros investigadores na mesma área, que existe uma notável continuidade entre a vida no útero e a vida no mundo exterior. Esta autora sugere a importância pós-natal da experiência pré-natal.

A vida pré natal, nas suas vertentes multidimensionais, tanto para o bebé como para os pais, é um maturar certo de competências identitárias (Pedro, 2003).

Repertório do Bebê

“Se é hoje, praticamente inquestionável a importância da qualidade da relação precoce no desenvolvimento da criança, não deixa, no entanto de ser por vezes pouco clara, a dimensão recíproca e complementar da relação dos dois elementos da díade (Relvas, Alarcão & Sá, 2004).

Face a uma mãe e a um bebé em interacção, claramente se observa a evolução da linguagem materna: a mãe transforma o seu monólogo verbal num diálogo imaginário, traduzido em tempos de espera que correspondem às respostas imaginárias do bebé, na perspectiva de um diálogo futuro. Esta evolução é, contudo, função do seu próprio bebé (Relvas, Alarcão & Sá, 2004). Há já vários anos que estudos e observações do lactente e mesmo do recém-nascido demonstram que ele não deve ser considerado um organismo passivo, inerte, uma espécie de “pasta moldável” entregue aos cuidados maternos, mas que é, pelo contrário, um parceiro independente da relação, capaz de a orientar e de a influenciar (Marcelli, 2005).

Os bebés, logo que nascem, demonstram, então, serem capazes de aprender desde que, à sua volta, haja expectativas, emoções e disponibilidade para fazer laços necessariamente afectivos (Reis, 2003).

“O bebé nasce com excelentes meios para assinalar as suas necessidades e a sua gratidão aos que o rodeiam: de facto, ele pode mesmo escolher o que espera dos pais e recusar o que não quer com meios tão poderosos que, em vez de o perceber como argila a moldar, o considero um ser com uma grande força” (Brazelton, 1981, cit. por Marcelli, 2005)

Marcelli (2005) sugere a título de exemplo, algumas das competências sensoriais do bebé:

- A visão: capacidade do recém-nascido de seguir com os olhos um objecto de cor viva, de fixar uma forma estruturada (rosto, círculo concêntrico...) durante mais tempo do que alvos de cor uniforme.
- A audição: capacidade do recém-nascido reagir aos sons puros, mas sobretudo de mostrar a sua preferência por sons humanos, especialmente pela voz da mãe, ao mesmo tempo que inibe parcialmente o resto da sua motricidade.
- O olfacto: capacidade de discriminação olfactiva que permite distinguir o cheiro da mãe, e manifestar preferência pelo odor do leite relativamente ao da água açucarada.

- O paladar: capacidade de discernir e de preferir o leite materno relativamente ao leite “materno artificial”.
- A motricidade: capacidade de imitação muito precoce de determinadas mímicas (a partir da terceira semana: pôr a língua de fora, abrir a boca...), de estender a mão para um objecto alvo e de esboçar comportamentos de preensão complexa, etc.

Existem no entanto, diferenças individuais entre lactentes extremamente acentuadas quanto ao seu grau de actividade motora, de reacção aos estímulos, de competências para discernir os sinais recebidos e sobretudo quanto à sua capacidade de excitabilidade ou de tranquilização (Marcelli, 2005).

O vasto repertório comportamental que o bebé põe em acção quando se encontra com a mãe (gritar, arrulhar, balbuciar, sorrir, seguir visualmente, agarrar, sugar), garante que muito precocemente uma verdadeira interacção possa acontecer na díade e faz com que a mãe considere o bebé um verdadeiro parceiro interactivo, pois, tal como testemunha a impressão subjectiva da mãe e a investigação científica na área, esse repertório indica o interesse e a disposição comunicativa do bebé. Para além de um conjunto de comportamentos e de expressões comunicativas que o bebé põe em acção nos seus encontros com a mãe, o bebé é ainda capaz de uma conduta altamente organizada e de certo modo previsível, bem como de iniciativas comportamentais susceptíveis de influenciar o curso dos acontecimentos comunicativos que acontecem entre ele e a mãe (Figueiredo, 2001).

O bebé humano nasce com uma predisposição para se vincular; procura dar um sentido à sua existência; pesquisa o mundo à sua volta; liga-se desde muito cedo ao humano e ao que é humano. Sua condição de desamparo e a sua estética promovem no outro o sentido de cuidar, para que o mesmo possa sobreviver e desenvolver-se física e psiquicamente (Lourenço, 2005).

Repertório da Mãe

Tal como o bebé está particularmente sensível à mãe, também a mãe está particularmente sensível à estimulação proveniente do bebé nos seus contactos iniciais com o mesmo. Com efeito, se fascinante é a complexidade e adequação das competências postas em jogo pelo bebé na interacção com a mãe, não menos fascinante é a complexidade e adequação do repertório comportamental da mãe na interacção com o bebé (Figueiredo, 2001).

Por parte da mãe, existe todo um conjunto de comportamentos sociais – a nível da expressão do rosto, do olhar, da vocalização e dos movimentos da cabeça e do rosto – destinados a estimular a atenção e a provocar a interacção com o bebé (universalmente caracterizados pelo exagero das expressões maternas) (Relvas, Alarcão & Sá, 2004). É disso exemplo a conduta vocal da mãe na interacção com o bebé nomeada por “falar abebezado”, “baby talk”, “motherese” ou “infant-direct speech” (Figueiredo, 2001).

Para “conversar” com ele volta-o para si, a mais ou menos 20cm, e envolve-o com o olhar. É geralmente, com uma reacção de surpresa, acompanhada de variações de timbre e de um olhar prolongado e persistente, que o estimula para a interacção, constituindo as aproximações faciais e os jogos de “cucu” a melhor forma de o manter num nível óptimo de atenção (Relvas, Alarcão & Sá, 2004).

Também através de frequentes perguntas, a mãe está, a incentivar o bebé para a interacção, procurando implicá-lo no seu discurso (Snow, 1972; Rheingold & Adams, 1980; Stern et al., 1982, cit. por Figueiredo, 2001).

Na interacção, a mãe imita com frequência as emissões vocais do bebé. O que seria perfeitamente despropositado na interacção com o adulto. Esta interacção serve para que o bebé possa seguir o seu comportamento e, simplificando a sua conduta, a mãe estabelece a interacção ao nível em que se encontra a conduta do bebé (Field, 1990, cit. por Figueiredo, 2001).

Ainda através da combinação da mímica facial e de sons, a mãe procura prolongar e modelar a interacção, já em curso, servindo-se do franzir de sobrancelhas, da diminuição do volume de voz, bem como da alteração do seu timbre e do evitamento do olhar para finalizar a interacção. Quando o quer adormecer, procura “anular” esta comunicação, escondendo-lhe a cabeça no peito e deixando que o seu olhar vagueie no espaço (Relvas, Alarcão & Sá, 2004).

Uma das mais importantes características da conduta da mãe, é a significação social que a mãe atribui às manifestações do bebé, muito antes de elas possuírem tal significação, designando e descrevendo verbalmente o comportamento que o bebé está a exhibir e respondendo ao bebé como se a conduta dele tivesse essa mesma significação (Field, 1990, cit. por Figueiredo, 2001).

A significação social que a mãe dá a determinados, mas não a todos os comportamentos do repertório espontâneo do bebê, permite-lhe seleccionar aqueles cujo valor é eminentemente comunicativo, e faz com que o bebê desenvolva as suas competências interpessoais. Deste modo, a tarefa da mãe na interacção com o bebê não se limita ao garante da estimulação adequada, mas estende-se à atribuição de um sentido interpessoal que favorece “a abertura do bebê ao mundo humano” (Lebovivi, 1983, p. 113, cit. por Figueiredo, 2001).

O Papel da Mãe na Vinculação do Bebê

Foi **Melanie Klein** (1946), a primeira psicanalista a dar importância à observação de bebês, construindo um modelo teórico acerca do desenvolvimento mental do bebê baseado nas relações objectais.

Compreendeu que o bebê completamente dependente habita um mundo de profunda gratificação e de extremo desconforto, de terror até; dominado por arrebatados sentimentos de amor e ódio, e oscilando constantemente entre experiências de integração e desintegração, por vezes temendo pela sua própria sobrevivência. De forma muito simples, com o mamilo na boca, envolto por braços carinhosos, embalado pelo som da voz da mãe e pela gentil atenção dos olhos e da mente dela, o bebê experimenta o que é ser-se amado. Ganhará uma ideia de coerência, de possuir um centro, que poderá manter-se mesmo em caso de ausência temporária. Caso lhe falem suficientes experiências boas deste tipo, devido a uma ausência demasiado longa, por exemplo, ou por lhe ser insistentemente infligida dor e frustração, a experiência da falta de coisas boas torna-se, no bebê, uma impressão intensificada da activa presença persecutória de coisas más no interior dele. Como habita um mundo polarizado, a normal turbulência da vida infantil causa-lhe inevitável ansiedade, cuja intensidade apenas podemos supor (Wadell, 2003).

Foi **Bowlby** (1958) que introduziu pela primeira vez o termo *vinculação* ou *attachment*, referindo-se a um laço afectivo que uma pessoa, ou até mesmo um animal estabelece com outro individuo em particular.

Concorda com os antecessores em reconhecer a existência de necessidades primárias, indispensáveis, que têm de ser satisfeitas (de alimentação por exemplo). Ele sublinha no entanto que para além das necessidades identificadas como primárias, existe na realidade mais

uma, classificada até então como secundária: é a necessidade de vinculação. A originalidade de Bowlby consiste em propor a hipótese de que a necessidade de vinculação é também ela primária e fundamental para o desenvolvimento da personalidade (Golse, 2005).

Segundo o autor (1969) todos os bebés têm a capacidade para estabelecer vínculos com as figuras que lhes prestam cuidados, porém a qualidade desta relação depende da qualidade dos cuidados que essas figuras lhe prestam bem como o modo como o bebé as experiencia. O processo de desenvolvimento do bebé vai depender em grande parte da qualidade da relação.

A noção de figura de vinculação foi sendo progressivamente definida e, actualmente, ultrapassa largamente a figura da mãe. De acordo com Guedeney (2002/2004), “uma figura de vinculação é uma figura em direcção à qual a criança irá dirigir o seu comportamento de vinculação” (p.34). Qualquer pessoa que se envolva numa interacção social e viva e durável com o bebé pode transformar-se numa figura de vinculação; contudo, apesar da existência de múltiplas figuras de vinculação dentro de um grupo estável de adultos, existirá sempre a figura de vinculação privilegiada, com quem a criança estabelece a *relação de vinculação*.

Por sua vez, **Mary Ainsworth** defende que não parece razoável assumir que o bebé humano seja passivo, quando é sabido que outros bebés mamíferos são activos. Ainsworth desempenhou um papel muito importante na génese da teoria da vinculação, pois foi graças à sua colaboração com Bowlby que este autor percebeu outros conceitos vitais acerca da vinculação. Nos primeiros trabalhos de Bowlby, a emoção tem uma importância secundária. No entanto, através do contacto com Ainsworth, percebeu o lugar-chave da emoção da organização e expressão da vinculação. As emoções positivas mais específicas são o sentimento de segurança e a noção de bem-estar e conforto que dele decorrem. A proximidade é um indício externo espacial que remete para o estado interior de segurança, sendo que é a dupla noção de proximidade e segurança que indica qual o objectivo externo e interno do sistema de vinculação (Guedeney, 2002/2004).

A noção de segurança, conduz-nos a outro conceito muito importante introduzido por Ainsworth, o de *base de segurança*. Este conceito significa a confiança na ideia de que uma figura de apoio, protectora, estará acessível e disponível, e isto seja qual for a idade do individuo. Percebe-se como a proximidade física, necessária no início da vida, se torna progressivamente um conceito mentalizado e emocional, e se associa ao de acessibilidade. Se

a criança construiu uma base segura, então pode, confiante na disponibilidade da figura de vinculação, explorar o mundo que a rodeia (Guedeney, 2002/2004).

Para **Winnicott** (1958/2000), a mãe tem um papel essencial no desenvolvimento psíquico do bebê. Um lactente não existe sem mãe, não podendo o seu potencial inato revelar-se na ausência dos cuidados maternos. A mãe do recém-nascido está tomada pelo que Winnicott designa de uma “doença normal”, a *preocupação materna primária*. Esta, desenvolve-se durante a gravidez, dura algumas semanas após o nascimento e extingue-se progressivamente. Esta preocupação materna primária dá à mãe a capacidade de se colocar no lugar da criança e de responder às suas necessidades (Marcelli, 2005), necessidades essas que são, inicialmente fisiológicas, mas que se transformam, progressivamente, em necessidades do Eu (Abram, 2000). Isto pressupõe da parte da mulher que tem um recém-nascido, que ela possua o desejo e a capacidade de se desligar ou de renunciar a alguns dos seus interesses pessoais, a fim de os dirigir para a criança (Golse, 2005).

Por outro lado, a mãe desempenha também a *função de espelho* para a criança: trata-se da função de suporte que o Ego da mãe assegura junto ao Ego da criança. Quando o bebê ao peito vê o rosto da mãe, de alguma forma ele vê-se “como reflexo” no rosto materno. Isto corresponde ao estágio de identificação primária. Assim, após algum tempo, ao olhar o rosto da mãe ele poderá ver aí o seu próprio rosto, ou seja, o seu rosto no dela (Funck-Brentano, 2005). Para que um indivíduo possa olhar criativamente e ver o mundo, deve ter internalizado primeiro a experiência de ter sido olhado, que ocorre naturalmente nas primeiras semanas de interação mãe-bebê (Abram, 2000).

Winnicott (1960/1990) conceptualizou os termos *holding* (forma como a mãe segura e transporta o seu bebê) e *handling* (forma como a mãe acaricia e cuida o seu bebê), capacidades que a mãe deve possuir de modo a permitir um desenvolvimento saudável do aparelho psíquico do bebê. O *holding* corresponde ao apoio, ao amparar da criança, não só física mas também psiquicamente, encontrando-se a criança inicialmente incluída no funcionamento psíquico da mãe. O *handling* corresponde às manipulações do corpo: cuidados de higiene, vestir, mas também carícias, permutas cutâneas múltiplas. Este autor distingue ainda uma terceira função, a *object-presenting*, que caracteriza a capacidade da mãe em pôr o objecto à disposição do bebê no momento preciso: nem demasiado tarde de modo a que o

bebé suprima o seu desejo, nem demasiado cedo, retirando-se assim à criança a possibilidade de experimentar a necessidade e depois o desejo (Marcelli, 2005).

Caso a mãe interprete devidamente e com suficiente frequência a origem da aflição e da necessidade comunicadas, o bebé terá para além da experiência de alívio e conforto físico, a experiência de ser compreendido. A maioria das mães possui vulgarmente um certo nível de afinação inconsciente com as necessidades e as comunicações dos seus bebés, simplesmente em virtude do amor que sentem por eles. A noção, adiantada por Winnicott, de *mãe suficientemente boa* transmite precisamente este sentido. A mãe que responde e frustra o seu bebé na medida certa, que prevê as suas necessidades básicas, satisfazendo-as, mas também que frustra adequadamente o bebé, isto é, que proporcione ao bebé um espaço para que mostre as suas necessidades e crie uma identidade própria (Winnicott, 1960/1990).

Bion (1962/1991) procurou desenvolver uma teoria na qual é central a questão da formação de um aparelho psíquico e do progressivo desenvolvimento dos pensamentos.

O bebé já nasce com uma apetência para se relacionar, de se vincular aos seus prestadores de cuidados. Desde muito cedo ele procura dar sentido à sua existência, ligar-se ao que é humano e uma vez que é um ser frágil, com um aparelho mental rudimentar dado através dos órgãos dos sentidos, cabe aos pais e em particular à mãe, dar um significado às suas experiências emocionais. A identificação projectiva é para Bion, o primeiro modo de comunicação entre a mãe e o bebé, mas por outro lado também se trata de um processo que está na origem do pensamento, de forma a possibilitar um crescimento psíquico saudável.

No pensamento de Bion, o modelo do crescimento da mente torna-se alimentar, sendo a mente nutrida pelas experiências verdadeiras e envenenadas pelas falsas. A noção de Bion acerca do processo pelo qual ocorre este género muito particular de *pensamento* localiza-o na qualidade da comunicação original entre a mãe e o bebé, na disponibilidade do que equivale a um *peito pensante*. A mãe não oferece apenas ao bebé as suas qualidades francamente alimentares e afectivas, mas também o seu eu pensante, os estados mentais e emocionais que, ao absorverem o caos da vida psíquica do seu bebé, estabelecem uma condição preliminar para capacidades mais integradas, para um eu mais integrado. Para o bebé, dor física e dor psíquica são indistinguíveis. O facto de estar disponível um seio/mãe *pensante* que consegue absorver as projecções sem se deixar dominar por elas, tornando-as manejáveis e, de certa forma, devolvendo-lhe uma qualidade de experiência que lhe permite sentir-se livre do terror

e capaz de reintegração. Crucial para esta experiência de integração foi o facto da mãe ter, nesta ocasião, compreendido e contido a aflição do bebé. Um bebé que passe por essa experiência com suficiente frequência poderá assumir essas mesmas funções mentais. Conseguirá introjectá-las (Waddell, 2003).

A *capacidade de rêverie* da mãe é fundamental para o bebé elaborar o seu aparelho psíquico. Este é termo que Bion utiliza para o estado de espírito em que é possível à mãe manter-se inconscientemente em contacto com as evacuações ou comunicações de dor por parte do bebé, bem como com as suas expressões de prazer, recebendo-as, harmonizando-se com elas e saboreando-as, caso sejam calmas e carinhosas, ou modulando-as, caso sejam de aflição ou raiva e devolvendo-as ao bebé numa forma reconhecível e doravante tolerável (Waddell, 2003).

Segundo esta forma de ver as coisas, a mãe torna-se *contentor*, passando os impulsos e emoções fragmentárias do bebé a ser *contido*. Inicialmente a mãe pensa pelo bebé. Aos poucos, o bebé aprenderá a executar essa função sozinho, de modo a que mais tarde a mãe, ou o pai, possam pensar *com* ele (Waddell, 2003).

A mãe tem assim a função de transformar os elementos beta (elementos sensoriais brutos) em elementos alfa (elementos mentalizáveis uma vez que têm significado).

Para o bebé, o mundo externo é impregnado de experiências que lhe são fornecidas através dos sentidos (por exemplo, o estado de fome) e como a atenção dada pela mãe na interpretação/significação destas experiências pode ser determinante para o bebé associar uma experiência de prazer ou de desprazer na sua relação com a mãe. Estas experiências serão facilitadoras da constituição de um aparelho de pensar os pensamentos (Lourenço, 2005).

Brazelton & Cramer (1989/2001), estabelecem seis estados de consciência pelo qual o recém-nascido passa, possibilitando aos pais interagir com o seu bebé, tendo em conta a disponibilidade deste para se relacionar com o meio. Para estes autores “Os recém-nascidos não são imprevisíveis se tivermos em conta o estado de consciência em que se encontram quando reagem” (p.80) e afirmam igualmente que o estado de consciência pode ser encarado como um sistema de regulação básico.

Os seis estados de consciência que se relacionam com a disponibilidade do bebé para interagir com o meio são os seguintes.

1. **Sono profundo:** o bebé está de olhos fechados com uma respiração profunda e regular não havendo igualmente qualquer actividade motora. O bebé pode ter pequenos sobressaltos em intervalos regulares de segundos mas não acorda. Está relativamente inacessível a estímulos externos. Este estado de consciência tem como objectivo acalmar e organizar um sistema nervoso imaturo e vulnerável.
2. **Sono activo (sono REM ou de movimentos oculares rápidos):** o bebé apresenta um sono leve ou activo, permanece de olhos fechados mas estes têm movimentos rotativos lentos. A mobilidade corporal vai desde pequenos estremeções a períodos curtos em que o bebé se contorce e espreguiça. A respiração é irregular oscilando entre muito leve e mais agitada até do que na fase de sono profundo. Segundo investigações feitas, pensa-se que é neste estado de sono que ocorrem o crescimento e a diferenciação cerebral.
3. **Estado de sonolência ou intermédio:** o bebé tem os olhos semicerrados ou a abrirem-se mas parece estar adormecido. A respiração é regular, no entanto, mais acelerada e fraca do que no estado de sono activo. Se estimulado o bebé pode acordar permanecendo num estado propício às reacções exteriores.
4. **Acordado, em estado de alerta:** a cara e o corpo do bebé encontram-se calmos e inactivos sendo o olhar vivo e brilhante. Tanto os estímulos auditivos como os visuais promovem reacções no bebé. Este estado é o de maior interacção com os pais.
5. **Alerta, mas irritado:** é o estado anterior ao choro. O bebé está susceptível aos estímulos mas se a estimulação for em demasia, tende a recair num estado de irritação. Nesta fase, os bebés devem ser acalmados e acariciados com pouca intensidade.
6. **Choro:** este estado constitui-se como um modo muito eficiente do bebé atrair para si a atenção e ver satisfeitas as suas necessidades. O bebé pode chorar de várias formas que manifestam dor, fome, aborrecimento ou desconforto. Brazelton refere que, o choro do bebé despoleta nos pais preocupação, responsabilidade e culpa sendo que eles procuram logo acalmar o bebé de modo a sentirem-se seguros no seu papel.

A necessidade de se irem organizando gradualmente estes casos de consciência, traduzem a importância destes no normal desenvolvimento do bebé bem como na qualidade da relação

com os pais. O bebé aprende com o tempo a auto regular-se a partir do momento em que os pais são sensíveis aos seus ciclos de sono e vigília.

As competências dos recém-nascidos são muito importantes para o estabelecimento precoce de laços afectivos com os pais, sendo que no decorrer dessa interacção podem verificar-se características específicas que promovem a vinculação e, conseqüentemente, o saudável desenvolvimento psíquico do bebé.

De acordo com Brazelton & Cramer (1989), existem seis características essenciais da interacção precoce pais-bebé/bebés-pais:

Sincronia

A partir do momento em que os pais começam a identificar a “linguagem do bebé” que se manifesta nos seus comportamentos relativos à autonomia, estados de consciência, actividade motora e capacidade de concentração, estes passam a sincronizar os seus próprios estados de atenção e distração com os do bebé. Podem proporcionar a concentração e prolongarem a atenção até ao fim da interacção. Uma vez atingida a sincronia, os pais estão a dar o primeiro passo.

É através da evolução desta sincronia afectiva, que os pais promovem as condições necessárias e seguras para que o bebé possa sentir-se protegido, confiante e previsível nas suas respostas à interacção afectiva.

Simetria

Numa interacção a simetria não é equivalente quando se tem um adulto e um bebé. Por um lado os bebés são mais dependentes e por outro são os pais que têm mais tendência a iniciar a comunicação e o modo como esta se processa. “A simetria numa interacção significa que a capacidade de atenção, o estilo e a preferência da criança por estímulos ou por reacções influenciam essa interacção. Num diálogo simétrico, o progenitor respeita os limites da criança. Em consequência disto, ambas as partes estão interessadas em alcançar e manter a sincronia.” (Brazelton & Cramer, 1989, p.138). os autores constataram que, através das pesquisas realizadas, numa interacção saudável tanto a mãe como o pai empenham-se activamente em desenvolver uma boa contribuição e para que se sintam seguros, assumem-se responsáveis por esta simetria.

Contigência

Segundo os autores, são os estados de consciência que regulam o comportamento do bebé e permitem aos pais situarem-se face ao estado mental em que este se encontra para estabelecerem uma interacção. Por seu lado, vão-se desenvolvendo as funções autonómicas do bebé que ajudam-no a estabelecer as suas demonstrações afectivas com os seus sorrisos e vocalizações. O bebé vai assim conquistando interesse pelo meio que o rodeia bem como por si próprio. É através desta contigência de situações que o bebé atinge o seu autocontrolo e os pais aprendem a lidar com as iniciativas do bebé, tendo em conta as suas necessidades físicas e psicológicas.

Adesão

Os pais que conseguem atingir as anteriores características de interacção, começam agora a desenvolver a capacidade de antecipar as respostas do bebé em longas sequências. Uma vez que se tornem conhecedores das necessidades do outro, podem criar um ritmo e um conjunto de regras. Trata-se das famosas exclamações abebezada («oh-oh»; «lá-lá-lá»; ...), em que o estabelecer da adesão relaciona-se com o facto de cada um dos sujeitos (mãe, pai, bebé) utilizar a imitação dos ritmos e das vocalizações, para que a experiência emocional seja vivida com processos interacionais cada vez mais ricos. Deste modo, o bebé começa a entender que as suas emoções e as suas intenções repercutem-se no outro permitindo a descoberta de novos afectos e competências.

Jogos

Através da adesão criada entre mãe, o pai e o bebé, a sequência destes jogos tende a evoluir a originar regras que se estabelecem entre os elementos da comunicação, o que proporciona um melhor conhecimento de cada um (Stern, 1974b, cit. Por Brazelton & Cramer, 1989). “Se um dos parceiros inicia a interacção de um modo, o outro tende a responder do mesmo modo. Se a mãe sorri, o bebé sorri também. Se a mãe faz um sorriso rasgado, o bebé reage com um sorriso mais aberto. Ao terceiro sorriso da mãe, o bebé pode responder com um arrulho. Ao reconhecer que o jogo se alterou, a mãe arrulha também para o bebé, o qual altera então o tom da sua vocalização.” (Brazelton & Cramer, 1989, p. 141). Segundo Stern, existe um conjunto de regras que se estabelecem rapidamente e que cada um dos elementos a reconhece. A

frequência, timbre, intensidade da voz e duração da vocalização são determinadas por essas regras.

Com o desenvolver destes jogos, a mãe, o pai e o bebê aumentam o conhecimento de cada um. Os pais imitam e moldam-se ao bebê, este por seu lado aprende a dominar o progenitor e a própria interação, tornando-se mais autônomo.

MÉTODO

Delineamento

Esta investigação pretende ser um estudo de caso múltiplo, técnica que visa um estudo qualitativo de um número reduzido de sujeitos, sendo possível desta forma um conhecimento mais profundo do seu funcionamento psicológico e aceder de melhor forma à problemática em questão. É por isso um estudo descritivo e não experimental, pois não se prende com a manipulação de variáveis.

O estudo de caso é, segundo Leal (2004, p. 48), “a metodologia nobre da clínica psicológica”.

Como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenómenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. Não surpreendentemente, o estudo de caso vem sendo uma estratégia comum de pesquisa na psicologia, na sociologia, na ciência política, na administração, no trabalho social e no planeamento (Yin, 2001).

De acordo com Yin (2001), os estudos de caso são os mais indicados quando se pretende responder a questões do tipo “como” e “porquê”, na qual o pesquisador tem pouco controle sobre as situações e em que o foco são os fenómenos associados a um contexto de vida real.

“Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (Yin, 2001, p. 21)

No entanto, os estudos de caso têm sido encarados como uma forma menos desejável do que outro tipo de investigações. Uma das preocupações mais comuns em relação ao estudo de caso, é que estes fornecem pouca base para se fazer uma generalização científica. Yin (2001), responde a esta crítica dizendo que “os estudos de caso, da mesma forma que os estudos experimentais, são generalizáveis a proposições teóricas, e não a populações ou universos”, ou seja, “o objectivo do pesquisador é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística).”

O Estudo de caso foca-se em situações contextuais, neste caso, a interacção mãe-bebé. Pretende-se estudar os processos e aspectos relevantes na vivência da maternidade na adolescência, visando assim uma maior compreensão e actuação em casos futuros.

Uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso são as entrevistas. No entanto devem ser consideradas apenas como relatórios verbais (Yin, 2001). Estas podem assumir diversas formas, segundo Yin (2001):

- Podem ser conduzidas de forma espontânea em que o papel do entrevistado se aproxima mais de um “informante” do que de um “respondente”, onde poderá dar as suas opiniões e desenvolver os assuntos de forma livre.
- Um segundo tipo de entrevista, denominada em 1990 por Merton (cit. por Yin, 2001) é focal, e na qual o sujeito é entrevistado por um curto período de tempo, por exemplo, uma hora. Nestes casos as entrevistas são espontâneas e assumem um carácter de conversa formal, mas seguem um guião de perguntas que se orientam de acordo com o objectivo do estudo.
- Em terceiro, há um tipo de entrevista que exige uma maior estruturação das perguntas, sob a forma de um levantamento formal. A observação directa é muito útil para fornecer informações adicionais sobre o tópico que está a ser estudado, e ajudar a interpretar os resultados obtidos. Podem variar de actividades formais a actividades informais de recolha de dados.

Neste trabalho a entrevista é do tipo focal. Fazem-se algumas perguntas de modo a obter informações acerca das adolescentes, tais como: identificação (nome, morada, data de nascimento, habilitações literárias, profissão, etc) e alguns aspectos da história pessoal (antecedentes pessoais e familiares, com quem vive, etc.).

O Estudo de Caso, não é apenas uma técnica de recolha de dados ou uma fase do planeamento do estudo, mas sim uma estratégia de pesquisa abrangente (Stoecker, 1991 cit. por Yin, 2001). Enquanto estratégia de pesquisa tem um método que inclui uma lógica de planeamento com recolha de dados e análise de dados própria.

Caracterização da Amostra

A amostra deste estudo foi recolhida no Centro de Saúde do Lumiar, na Consulta de Saúde Materno-Infantil.

O processo de recolha dos participantes foi por conveniência, uma vez que era necessário que a mãe tivesse tido um bebé recentemente e que estivesse disponível para as

observações em sua casa, durante uma hora, uma vez por semana, num período de quatro semanas.

A amostra é constituída por quatro adolescentes, mães pela primeira vez, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, e os respectivos bebés. São jovens residentes no Conselho de Lisboa, Lumiar, com um nível sócio-económico médio-baixo e baixo.

Caracterização dos Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste trabalho foram a Entrevista de Estudo de Caso, e o Método de Observação de Bebés de Esther Bick. Para uma compreensão das observações realizadas, recorreu-se à Análise de Conteúdo e às tabelas das aulas da Dra. Ana Paula Rocha, baseadas numa série de grelhas, as quais serão descritas posteriormente.

Entrevista de Estudo de Caso

Consiste na recolha de dados relevantes para a compreensão do sujeito. Trata-se de uma entrevista semi-estruturada que deve decorrer naturalmente, como se de uma conversa se tratasse, e que tem como objectivo aceder à história do indivíduo, da sua família e da sua situação actual. Esta entrevista está organizada em várias áreas significativas, de maneira a compreender aquelas que foram as vivências da mãe durante a gravidez, parto e após o nascimento, assim como os sentimentos em relação à maternidade. (Anexo)

Método de Observação de Bebés de Esther Bick

A recolha dos dados foi realizada de acordo com o método de observação de Esther Bick, que tem como base a observação da relação mãe-bebé e inscreve-se na metodologia de pesquisa qualitativa.

Esther Bick, nasceu na Polónia em 1901, estudou psicologia em Viena e realizou a sua formação terapêutica na Inglaterra, onde começou a sua formação como psicanalista, vindo a ser membro didáctico da Associação Britânica de Psicanálise e da Associação Psicanalítica Internacional. Em 1948, a pedido de Jonh Bowlby, Esther Bick organiza a formação de psicoterapeutas infantis na clínica Tavistock, utilizando o método de observação de bebés ao domicílio, como base estruturante da formação dos terapeutas. Faleceu em 1983 e, até hoje, o seu método tem sido desenvolvido em vários países (Chbani, Pérez-Sánchez, 1998).

O método de observação de crianças desenvolvido por Bick introduziu uma nova forma de olhar os bebés. É um meio privilegiado para conhecer o início da vida psíquica e das relações, e, principalmente, para descobrir os mecanismos psicopatológicos do desenvolvimento emocional do bebé (Gonçalves-Cordeiro, 1998).

A descrição desse método encontra-se formatado em seu artigo “Notes on infant observation in psycho-analytic training”, de 1964. Bick criou este método, por considerá-lo importante aos estudantes de Psicoterapia Infantil, possibilitando compreender com maior clareza o comportamento não verbal e o brinquedo dos seus pacientes, bem como o contexto em que se organizam as primeiras relações (Chbani, Pérez-Sánchez, 1998). Para Bick (1962, 1969), a mãe prestadora de cuidados tem um papel importante na organização psíquica do bebé, esta primeira pele-psíquica materna surgindo como um funcionamento que procura organizar os conteúdos internos do bebé, separando-se do exterior. A organização desta primeira pele surge através da capacidade contentora da mãe, que passa também pela forma como segura, fala e toca o seu bebé.

Bracco (1997) aponta o Método Esther Bick como sendo sistematizado através de três aspectos fundamentais: observações semanais de uma família, elaboração de registos detalhados destas visitas e supervisões semanais do material com um grupo de colegas, sob a coordenação de um psicanalista (cit. por Appio & Matte, 1999). Em termos técnicos, o método elaborado por Bick consiste em observações semanais a uma determinada família no seu meio, desde o nascimento até aos dois anos de idade do bebé. Cada observação tem a duração aproximada de uma hora, sendo que as datas e os horários são preestabelecidos. Logo a seguir ao encontro com a mãe e o bebé, o observador deve redigir um texto com todas as informações possíveis captadas na hora da observação. Constarão factos detalhados das actividades que ocorrem na interacção, incluindo os diálogos. Esta transcrição só deverá ser feita a *posteriori*, para que a espontaneidade que ocorre na díade não seja prejudicada. O relatório serve de base para a discussão no grupo de seminário (Bick, 1964).

Esther Bick (1964, cit. por Lourenço, 2005) desenvolveu os seus modelos teóricos e fundamenta o método de observação de bebés na experiência emocional vivida no *setting* da observação, em três momentos distintos.

O primeiro é treinar a capacidade de observação de todos os conteúdos emergentes durante o período de observação, o que possibilita ao observador uma gama de factores

psicológicos que estão directamente relacionados com os objectos significativos para o desenvolvimento psíquico do bebé. A metodologia da observação de bebés através de uma visita semanal no meio habitual do bebé. No mesmo dia da semana, durante cerca de uma hora de observação, é pedido ao observador que se mantenha numa posição de neutralidade, não interferindo nos acontecimentos naturais da família, durante o período de dois anos.

O segundo momento, que começa ainda no tempo da observação, é a possibilidade de reter os factos ocorridos, neste momento sendo possível vivenciar o impacto emocional das vivências observadas entre os participantes da observação.

O terceiro momento corresponde à possibilidade de os pensar, registando os acontecimentos, posteriormente sendo realizada a leitura e a discussão da observação durante o debate no grupo de seminário, com objectivos de formação terapêutica e de discussão teórico-clínica.

De acordo com D'Allonnes (1989, cit. por Appio & Matte, 1999) tal como no estudo de caso, o Método Esther Bick tem como estrutura central a observação, na qual se privilegia uma postura de atenção, disponibilidade, escuta e olhar atento sobre a realidade. Para a autora, a observação auxilia na formação do pensamento científico, permitindo observar e sentir, antes de teorizar ou interpretar.

O que parece mais difícil de compreender é esta atitude de estar lá. Não se trata de uma presença muda e passiva, mas sim de uma presença atenta vigilante, que comunica o necessário para o desenvolvimento (Chbani, Pérez-Sánchez, 1998). E no mesmo seguimento de pensamento, também Lourenço (2005) reforça a escuta activa como fazendo parte do papel do observador. Esta escuta activa baseia-se num sério respeito pelos elementos da interacção, observando atentamente todos os movimentos para depois registar os conteúdos da realidade.

Na medida em que observar é saber, Esther Bick não fez mais que recordar que este é um trabalho científico. É impossível conhecer um fenómeno sem o observar (Chbani, Pérez-Sánchez, 1998).

Porém, a observação de bebés ou observação psicanalítica não é uma investigação sobre dados sensoriais e muito menos sobre factos externos (Chbani, Pérez-Sánchez, 1998).

Análise de Conteúdo

Berelson (1952) definiu a análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite “a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.” Adoptando esta mesma definição, Cartwright (1953) alarga o âmbito da análise de conteúdo na medida em que propõe a sua extensão a “todo o comportamento simbólico”. Trinta anos depois, Krippendorff (1980) definiu análise de conteúdo como “uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (Vala, 1999).

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). O trabalho a realizar na análise de conteúdo é semelhante ao trabalho de um arqueólogo. Trabalha-se com vestígios: os “documentos” que se podem descobrir ou suscitar (dependendo se são documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade como a comunicação ou se são documentos suscitados pelas necessidades do estudo, como por exemplo as respostas a questionários). Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenómenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. (Bardin, 2006).

Como em todas as análises de conteúdo, existe a possibilidade de se encontrarem fragilidades científicas: na medida em que qualquer olhar, apesar de ser baseado em referências teórico-clínicas objectivas, é sempre um olhar interpretativo, que não independente de quem olha, existindo sempre uma subjectividade implícita no observador (Lourenço, 2005).

No presente trabalho, a apresentação dos dados qualitativos da análise de conteúdo foi feita através de uma tabela que se baseou nas grelhas de interacção mãe-bebé, adaptada de Beckwith e tal. (1976), na Escala de Interacção Alimentar (IRSAL), na Grelha de Interacção de Lebovici/Bobigny (1983) e na Grelha de Observação mãe-bebé em interacção livre (Goisel, 1992), tendo sido efectuada pela Dra. Ana Paula Rocha no âmbito do Seminário de Monografia de 2003. A tabela apresentada em seguida, descreve as diversas categorias consideradas relevantes para a explicação da interacção da mãe com o seu bebé.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	Claras expressões imperativas dirigidas ao bebé.
	Críticas	Verbalizações críticas e hostis, dirigidas ao bebé ou referentes ao mesmo.
	Elogios	Comentários positivos explícitos sobre o desenvolvimento do bebé.
	Comentários	Qualquer verbalização que não seja nem comentário nem crítica.
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé	A mãe imita ou responde vocalmente a uma vocalização do bebé.
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	Festas, beijos, abraços, etc.
	Intrusivos	A mãe toca no bebé a fim de distrair ou inibir uma actividade. Inclui bater, retirar um objecto da mão, afastar de um sitio, etc.
	Estímulos Musculares	Posicionamento do bebé sentado ou em pé, de forma a que este deva suportar pelo menos parcialmente o peso do corpo.
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	Olhar da mãe direccionado para o bebé.
	Sorriso	Sorrisos da mãe direccionados para

		o bebé.
	Amamentar Alimentar	Comportamentos da mãe que têm como objectivo amamentar o bebé.
	Cuidar	Comportamentos da mãe que têm objectivos unicamente funcionais relativamente ao bebé.. Mudar a fralda, tapar o bebé, dar banho, etc..
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebé	Tácteis	Festas repetitivas, movimentos de embalar, etc.
	Verbais	Respostas verbais da mãe com objectivo de dar conforto ao bebé.
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	Referência ao pai, principalmente dirigida ao bebé.
	Observador	Referência do observador dirigida ao bebé ou interacção da observadora com o bebé.
	Outros	Referência de outros elementos dirigidos ao bebé ou presença de outros elementos.
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	Mãe apresenta o objecto de forma a encorajar a exploração táctil e visual ou proporcionando estimulação auditiva.
	Liberdade de Movimentos	O bebé está no chão, na cama, ou na cadeirinha, sem restrição de movimentos.

Linguagem do Bebé	Vocalizações	Vocalizações ou sons emitidos pelo bebé.
	Choro	Choro e vocalizações de desconforto por parte do bebé.
Comportamentos do Bebé	Movimentos	Movimentos livres do bebé.
	Toque	Movimentos do bebé que têm como objectivo tocar a mãe.
	Olhar	Olhar do bebé dirigido à mãe ou a qualquer outro objecto
	Sorriso	Sorrisos do bebé dirigidos à mãe ou a qualquer outro elemento presente ou objecto.
	Sugar/Mamar	Movimentos da boca do bebé que têm como objectivo a amamentação. Mamar, chuchar, sugar, etc.
	Vigília/Sono	Comportamentos que identificam o estado do bebé, ou de vigília ou de sono.
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	Mãe e bebé olham-se simultaneamente nos olhos.
	Sorriso Mútuo	Mãe e bebé sorriem simultaneamente durante o episódio de olhar mútuo.
	Jogo/Brincadeira	A mãe chama a atenção e estimula o bebé sem usar objectos, como uma brincadeira animada e divertida ou a

		mãe e o bebé estão envolvidos simultaneamente em brincadeira/jogo com objectos.
	Contacto Pele/Pele	Contacto corporal, nomeadamente através da pele, entre mãe e bebé.
Relação Mãe/Observador	Fala	Comentários da mãe dirigidos ao observador.
	Comportamentos	Comportamentos da mãe dirigidos ao observador.
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	Localização temporal da observação.
	Duração da Observação	Duração da Observação.
	Local	Localização espacial da Observação.

Tabela 1: Descrição das categorias e sub-categorias da grelha de análise

Procedimento

Relativamente ao procedimento, este foi realizado em quatro fases, as quais passo a descrever.

A primeira iniciativa ocorreu junto à Enfermeira Chefe, responsável pela consulta infantil, do Centro de Saúde do Lumiar, com o propósito de informar e esclarecer o objectivo de trabalho e a sua metodologia e conseguir autorização para a recolha de dados. Depois de obtida a concordância do serviço, juntamente com a enfermeira responsável, fez-se uma pesquisa sobre quais as mães que se enquadravam para participar no estudo.

As mães foram contactadas por telefone pela enfermeira, que fez uma pequena referência ao objectivo do trabalho, em que consistiria a sua participação e se estariam disponíveis. Após contacto telefónico, uma enfermeira do serviço comunitário, acompanhou-me até a casa das adolescentes, onde tive a oportunidade de dar a conhecer e explicar de forma mais detalhada o que já tinha sido dito anteriormente pela enfermeira. Foi-lhes garantido o anonimato e confidencialidade e que os dados recolhidos seriam exclusivamente usados para o estudo em questão. O estudo de cada caso assentou em cinco sessões de uma hora, sendo a primeira uma entrevista semi-directiva e as restantes as observações. Após as participantes terem aceite, combinou-se um dia da semana fixo e uma hora fixa para a realização das observações. A hora foi combinada, tendo em vista a hora da amamentação ou do banho.

Os registos detalhados da interacção foram transcritos após cada observação, tentando reproduzir ao máximo todos os comportamentos observados, sem que fossem tiradas conclusões, ou feitos comentários e juízos de valor.

Por último, as transcrições das observações realizadas foram submetidas a uma análise de conteúdo, cuja apresentação foi feita através da tabela construída pela Dra. Ana Paula Rocha no âmbito do Seminário de Monografia. A análise e interpretação foram baseadas nos construtos teóricos abordados.

RESULTADOS

Observação da interacção Mãe-Bebé

Em seguida apresenta-se a tabela com os valores totais referentes às tabelas de análise de conteúdo correspondentes às quatro observações do Caso A (Anexo A), composto pela mãe Maria e Alexandre.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	1
	Críticas	3
	Elogios	
	Comentários	17
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé	
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	2
	Intrusivos	12
	Estímulos Musculares	4
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	8
	Sorriso	2
	Amamentar Alimentar	22
	Cuidar	26
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebé	Tácteis	13
	Verbais	1
Introdução de	Pai	

um 3º Elemento pela Mãe	Observador	
	Outros	9
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	
	Liberdade de Movimentos	
Linguagem do Bebê	Vocalizações	6
	Choro	20
Comportamentos do Bebê	Movimentos	9
	Toque	
	Olhar	17
	Sorriso	3
	Sugar/Mamar	30
	Vigília/Sono	17
Comportamentos da Interação Mãe/Bebê	Olhar Mútuo	2
	Sorriso Mútuo	
	Jogo/Brincadeira	1
	Contacto Pele/Pele	4
Relação Mãe/Observador	Fala	10
	Comportamentos	

Tabela 2: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso A

Ao examinar a tabela com os valores totais das tabelas de análise de conteúdo desta díade, verifica-se que esta mãe é significativamente comunicativa com o bebé, principalmente através dos comentários. Tece algumas críticas, e não expressa nenhum elogio. Tem apenas uma resposta contingente a uma vocalização do bebé.

Os comportamentos tácteis da mãe são comportamentos intrusivos na maior parte das vezes, embora apresente alguns comportamentos de afecto e de estímulos musculares. Esta mãe olha com alguma frequência para o seu bebé, verificando-se pouco o sorriso para o mesmo. Cuida significativamente do seu bebé.

A mãe responde de forma táctil ao desconforto do bebé. Apenas numa das observações respondeu verbalmente ao incómodo do bebé.

A introdução de um terceiro elemento é realizada relativamente à presença e ao discurso efectuado com o irmão, ou com visitas (numa das observações). Não é feita nenhuma referência ao pai do bebé.

No que diz respeito às acções do bebé, o Alexandre vocaliza em todas as observações. Do mesmo modo, também chora em todas as observações, com mais intensidade na segunda e na terceira. É um bebé que não toca e sorri pouco para a mãe. Exibe alguns movimentos sendo no entanto o olhar, o comportamento que mais manifesta, embora não sejam todos direccionados à mãe. Durante a amamentação, mama com força, apesar de a amamentação nunca acontecer de forma contínua e sem interrupções.

Quanto à interacção mãe-bebé, não se verificam nas quatro observações o sorriso mútuo, e são apenas duas as vezes, em que mãe e filho trocam olhares em simultâneo. Os momentos de interacção surgem geralmente no contacto pele/pele. Há apenas um momento de interacção através do jogo/brincadeira, durante a segunda observação, onde a mãe chama a atenção e estimula o bebé, sem usar objectos, numa brincadeira onde faz sons e mímicas faciais.

A relação da mãe com o observador é significativa, existindo diversos momentos de comunicação.

Seguidamente apresenta-se a tabela com os valores totais correspondentes às tabelas de análise de conteúdo correspondentes às quatro observações do Caso B (Anexo B), composto pela díade Maria e Iara.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	2
	Críticas	1
	Elogios	3
	Comentários	30
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé	1
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	4
	Intrusivos	1
	Estímulos Musculares	4
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	5
	Sorriso	1
	Amamentar	19
	Alimentar	
	Cuidar	39
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebé	Tácteis	2
	Verbais	3
Introdução de um 3º Elemento	Pai	12
	Observador	1

pela Mãe	Outros	
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	1
	Liberdade de Movimentos	5
Linguagem do Bebê	Vocalizações	6
	Choro	12
Comportamentos do Bebê	Movimentos	30
	Toque	
	Olhar	11
	Sorriso	5
	Sugar/Mamar	17
	Vigília/Sono	1 2
Comportamentos da Interação Mãe/Bebê	Olhar Mútuo	7
	Sorriso Mútuo	2
	Jogo/Brincadeira	3
	Contacto Pele/Pele	5
Relação Mãe/Observador	Fala	12
	Comportamentos	

Tabela 3: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso B

A partir da tabela relativa aos valores totais, verifica-se que em todas a mãe comunica bastante com a bebé, maioritariamente através de comentários. Na segunda e na quarta observação, a mãe elogia a bebé. As afirmações directivas e as críticas observam-se apenas numa das observações. Somente numa das observações, a mãe responde às vocalizações da bebé.

Relativamente aos comportamentos tácteis, a mãe utiliza-os algumas vezes, sendo os afectos e os estímulos musculares usados nas mesmas proporções. Observam-se poucos comportamentos intrusivos da mãe (apenas um) nas quatro observações.

Ao analisar os outros comportamentos da mãe, verifica-se que esta olha algumas vezes para a filha e sorri pouco. É uma mãe que cuida bastante da bebé.

Face ao desconforto da bebé, a mãe responde mais verbalmente do que através do contacto físico. As respostas verbais vão no sentido da mãe dizer que aquele momento de desconforto é passageiro.

O pai está presente em todas as observações e colabora com a mãe nas tarefas. Durante as observações, o pai interage com a mãe e a bebé, e a mãe interage com o pai, envolvendo-o na relação com a bebé. Na ausência do pai, a mãe faz referência do mesmo à bebé, uma vez. Também numa das observações a mãe refere a presença do observador à bebé.

A mãe deixa a bebé na cama algumas vezes, e unicamente na segunda observação, apresenta um objecto á bebé na hora do banho.

A Iara vocaliza pouco nas primeiras três observações, porém na quarta já vocaliza mais. A Iara chora nas três últimas observações. Geralmente o choro expressa sinais de fome ou sono.

È um bebé muito activo. Movimenta-se bastante, sendo a última observação, aquela em mais se movimenta. O toque não se verifica em nenhuma das quatro observações e algumas vezes o bebé sorri. O olhar verifica-se sobretudo quando a bebé está a mamar ou a ouvir a mãe. Durante a amamentação, a bebé está normalmente sossegada, mamando de uma forma sistemática e com poucas interrupções. A bebé costuma largar o mamilo, dando sinais de que está satisfeita. Esteve bem desperta na maior parte das observações. Apenas na segunda observação se mostrou mais sonolenta durante a amamentação. A mãe interage com a bebé durante as observações, principalmente através do olhar e do contacto pele/pele. Em

duas das observações a mãe brinca com a bebé sem utilizar objectos. Existem também dois episódios de sorrisos mútuos.

A mãe fala significativamente com o observador, principalmente para explicar ou justificar o comportamento da bebé ou o seu.

Apresenta-se abaixo a tabela referente aos valores totais correspondentes às tabelas de análise de conteúdo correspondentes às quatro observações do Caso C (Anexo C), composto pela díade Isabel e Gabriel.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	4
	Críticas	
	Elogios	
	Comentários	3
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé	
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	11
	Intrusivos	
	Estímulos Musculares	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	10
	Sorriso	3
	Amamentar	21
	Alimentar	

	Cuidar	31
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis	15
	Verbais	1
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	
	Observador	
	Outros	3
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	
	Liberdade de Movimentos	3
Linguagem do Bebê	Vocalizações	4
	Choro	14
Comportamentos do Bebê	Movimentos	16
	Toque	
	Olhar	10
	Sorriso	
	Sugar/Mamar	25
	Vigília/Sono	19
Comportamentos da Interação Mãe/Bebê	Olhar Mútuo	2
	Sorriso Mútuo	1
	Jogo/Brincadeira	1
	Contacto Pele/Pele	1
Relação	Fala	7

Mãe/Observador	Comportamentos	
----------------	----------------	--

Tabela 4: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso C

Em todas as observações, a mãe comunica pouco com o bebé através da linguagem, havendo inclusive uma observação, a terceira, em que a mãe não interage verbalmente com o filho. Tem uma utilização ligeiramente superior de afirmações directivas, comparativamente aos comentários.

Os comportamentos tácteis da mãe, já são mais significativos. Não apresenta comportamentos intrusivos, estimula muscularmente o bebé apenas uma vez, e revela bastantes comportamentos de afecto para com o filho. Em todas as observações a mãe revela comportamentos de carinho. Ao analisar-se os outros comportamentos da mãe, verifica-se que esta olha significativamente para o bebé, mas sorri pouco, apenas na segunda e na terceira observações. É possível observar que é uma mãe que cuida bastante da bebé, ao longo de todas as observações. Face às situações de desconforto do bebé, as respostas da mãe são tácteis. O desconforto que o bebé sente na maior parte das vezes e a razão pela qual ele chora, está relacionada com as cólicas que sente. No conjunto das observações, a mãe responde verbalmente ao mal estar do filho, apenas uma vez.

Não há introdução do terceiro elemento, e o valor que se encontra na tabela é relativo à presença de amigos numa das divisões da casa. A sua presença fez-se notar durante a primeira observação.

A Sílvia não apresenta objectos ao Gabriel.

Relativamente à linguagem do bebé, este vocaliza pouco. Nas primeiras duas observações não vocaliza, sendo a quarta, aquela em que ele vocaliza mais. O bebé chora significativamente, na maior parte das vezes devido às dores que sente, principalmente na segunda e na terceira observações.

Quanto aos comportamentos do bebé, o Gabriel é bastante activo, o que faz com que os movimentos contituam uma porção significativa dos seus comportamentos. O toque não se

verifica em nenhuma das quatro observações e o sorriso também não. O olhar é significativo e verifica-se principalmente no momento da amamentação.

A mãe comunica pouco com o observador e não apresenta nenhum comportamento em relação ao mesmo.

Por último apresenta-se a tabela com os valores totais das tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações do Caso D (Anexo D), composto pela díade Ana e Mariana.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	12
	Críticas	
	Elogios	
	Comentários	7
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê	
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	1
	Intrusivos	3
	Estímulos Musculares	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	9
	Sorriso	1
	Amamentar	17
	Alimentar	
	Cuidar	21

Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis	2
	Verbais	1
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	1
	Observador	
	Outros	2
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	
	Liberdade de Movimentos	
Linguagem do Bebê	Vocalizações	4
	Choro	5
Comportamentos do Bebê	Movimentos	10
	Toque	
	Olhar	10
	Sorriso	2
	Sugar/Mamar	24
	Vigília/Sono	23
Comportamentos da Interação Mãe/Bebê	Olhar Mútuo	4
	Sorriso Mútuo	6
	Jogo/Brincadeira	
	Contacto Pele/Pele	9
Relação Mãe/Observador	Fala	53
	Comportamentos	3

Tabela 5: Valores Totais referentes às tabelas de análise de conteúdo do Caso D

Relativamente a esta díade, a mãe comunica consideravelmente com a filha, sobretudo através de directivas e de comentários, embora estes em menos número. Trata-se de uma mãe que não elogia, não critica e não se verificam respostas contingentes às vocalizações da bebé.

Os comportamentos tácteis da mãe não são expressivos, sendo os comportamentos intrusivos aqueles que se observam mais. Quanto aos outros comportamentos desta mãe, verifica-se que esta olha algumas vezes para a bebé e sorri apenas uma vez, numa das observações. Cuida bastante da bebé.

Face ao desconforto da bebé a mãe responde mais de uma forma táctil do que verbal, embora a diferença não seja expressiva.

Há introdução do terceiro elemento apenas duas vezes, uma em relação ao pai e outra em relação à avó.

A bebé vocaliza em todas as observações, à excepção da segunda observação. É uma bebé que chora apenas nas últimas duas observações.

É uma bebé que demonstra alguma actividade e olha com alguma frequência para a mãe. Não toca a mãe e sorri poucas vezes. Durante a amamentação costuma estar calma, mas mama com força. Aconteceu em duas observações estar a acordar e em outras duas adormecer no final, enquanto mamava.

Os comportamentos característicos da interacção mãe-bebé ocorrem essencialmente através do contacto pele/pele, havendo também troca de olhares e sorrisos, ocorrendo quase todos na segunda observação. Não há por parte da mãe nenhum comportamento de jogo/brincadeira.

A relação da mãe com o observador é bastante significativa. A mãe passa grande parte do tempo da observação a conversar com a observadora sobre variadíssimos assuntos relacionados com a bebé, a família, o namorado, e sobre ela mesma, chegando mesmo a referir que é uma companhia para ela e lamenta na última observação, já estar no fim! A mãe tem também alguns comportamentos em relação ao observador. Pede-lhe algumas vezes que pegue na bebé, enquanto realiza outras actividades, como por exemplo telefonar à mãe.

DISCUSSÃO

Caso A

A Maria é uma mãe que cuida significativamente do bebê “*A mãe deitou-o no colo e começou a despi-lo para lhe tirar a fralda.*”; “*A mãe encostou-o ao ombro e dava-lhe palmadinhas nas costas.*”. Mas a mãe não pode oferecer apenas ao bebê as suas qualidades francamente alimentares, mas também o seu eu pensante, os estados mentais e emocionais que, ao absorverem o caos da vida psíquica do seu bebê, estabelecem uma condição preliminar para capacidades mais integradas, para um eu mais integrado (Bion 1962/1991). Esta mãe não parece fazer estes movimentos, por uma série de fatores que serão mencionados já a seguir.

A mãe, tira pouco prazer do momento de amamentação. Fica grande parte do tempo atenta à televisão “*Olhava de vez em quando para a televisão.*”; “*e começou a prestar atenção à televisão.*”; “*enquanto a mãe via televisão.*”; “*Com a boca aberta procurava o mamilo. A mãe esticou-se para alcançar o comando da televisão que estava na ponta do sofá. Ligou a televisão.*”, e é muitas vezes intrusiva nesse período. “*Puxou-lhe a manga da camisola para cima e o braço estava também repleto de pequenas borbulhas. Voltou a puxar a manga da camisola para baixo. Com o movimento, o mamilo saiu da boca do Alexandre, que começou a chorar.*”; *Olhando para ele, afastou o peito do Alexandre, que com os olhos e a boca bem abertos, tentava encontrar novamente o mamilo. A mãe riu-se e voltou a dar de mamar ao Alexandre...*”; “*A Maria reparou em algumas peles que o Alexandre tinha na cabeça e começou a tirá-las do cabelo.*”; “*A mãe tirou-lhe o gorro e penteou-lhe o cabelo.*”; “*Com a ponta da unha, tentou tirar alguma coisa da narina do Alexandre.*”. Em todas as observações, a amamentação é interrompida por este tipo de comportamentos intrusivos. Segundo Soares e Jongenelen, (1998), as mães adolescentes parecem utilizar mais estratégias educativas do tipo punitivo e apresentar comportamentos fisicamente mais intrusivos, revelando ao mesmo tempo um menor conhecimento sobre o desenvolvimento da criança.

Há poucos comportamentos de afecto. Segundo Klein (1946), o bebê experimenta o que é ser-se amado pelo simples facto de ter o mamilo na boca, estar envolvido nos braços da mãe no seu olhar e também através da sua voz. Ganhará uma ideia de coerência, de possuir um centro, que poderá manter-se mesmo em caso de ausência temporária. Caso lhe falem suficientes experiências boas deste tipo, devido a uma ausência demasiado longa, por

exemplo, ou por lhe ser insistentemente infligida dor e frustração, a experiência da falta de coisas boas torna-se, no bebé, uma impressão intensificada da activa presença persecutória de coisas más no interior dele. Como habita um mundo polarizado, a normal turbulência da vida infantil causa-lhe inevitável ansiedade, cuja intensidade apenas podemos supor (Wadell, 2003).

O aspecto interactivo e recíproco, vital para o estabelecimento da relação mãe-bebé, traduz-se na sucessão de constantes “feedbacks”: toda a mãe, num face-a-face saudável com o seu bebé, não poderá impedir-se de comunicar com ele jogando com o seu próprio comportamento. Se não experimentar prazer nesse jogo então este estará condenado a uma curta duração, como condenada estará toda a interacção (Relvas, Alarcão & Sá, 1997). O bebé olha à sua volta três vezes mais, *“O Alexandre olhava o tecto e movimentava a cabeça em redor.”*; *“... E o olhar estava dirigido para a roupa da mãe.”*, do que olha para a mãe. Em duas das observações, vai fechando os olhos enquanto mama e acaba por adormecer. Porém é curioso verificar, que apesar de pouco estimulado, o Alexandre responde e tenta interagir com a mãe. *“Começou a fazer caretas e sons ao Alexandre que olhava para ela e ria.”*; *“... dizia a mãe numa linguagem abebezada enquanto olhavam um para o outro.”*; *“Enquanto (a mãe) falava com o Alexandre, este olhava para a mãe.”*; *“Ao ouvir a voz da mãe, ficou mais atento ao seu rosto e por breves segundos deixou de fazer beicinho.”*; *“ O Alexandre encostou a mão na roupa da mãe.”*; *“A mãe deitou-o no colo de barriga para baixo, enquanto falava com a prima. Dava-lhe palmadinhas no rabo. O Alexandre estava sossegado e de vez em quando emitia alguns sons. Fazia força com a cabeça e deixava-a pendente por alguns segundos e de novo voltava a fazer força com a cabeça.”*.

Bion (1962/1991) refere que o bebé já nasce com uma apetência para se relacionar, de se vincular aos seus prestadores de cuidados. Desde muito cedo ele procura dar sentido à sua existência, ligar-se ao que é humano. O Alexandre vocaliza algumas vezes, o que segundo Bowlby (1958), é uma forma do bebé informar a mãe do seu desejo de interacção, sendo que as vocalizações promovem a proximidade entre os dois *“...de vez em quando emitia alguns sons.”*; *“O bebé deu um grito...”*; *“ Ao mudar de posição, o Alexandre vocalizou, (hã).”*. Este bebé parece fazer esse movimento, respondendo às interacções da mãe também através do olhar. Sempre que a mãe fala, o Alexandre fica atento à conversa da mesma, Os bebés, logo que nascem, demonstram, então, serem capazes de aprender desde que, à sua volta, haja expectativas, emoções e disponibilidade para fazer laços necessariamente afectivos,

preferindo o rosto e a voz humana, em particular os da mãe, a qualquer outro estímulo (Reis, 2003), e tentando de alguma forma chamar a sua atenção, por exemplo através do choro. Este estado constitui-se como um modo muito eficiente do bebé atrair para si a atenção e ver satisfeitas as suas necessidades. O bebé pode chorar de várias formas que manifestam dor, fome, aborrecimento ou desconforto. Brazelton refere que, o choro do bebé despoleta nos pais preocupação, responsabilidade e culpa sendo que eles procuram logo acalmar o bebé de modo a sentirem-se seguros no seu papel. E apesar de muitas vezes ser o comportamento intrusivo da mãe, que leva o bebé a chorar, esta procura responder ao desconforto do bebé, geralmente com comportamentos tácteis “ *Levantou-o, encostou a sua cabeça no ombro, enquanto lhe dava palmadinhas nas costas.*”; “ *Deitou-o no colo, e sentada no sofá, embalava-o.*”; “ *A mãe voltou a encostar o mamilo na boca do Alexandre.*”.

Não há introdução do terceiro elemento. A mãe nas quatro observações não refere o pai, nem outra pessoa ao bebé. As cotações na tabela, são referentes à presença do irmão na sala e o facto de a mãe lhe pedir que faça determinadas coisas.

A mãe fala algumas vezes ao observador.

Caso B

Esta mãe parece ser uma mãe suficientemente boa segundo Winnicott (1960/1990), uma vez que atende às necessidades da bebé de forma adequada e tem uma postura empática, tranquilizando a bebé, quando esta mostra sinais de desconforto. A mãe interpreta devidamente e com suficiente frequência a origem da aflição e necessidade comunicadas. O bebé terá para além da experiência de alívio e conforto físico, a experiência de ser compreendido. “ *A Iara começou a chorar. A mãe começou a limpá-la, perguntando: Então Iara? O que se passa?*”; “ *Pronto filha. As gotas lembraram-te que está na hora de comer...Pois é? Está quase filha!*”; “ *A mãe pegou nela a vertical. A Iara parou de chorar.*”

A mãe parece conhecer os estados de consciência da bebé, de que falam Brazelton & Cramer (1989/2001), pois parece anteceder os comportamentos da filha, “ *Ela hoje comeu um pouco mais cedo e estamos a adiantar as coisas porque é capaz de sentir fome mais cedo.*”; “ *Estava mesmo a ver que isto ia acontecer. Parece que tem um relógio na barriga! Não falha!*”; “ *Agora adormece num instante!*”. Para estes autores “Os recém-nascidos não são

imprevisíveis se tivermos em conta o estado de consciência em que se encontram quando reagem” (p.80) e afirmam igualmente que o estado de consciência pode ser encarado como um sistema de regulação básico.

Esta mãe estimula muito a sua bebé através de comentários e alguns elogios. Nesta diáde claramente se observa a evolução da linguagem materna. Como dizem Relvas, Alarcão e Sá (2004), a mãe transforma o seu monólogo verbal num diálogo imaginário, traduzido em tempos de espera que correspondem às respostas imaginárias do bebé, na perspectiva de um diálogo futuro. “*Onde está a tua escova?*”; “*O banho já está! Queres brincar um bocadinho na água?*”; “*O que queres? Esta camisola já te está a ficar pequena, não é?*”; “*Vamos pôr o creme...*”. Também através de frequentes perguntas, a mãe está, a incentivar o bebé para a interacção, procurando implicá-lo no seu discurso (Snow, 1972; Rheingold & Adams, 1980; Stern et al., 1982, cit. por Figueiredo, 2001).

No entanto, este monólogo transformado em diálogo imaginário, é contudo, função do próprio bebé, como explicam os autores referidos anteriormente. É possível verificar este facto, nas intervenções da mãe, incentivadas pelo comportamento da bebé. “*Mexia-se enquanto a mãe a vestia. Mãe - O que queres? Esta camisola já te está a ficar pequena, não é?*”; “*A Iara mamou pouco. Mãe - Já não queres mais?*”; “*A bebé movimentava as mãos e vocalizava (hã). Mãe - Hã? Hã o quê? Que queres? Respondeu a mãe à bebé.*”

Durante as observações, verifica-se que a mãe tem um *holding* positivo (Winnicott 1969/1990), que facilita o desenvolvimento e autonomia da bebé. O *handling* também é bem conseguido, quer na amamentação, quer no banho, uma vez que a mãe cuida e toca a bebé de uma forma afectuosa e adequada, preocupando-se com o seu bem estar. “*Vamos pôr o creme? – Perguntou a mãe, começando a espalhar o creme pelo corpo.*”; “*...Pegou nela encostou-a ao peito e a Iara começou logo a mamar... A mãe olhava para ela.*”; “*A mãe sentou-se encostada à cama, deitou a bebé e começou a dar de mamar. Assim que sentiu o mamilo a bebé começou a mamar com bastante força e parou de chorar. Mãe - Pronto!*”

A mãe não oferece apenas ao bebé as suas qualidades francamente alimentares e afectivas, mas também o seu eu pensante. O bebé não tem a capacidade de distinguir dor física e dor psíquica. Elas são indistinguíveis. O facto de estar disponível um seio/mãe *pensante* que consegue absorver as projecções sem se deixar dominar por elas, tornando-as manejáveis e, de certa forma, devolvendo-lhe uma qualidade de experiência que lhe permite

sentir-se livre do terror e capaz de reintegração (Bion, 1962/1991). A mãe consegue manter-se inconscientemente em contacto com as evacuações ou comunicações de dor por parte do bebé, bem como com as suas expressões de prazer, recebendo-as, harmonizando-se com elas e saboreando-as, caso sejam calmas e carinhosas, ou modulando-as, caso sejam de aflição ou raiva e devolvendo-as ao bebé numa forma reconhecível e doravante tolerável. Esta capacidade de rêverie é possível observar na relação que a mãe estabelece com a sua bebé, dando significado e tornando mentalizáveis (elementos alfa), os elementos sensoriais brutos (elementos beta). *“Mexia-se mais e continuava a chorar. Mãe - Calma! Já vais comer... Estava mesmo a ver que isto ia acontecer. Pegou nela ao colo...Assim que sentiu o mamilo a bebé começou a mamar com bastante força e parou de chorar. Mãe - Pronto!”*; *“A Iara estava cada vez mais irrequieta. A mãe pegou nela, encostou-a ao peito e a Iara começou logo a mamar.”*

O pai está presente em todas as observações e colabora com a mãe nas tarefas. Enquanto cuidam da bebé, falam entre si acerca da mesma e de assuntos relacionados com eles. Pelo facto do pai ter um papel activo e mostrar-se dedicado, tanto à mãe, como à bebé, é possível falar em unidade originária (Chbani & Perez-Sánchez, 1998). *“O pai já estava a preparar as coisas para o banho.”*; *“É melhor tirá-la da água que já está a ficar fria.”*; *“Enquanto falavam (mãe e pai) a Iara mexia-se ligeiramente...”*; *“O pai começou a brincar com ela, enquanto a mãe preparava a roupa para o banho”*. Há uma única observação, a última, em que o pai não estava em casa. A mãe refere a ausência do mesmo à bebé. *“Pois é? Pois é? (dirigindo-se à Iara) O pai ficou na conversa e nunca mais vem!”*

Iara é uma bebé activa, que se movimenta bastante. *“A bebé movimentava-se. Mexia os braços e as pernas.”*; *“A Iara mexia os braços na água, fazendo com que alguma água saltasse fora da banheira.”*; *“Batia com os pés no fundo da banheira e impulsionava o corpo para trás”*. Esteve sempre desperta nas observações, tanto no início como no final, à excepção da segunda observação, em que adormeceu a mamar. É uma bebé atenta ao que acontece à sua volta *“A Iara mexia a cabeça e olhava à sua volta.”*, mas principalmente atenta ao discurso materno, *“A Iara olhava para a mãe, enquanto esta falava com ela.”*; *“A Iara olhava para a mãe e desviava o olhar. Voltava a olhar para a mãe.”*; *“A Iara olhava para a mãe e desviava o olhar. Voltava a olhar para a mãe.”* Os bebés, logo que nascem, demonstram, então, serem capazes de aprender desde que, à sua volta, haja expectativas,

emoções e disponibilidade para fazer laços necessariamente afectivos, preferindo o rosto e a voz humana, em particular os da mãe, a qualquer outro estímulo (Reis, 2003).

Na interacção, mãe e bebé utilizam o olhar, como o modo de comunicação privilegiado. Mas também comunicam através do contacto pele/pele, do sorriso e de algumas brincadeiras. Como diz Sá (2003), os bebés já nascem a falar. E claramente se vê, que a Iara fala com a mãe e com o pai através dos olhos “*A Iara escutava atentamente a mãe e olhava para ela.*”, pelos gestos “*Uma das mãos estava sobre o peito da mãe.*”, pelo corpo “*Mexia os braços e as pernas.*”, pelo choro “*A Iara começou a chorar. A mãe pegou nela a vertical. A Iara parou de chorar.*” e pelo sorriso “*Sorria enquanto a mãe falava com ela.*”. A Iara não só “falava” quando respondia aos estímulos, mas também quando entrava em contacto com as figuras parentais “*A Iara ficou a olhar para a mãe e riu-se. A mãe riu-se para ela.*”.

É possível verificar uma evolução a nível das capacidades e comportamentos da bebé, que vão aumentando desde a primeira até à última observação. Esse facto, verifica-se por exemplo com as vocalizações da bebé, que nas primeiras três observações vocaliza somente uma vez e na última vocaliza quatro vezes, “*A bebé movimentava as mãos e vocalizava (hã).*”.

Durante a amamentação, a Iara mama com algumas interrupções no final do aleitamento “*Parou de mamar. A mãe fez pressão sobre o peito e movimentou-o ligeiramente sem que este saísse da boca da bebé. A Iara voltou a mamar.*”. É ela que deixa de mamar, largando o mamilo “*Passados alguns minutos a Iara deixou de mamar. Largou o mamilo!*”, mostrando dessa forma que já não quer mais. Este, é também um momento de troca de olhares “*A mãe olhava para ela e a bebé olhava para a mãe.*”. Como assinalava Melanie Klein (1946), de forma muito simples, com o mamilo na boca, envolto por braços carinhosos, embalado pelo som da voz da mãe e pela gentil atenção dos olhos e da mente dela, o bebé experimenta o que é ser-se amado.

Caso C

Em todas as observações, a mãe comunica pouco com o bebé através da linguagem, havendo inclusive uma observação, a terceira, em que a mãe não interage verbalmente com o filho. Tem uma utilização ligeiramente superior de afirmações directivas, “*Acorda*

Gabriel!”, “ *Vá filho!*”, comparativamente aos comentários, “ *Então filho?*”. Dos comentários que a mãe faz no total de todas as observações, apenas quatro são questões. Este facto demonstra que a mãe implica pouco o bebé no seu discurso (Snow, 1972; Rheingold & Adams, 1980; Stern et al., 1982, cit. por Figueiredo, 2001). O bebé vocaliza poucas vezes, mas em nenhuma delas a mãe imita ou responde às emissões vocais do Gabriel. Quando uma mãe o faz, serve para que o bebé possa seguir o seu comportamento e, simplificando a sua conduta, a mãe estabelece a interacção ao nível em que se encontra a conduta do bebé (Field, 1990, cit. por Figueiredo, 2001). Tal, não se verificou nesta díade.

Os comportamentos tácteis da mãe, já são mais significativos. Não apresenta comportamentos intrusivos, estimula muscularmente o bebé apenas uma vez, e revela bastantes comportamentos de afecto para com o filho. Em todas as observações a mãe revela comportamentos de carinho. Ao analisar-se os outros comportamentos da mãe, verifica-se que esta olha significativamente para o bebé, “ *Esta olhou para ele.*”, “ *A mãe olhava para ele.*”, “ *Esta olhou para ele, enquanto segurava o peito com uma das mãos.*”, mas sorri pouco, apenas na segunda e na terceira observações. É possível observar que é uma mãe que cuida bastante da bebé, ao longo de todas as observações. Face às situações de desconforto do bebé, as respostas da mãe são tácteis “ *A mãe sentou-se ao seu lado e começou a massajá-lo.*”, “ *A mãe continua com os movimentos.*”, “ *Flectia as pernas do bebé, e com a outra mão ia fazendo movimentos circulares na barriga.*”.

. O desconforto que o bebé sente na maior parte das vezes e a razão pela qual ele chora, está relacionada com as cólicas que sente. No conjunto das observações, a mãe responde verbalmente ao mal estar do filho, apenas uma vez. Parece por estas razões, ser uma mãe suficientemente boa (Winnicott 1960/1990) na medida que prevê e assegura as necessidades do bebé. O *holding* está presente pela forma como a mãe segura e transporta a bebé, “*Levantou-o e ficou com ele no colo.*”, “*Aconchegou o bebé ao peito...*”, bem como o *handling* na forma como o bebé é tratado, manipulado e cuidado, “ *A Sílvia colocou o mamilo na boca do bebé e começou a dar de mamar.*”, “*Levantou o Gabriel e colocou-a a arrotar, batendo-lhe devagarinho nas costas.*”.

Não há introdução do terceiro elemento, e o valor que se encontra na tabela é relativo à presença de amigos numa das divisões da casa. A sua presença fez-se notar durante a primeira observação.

A Sílvia não apresenta objectos ao Gabriel.

Relativamente à linguagem do bebé, este vocaliza pouco. Barratt e Roach (1995) no estudo que desenvolveram para avaliar a qualidade da interacção entre um grupo de mães adolescentes (entre os 15 e os 18 anos) e um grupo de mães adultas (a partir dos 19), verificaram que a interacção que estas estabeleciam com o bebé aos 4 e 12 meses eram mais pobres; vocalizavam e sorriam menos, bem como ofereciam e partilhavam com ele menos objectos, providenciando interacções menos adequadas e assim, por sua vez, estes bebés quando comparados com os das mães adultas, exibiam um menor número de sorrisos e de vocalizações. Relativamente a este ponto, nas primeiras duas observações não vocaliza, sendo a quarta, aquela em que ele vocaliza mais. O bebé chora significativamente, na maior parte das vezes devido às dores que sente, principalmente na segunda e na terceira observações.

Quanto aos comportamentos do bebé, o Gabriel é bastante activo, o que faz com que os movimentos constituam uma porção significativa dos seus comportamentos, “ *O bebé continuava agitado...*”, “ *...e movimentava muito os braços.*”, “ *O Gabriel mexeu a mão.*”, “ *O Gabriel continuava a mexer-se muito...*”, “ *Agitava os braços.*”.

O toque não se verifica em nenhuma das quatro observações e o sorriso também não. O olhar é significativo e verifica-se principalmente no momento da amamentação, Como diz Sá (2003), os bebés já nascem a falar. E claramente se vê, que a Iara fala com a mãe e com o pai através dos olhos

A mãe comunica pouco com o observador e não apresenta nenhum comportamento em relação ao mesmo.

Caso D

Ana é uma mãe que comunica consideravelmente com a filha, apesar de ser sobretudo através de bastantes frases directivas “*Acorda filha!*”; “*Vá filha!*”; “ *Vá filha! Não é hora para brincar.*”; “ *Acorda! Tens de arrotar!*” e de alguns comentários, “ *Pronto! Já está!*”; “

Oh filha!”; “*Podes continuar com sono... assim quando acabares de mamar continuas a dormir.*”; “*Vais dar um murro à mãe? (riu-se).*”. Dos comentários que a mãe faz no total de todas as observações, apenas quatro são questões. Este facto demonstra que a mãe implica pouco o bebé no seu discurso (Snow, 1972; Rheingold & Adams, 1980; Stern et al., 1982, cit. por Figueiredo, 2001). A bebé vocaliza poucas vezes, mas em nenhuma delas a mãe imita ou responde às emissões vocais da Mariana. Quando uma mãe o faz, serve para que o bebé possa seguir o seu comportamento e, simplificando a sua conduta, a mãe estabelece a interacção ao nível em que se encontra a conduta do bebé (Field, 1990, cit. por Figueiredo, 2001). Tal, não se verificou nesta díade.

A mãe tem poucos comportamentos de afecto e de estímulos musculares, sendo os comportamentos intrusivos, aqueles que se mais se observam, como por exemplo o gesto que teve com a Mariana enquanto esta mamava, “*Num gesto rápido, abriu-lhe o olho, afastando as pálpebras com os dedos. Riu-se!*” ou o momento em que para despertá-la do sono, “*...pegou no rosto da bebé e começou a abaná-lo de um lado para o outro!*”.

Quanto aos outros comportamentos desta mãe, verifica-se que esta olha algumas vezes para a bebé, “*A mãe olhava para a bebé...*”; “*...olhando para a bebé.*”; *A mãe ficou durante alguns momentos a olhar para ela.*”. Em três das observações, a mãe apenas sorri uma vez para a Mariana “*...e ria-se para ela.*”. Na segunda observação há alguns momentos de interacção onde mãe e filha trocam alguns sorrisos “*Ao olhar para a bebé, esta voltou a sorrir.*”; “*Aconchegou a Mariana ao peito e esta voltou a sorrir.*”; “*Olhou para ela e a Mariana sorriu outra vez, a mãe sorriu para ela.*”. A mãe mostra-se feliz pelos sorrisos da Mariana, mas acaba com a interacção dizendo à bebé: “*Vá filha! Não é hora para brincar.*”. Nessa altura a mãe continuou a falar com o observador. A Mariana é uma bebé que sorri pouco, rindo-se apenas na segunda observação. Barratt e Roach (1995) no estudo que desenvolveram para avaliar a qualidade da interacção entre um grupo de mães adolescentes (entre os 15 e os 18 anos) e um grupo de mães adultas (a partir dos 19) verificaram que a interacção que estas estabeleciam com o bebé aos 4 e 12 meses eram mais pobres; vocalizavam e sorriam menos, bem como ofereciam e partilhavam com ele menos objectos, providenciando interacções menos adequadas e assim, por sua vez, estes bebés quando comparados com os das mães adultas, exibiam um menor número de sorrisos e de vocalizações. Apesar de a Mariana ter apenas dois meses, parece provável que chegue aos quatro meses com poucos sorrisos e vocalizações uma vez que é pouco estimulada pela mãe

nesse sentido. Porém a Mariana procura frequentes vezes a mãe através do olhar “*Ficou a olhar para a mãe.*”; “*A Mariana olhava para a mãe.*”, e é também uma bebé que se movimenta significativamente, “*Apenas se movimentada um pouco...*”; “*Mexeu a mão.*”; “*Movimentava ligeiramente o corpo, abria as mãos...*”. Segundo Figueiredo, (2001) o vasto repertório comportamental que o bebé põe em acção quando se encontra com a mãe (gritar, arrulhar, balbuciar, sorrir, seguir visualmente, agarrar, sugar), garante que muito precocemente uma verdadeira interacção possa acontecer na díade e faz com que a mãe considere o bebé um verdadeiro parceiro interactivo, pois, tal como testemunha a impressão subjectiva da mãe e a investigação científica na área, esse repertório indica o interesse e a disposição comunicativa do bebé.

No entanto a mãe cuida significativamente do bebé, “*Como já não estava a mamar, a mãe pegou na Mariana para que arrotasse.*”; “*A mãe aproximou-se. Tirou-lhe o cobertor que estava em cima dela e afastou a manta que estava enrolada à volta da Mariana.*”; “*A Mãe pegou na Mariana que estava embrulhada, na manta. Tirou a manta, ajeitou o pijama da Mariana.*”; “*A mãe deitou-a na cama, para ir buscar à sala o plástico e os toalhetes para mudar a fralda.*”, respondendo ao seu desconforto de forma táctil, “*A mãe levantou-a para arrotar.*”; “*A mãe ficou a embalá-la, durante alguns minutos.*”. Parece por estas razões, ser uma mãe suficientemente boa (Winnicott 1960/1990) na medida que prevê e assegura as necessidades do bebé. O *holding* está presente pela forma como a mãe segura e transporta a bebé, “*Levantou-a e ficou com ela no colo.*”, “*Aconchegou a Mariana ao peito e esta voltou a sorrir.*”, bem como o *handling* na forma como o bebé é tratado, manipulado e cuidado, “*A Ana colocou o mamilo de silicone e começou a dar de mamar.*”, “*Levantou a filha e colocou-a a arrotar, batendo-lhe devagarinho nas costas.*”.

CONCLUSÃO

O objectivo deste trabalho, foi constatar até que ponto a adolescência afecta e influencia a qualidade relação mãe-bebé.

De acordo com a teoria tentou-se verificar se seria verdade que, o facto de uma adolescente estar grávida, pois a gravidez ocorre numa altura da vida em que deveriam estar a formar uma identidade e uma imagem de jovens mulheres, são “forçadas” a construir uma imagem de mães e saltar essa etapa maravilhosa e essencial que é a adolescência, estaria relacionada com a qualidade da relação que estabeleceria com o seu bebé.

No entanto de um modo geral, estas mães estão presentes afectivamente na interacção e sentem os filhos de forma gratificante. Estas são capazes de satisfazer as necessidades funcionais e emocionais dos seus bebés. A maior parte destas jovens, tem apoio de alguém que as ajudou no seu papel de mãe. Um outro factor comum, a quase todas elas, é o facto de quase não fazerem referência ao terceiro elemento.

Existem, contudo, como seria de esperar, alguns factores de perturbação em cada uma das interacções. No caso A, é possível verificar que a mãe tira pouco prazer do momento de amamentação e manifesta alguns comportamentos intrusivos nesse momento. É uma mãe essencialmente funcional. No Caso B, verifica-se que esta mãe consegue conter a sua bebé e através das palavras, interrogações, contacto pele/pele, e brincadeiras estimulá-la. Ao contrário das outras mães o bebé foi desejado e é a única mãe a viver com o namorado. Este esteve presente em todas as observações, cooperando com a mãe. Relativamente ao estado C, verifica-se que esta mãe é pouco verbal na relação com o seu bebé, exibindo mais comportamentos tácteis, inclusive como respostas ao desconforto do bebé. No Caso D, a mãe comunica a maior parte do tempo com o observador, falando de variadíssimos assuntos com o mesmo. Verifica-se nesta mãe, uma preocupação para exercer as suas funções maternas. Nenhuma mãe consegue agir sempre de forma adequada e existem muitos aspectos que podem influenciar o seu comportamento, sendo por isso a apreciação geral positiva.

Este trabalho, como qualquer outra investigação, apresenta diversas limitações e é sempre alvo de críticas.

Uma primeira prende-se com o facto de ser um estudo de caso e, como tal, ter poucos participantes, o que torna impossível generalizar os resultados obtidos e as conclusões

referidas, pois a amostra não é representativa da população. No entanto, o objectivo do estudo nunca foi generalizar dados acerca desta temática, mas si perceber de forma aprofundada, a maneira como se estabeleceu a relação entre as mães e os seus bebés. Uma segunda limitação que se põe apontar é a pouca experiência do observador no método de Observação de Bebés de Esther Bick, o que pode ter contribuído para causar algumas alterações ao que é esperado quando se utiliza este método. Foi, por vezes, difícil manter um grau de atenção idêntico às acções do bebé e da mãe.

Outra dificuldade encontrada na realização deste trabalho foi a recolha da amostra. Apesar do número de grávidas adolescentes ser elevado e até preocupante, a disponibilidade das instituições e das próprias grávidas é limitada. Tanto pela falta de condições ao nível do espaço e do tempo, como pelo receio em se mostrarem e revelarem aspectos considerados da sua intimidade.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para uma reflexão mais profunda desta questão e para chamar a atenção das dificuldades e necessidades que estas jovens apresentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Appio, D. & Matte, L. (1999). Método Esther Bick: um caminho para a pesquisa qualitativa. *Aletheia: Revista do Curso de Psicologia*, 10, 51-58.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45 (4), 558-566
- Bion, W.R. (1962/1991). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bowlby, J.(1958). A natureza da ligação da criança com a mãe. In Socza, L. (ed.), *As ligações infantis* (pp. 105-153). Amadora: Livraria Bertrand.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1989). *A relação mais precoce: os pais, os bebés, e a interação precoce*. Lisboa: Terramar.
- Canavarro, M. C. (2001). Gravidez e Maternidade – Representações e tarefas de desenvolvimento. In *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 17-49). Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. & Pedrosa, A. (2005). Transição para a parentalidade: compreensão segundo diferentes perspectivas teóricas. In Leal, I., *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* (p. 225-255). Lisboa: Fim de Século.
- Chbani, H., & Pérez-Sánchez, M. (1998). *O quotidiano e o inconsciente*. Lisboa: Climepsi.
- Ciccone, H., e Lhopital (1991), *Naissance à l'avie psychique. Modalités du lien precoce à l'objet au regard de la psychanalyse*, Paris, Dunod.
- Colman, L.L., & Colaman, A. D. (1994). *Gravidez: a experiência psicológica*. Lisboa: Edições Colibri.
- Correia, M. J. (2000). “No mar de emoções: ser mãe adolescente” in *Sexualidade e Planeamento Familiar*, 27/28, 13-16.
- Correia, M. J. (2005). Gravidez e maternidade em grupos de risco. In I. Leal, *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* (pp. 49-60). Lisboa: Fim de Século.

- Cyrulnik, B. (1989). *Sob o signo do afecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrulnik, B. (2003). *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lamb, M.E. (2000). Fathering. In *Encyclopedia of Psychology* (Vol. 3, pp. 338-341). Oxford: American Psychological Association.
- Leal, I. (1997). Transformações socio-culturais da gravidez e da maternidade: correspondente transformação psicológica. In: 2º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa, ISPA.
- Leal, I. P. (2004). *Entrevista clínica e psicoterapia de apoio*. (3ª ed., ver.). Lisboa: ISPA.
- Lourenço, L. (2005). *O bebé no divã. Desenvolvimento emocional precoce: amar e pensar o bebé e os seus pais*. Coimbra: Almedina.
- Figueiredo, B. (2001). *Mães e Bebés*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, H. (2003). *Compreender os adolescentes* (2ªed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Gomez, R. (2005). O pai: paternidade em transição. In Leal, I., *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 257-285). Lisboa: Fim de Século.
- Gonçalves-Cordeiro, M. J. (1998, Outubro). Observation de bebés et écoute psychanalytique. Comunicação apresentada no II Colóquio Esther Bick, Lisboa.
- Maldonato, M. T. (1976). *Psicologia da gravidez – parto e puerpério*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (1989). *Psicologia das condutas centradas no corpo. Psicopatologia do Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pedro, J.G. (2003) in Sá, E. (2003). *Psicologia do feto e do bebé*. (3ª ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Reis, N. (2003). De feto a bebé. In Sá, E., *Psicologia do feto e do bebé* (p. 15-32). Lisboa: Fim de Século.

- Relvas, A. P., Alarcão, M., & Sá, E. (1997). A complementaridade das competências mãe-bebé. In E. Sá (Org.), *A maternidade e o bebé* (pp. 11-20). Lisboa: Fim de Século Edições.
- Sá, E. (1995). *Más maneiras de sermos bons pais*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2003). *Psicologia do feto e do bebé*. (3ª ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2004). *A maternidade e o bebé*. (2ª ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Stern, D. & Bruschiweiller-Stern, N. (1998). *O nascimento de uma mãe*. Porto: Ambar.
- Strecht, P. (2005). *Vontade de ser. Textos sobre a adolescência*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Soares, I; Marques A. C.; Martins, C.; Figueiredo, B.; Jongenelen, I. & Matos, R. (2001). Gravidez e Maternidade na adoelescência: um estudo longitudinal. In Maria Cristina Canavarro (Ed.). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Wadell, M. (2003). *Vida interior: psicanálise e desenvolvimento da realidade*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Winnicott, D. W. (1958/2000). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Yin, Robert K. *Estudo de caso – planeamento e métodos*. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman 2001.

ANEXO A

Apresentam-se de seguida as tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da primeira díade (Anexo E), constituída pela Maria e pelo Alexandre.

Caso A – Maria e Alexandre

1ª Observação

Alexandre - 1 mês e 28 dias

21 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“Alexandre! Acorda!”	1
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“Psst! Psst!”	1
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“Tocava na bochecha do Alexandre.” “A mãe pegou na mão do bebé e ficou a fazer festinhas.”	1

	Intrusivos	<p>“Agitou-o ligeiramente.”</p> <p>“Soprou-lhe na cara.”</p> <p>“Reparou em algumas borbulhas que o bebé tinha na mão. Passou o polegar pela mão do Alexandre. Puxou-lhe a manga da camisola para cima e o braço estava também repleto de pequenas borbulhas.”</p> <p>“Com o movimento, o mamilo saiu da boca do Alexandre, que começou a chorar.”</p> <p>“Olhando para ele, afastou o peito do Alexandre, que com os olhos e a boca bem abertos, tentava encontrar novamente o mamilo. A mãe riu-se...”</p>	5
	Estímulos Musculares	“Sentou-o no colo...”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	<p>“A mãe olhava e ria-se.”</p> <p>“Esboçava um sorriso, ao ver que ele não acordava.”</p>	2

	Sorriso	“Dirigiu o olhar para a mãe que ficou a sorrir para ele.”	1
	Amamentar Alimentar	<p>“A mãe deitou-o nos seus braços e começou a dar-lhe de mamar.”</p> <p>“A mãe voltou a encostar o mamilo nos lábios do bebé.”</p> <p>“...voltou a dar de mamar ao Alexandre...”</p> <p>“A mãe encostou novamente o mamilo à sua boca, mas o Alexandre virou a cara.”</p> <p>“A mãe encostou novamente o mamilo à sua boca, mas o Alexandre virou a cara.”</p>	5
	Cuidar	<p>“...ia cortando as unhas ao Alexandre, que continuava a dormir profundamente. ““...e com o dedo mexia-lhe na bochecha.”</p> <p>“Tocava na bochecha do Alexandre.”</p> <p>“Pegou o Alexandre ao</p>	10

		<p>colo.”</p> <p>“Voltou a levantá-lo.”</p> <p>“A Maria reparou em algumas peles que o Alexandre tinha na cabeça e começou a tirá-las do cabelo.”</p> <p>“...tirou algumas das peles que ele tinha na cabeça.”</p> <p>“A mãe pegou nele, encostou a sua cabeça ao ombro e dava-lhe palmadinhas nas costas.”</p> <p>“Dava-lhe palmadinhas no rabo.”</p> <p>“A mãe deitou-o no colo de barriga para baixo...”</p>	
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis		
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros	<p>“...chegou a casa da Maria uma prima que vinha com o filho com</p>	3

		idade compreendida entre os 3 e os 4 anos.” “Dá um beijinho ao primo!” “Ficaram a conversar.”	
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“...de vez em quando emitia alguns sons.” “...balbuciou.”	2
	Choro	“Começou a fazer beicinho.” “Começou a choramingar.” “Com o movimento, o mamilo saiu da boca do Alexandre, que começou a chorar.”	3
Comportamentos do Bebê	Movimentos	“Fazia força com a cabeça e deixava-a pendente por alguns segundos...” “...voltava a fazer força com a cabeça.”	3

		“O bebê movimentou a cabeça de um lado para o outro.”	
	Toque		
	Olhar	<p>“Dirigiu o olhar para a mãe que ficou a sorrir para ele.”</p> <p>“Ao ouvir a voz da mãe, ficou mais atento ao seu rosto e por breves segundos deixou de fazer beicinho.”</p> <p>“Ficou com os olhos abertos e o seu olhar estava dirigido à gola da camisola da mãe.”</p> <p>“O Alexandre ficou a olhar.”</p>	4
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“Assim que sentiu o mamilo começou a mamar com força, mas calmamente.”</p> <p>“O Alexandre continuava a mamar.”</p> <p>“Assim que o sentiu (o mamilo) calou-se.”</p>	6

		<p>“...com os olhos e a boca bem abertos, tentava encontrar novamente o mamilo.”</p> <p>“O Alexandre mamava com menos intensidade e algumas vezes parava.”</p>	
	Vigília/Sono	<p>“...Alexandre, que continuava a dormir profundamente.”</p> <p>“Continuava a dormir e a cabeça tombava para os lados...”</p> <p>“Continuava a dormir.”</p> <p>“Alexandre que devagar começou a abrir os olhos.”</p> <p>“Fechou os olhos.”</p> <p>“...e com os olhos fechados continuou a mamar.”</p> <p>“De vez em quando abria os olhos, mas rapidamente os fechava.”</p> <p>“Nesta altura o Alexandre despertou.”</p>	8

Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo		
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	<p>“Tocava na bochecha do Alexandre.”</p> <p>“A mãe pegou na mão do bebé e ficou a fazer festinhas.”</p>	2
Relação Mãe/Observador	Fala	<p>“Entre! Estou na sala.”</p> <p>“O Alexandre ainda está a dormir.”</p> <p>“Não vale a pena. Mais uns minutos e tenho de o acordar. Não pode dormir muito.”</p> <p>“Tem umas unhas tão pequenas...só dá mesmo para cortar enquanto está a dormir.”</p> <p>“Não quer acordar!”</p> <p>“Vai começar a chorar.”</p> <p>“Ainda está com sono!”</p>	7
	Comportamentos		

Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	20 de Abril - 14h50	
	Duração da Observação	40 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 6: Análise da primeira observação realizada com a díade Maria e Alexandre

2ª Observação

Alexandre - 2 meses e 4 dias

28 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas	“Se estás cheio devias ter dito à mãe.”	1
	Elogios		
	Comentários	“Tens aqui uma ferida.” “Pronto! A mãe já não mexe mais.” “Então Xandre? Que foi? São cólicas?”	6

		<p>“Queres comer mais?”</p> <p>“Fuu! Cheiras muito mal! Fuu!”</p> <p>“Não queres mais?”</p>	
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto		
	Intrusivos	“Tirou-lhe o gorro e penteou-lhe o cabelo.”	1
	Estímulos Musculares	“Colocou-o de pé, de frente para ela.”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar		
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	<p>“Sentou-se, pegou numa almofada que pôs em baixo do braço.”</p> <p>“Encostou-o ao peito.”</p> <p>“A mãe aproximou a cabeça do Alexandre ao mamilo.”</p> <p>“A mãe pegou no bebé ao colo e colocou-o na posição de mamar.”</p>	6

		<p>“Encostou-lhe o rosto ao mamilo.”</p> <p>“A mãe voltou a insistir aproximando o rosto do bebé ao seu mamilo...”</p>	
	Cuidar	<p>“ A mãe passou o dedo pelo rosto.”</p> <p>“A mãe que estava a ver televisão, sentiu e desviou a boca do Alexandre num movimento rápido para limpá-lo.”</p> <p>“A mãe deitou-o no colo e começou a despi-lo para lhe tirar a fralda.”</p> <p>“A mãe começou a vesti-lo”</p> <p>“A mãe encostou-o ao ombro e dava-lhe palmadinhas nas costas.”</p> <p>“ A mãe sentou-o no colo virado de costas para ela e ficaram os dois de frente para a televisão!”</p>	6
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebé	Tácteis	<p>“ Encostou-o ao peito, mas ele apenas chorava.”</p> <p>“ Levantou-o, encostou a sua cabeça no ombro,</p>	4

		<p>enquanto lhe dava palmadinhas nas costas.”</p> <p>“...enquanto embalava o Alexandre.”</p> <p>“A mãe começou a massajar a barriga.”</p>	
	Verbais	“Então filho, estavas tão bem e agora estás a chorar?”	1
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros	<p>“Sentado na sala a ver televisão, estava o irmão mais novo de Maria.”</p> <p>“Vai buscar-me fraldas e toalhetes.”</p> <p>“O irmão levantou-se numa corrida...”</p>	3
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“O Alexandre parou de chorar e fazia alguns sons.”	1

	Choro	<p>“Começou a fazer beicinho e começou a chorar.”</p> <p>“O Alexandre começou a chorar.”</p> <p>“O Alexandre continuava a chorar.”</p> <p>“O Alexandre continuava a chorar.”</p> <p>“O Alexandre não parava de chorar.”</p> <p>“...mas ele apenas chorava.”</p> <p>“O Alexandre parou de chorar e fazia alguns sons.”</p>	8
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“O Alexandre desviou ligeiramente o rosto...”</p> <p>“O Alexandre tentava segurar a cabeça e movimenta-a para diferentes lados!”</p>	2
	Toque		
	Olhar	<p>“... E o olhar estava dirigido para a roupa da mãe.”</p> <p>“O Alexandre olhava o</p>	6

		<p>tecto e movimentava a cabeça em redor.”</p> <p>“...ele continuava a virar a cabeça de um lado para o outro e a olhar para as coisas à sua volta.”</p> <p>“Ficou a olhar em frente, para o sofá.”</p> <p>“...ele continuava a virar a cabeça de um lado para o outro e a olhar para as coisas à sua volta.”</p> <p>“ Ficou a olhar em frente, para o sofá.”</p>	
	Sorriso	“Este sorriu.”	1
	Sugar/Mamar	<p>“Assim que sentiu o mamilo, começou a mamar e parou de chorar.”</p> <p>“O Alexandre continuava a mamar ininterruptamente.”</p> <p>“... e continuou a mamar.”</p> <p>“Mexeu-se e deixou de mamar por uns segundos.”</p>	11

		<p>“O Alexandre mamava com força...”</p> <p>“De repente, o Alexandre bolçou.”</p> <p>“...assim que o Alexandre o sentiu começou a mamar.”</p> <p>“...o Alexandre deixou o mamilo.”</p> <p>“ ...e assim que o Alexandre o sentiu começou a mamar.”</p> <p>“ Passados uns segundos, o Alexandre deixou o mamilo.”</p> <p>“ A mãe voltou a insistir aproximando o rosto do bebé ao seu mamilo, mas o Alexandre não quis.”</p>	
	Vigília/Sono		
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“...dizia a mãe numa linguagem abebezada enquanto olhavam um para o outro.”	1
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira	“Começou a fazer caretas e sons ao Alexandre que	1

		olhava para ela e ria.”	
	Contacto Pele/Pele	“A mãe encostou-o ao ombro e dava-lhe palmadinhas nas costas.”	1
Relação Mãe/Observador	Fala	“Está com fome.”	1
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	28 de Abril de 2008 - 15h15	
	Duração da Observação	45 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 7: Análise da segunda observação realizada com a díade Maria e Alexandre

3ª Observação

Alexandre - 2 meses e 11 dias

5 de Maio de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas	“És um porco.”	1

	Elogios		
	Comentários	<p>“Estás com fome?”</p> <p>“O que foi isso filho?”</p> <p>“Tu és um porco!”</p> <p>“Psssst!”</p> <p>“É a fralda suja, filho?”</p> <p>“Fuuu! Cheiras mal! És um porco.”</p> <p>“ Queres comer mais?”</p> <p>“ É sono, filho?”</p>	8
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto		
	Intrusivos	<p>“Com a ponta da unha, tentou tirar alguma coisa da narina do Alexandre.”</p> <p>“Debruçou-se sobre as pernas dele e cheirou. Ao fazer este movimento, o Alexandre deixou de mamar.”</p> <p>“Novamente foi cheirar a</p>	4

		<p>fralda.”</p> <p>“A mãe começou a tirar as peles que estavam no cabelo.”</p>	
	Estímulos Musculares	“...colocou-o de pé...”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	<p>“A mãe olhava para ele...”</p> <p>“De vez em quando, a mãe desviava o olhar do televisor para o Alexandre.”</p>	2
	Sorriso	“A mãe riu-se para ele.”	1
	Amamentar Alimentar	<p>“A mãe pegou nele ao colo, colocando-o de lado para mamar.”</p> <p>“Na tentativa de aproximar a boca do Alexandre ao mamilo, a mãe segurou-lhe a cabeça, até que a sentisse o mamilo.”</p> <p>“Depois de limpo o nariz, a mãe voltou a dar de mamar.”</p> <p>“Encostou-o de novo ao</p>	6

		<p>seu peito e o bebê voltou a mamar, enquanto via televisão.”</p> <p>“A mãe tentou dar-lhe de mamar outra vez...”</p> <p>“Deitou-o e encostou-o no outro peito...”</p>	
	Cuidar	<p>“Este estava ligeiramente deitado com a cabeça encostada no seu braço.”</p> <p>“...num desses olhares, a mãe reparou que o nariz do Alexandre estava sujo.”</p> <p>“A mãe tirou um toalhete e limpou o nariz do Alexandre, que movimentava a cabeça de um lado para o outro.”</p> <p>“A mãe agarrou-lhe a mão e limpava as peles que tinha entre os dedos.”</p> <p>“A mãe começou a limpá-lo!”</p> <p>“A mãe voltou a vesti-lo...”</p>	6

Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis	<p>“Levantou-o e ficaram com os rostos virados um para o outro.”</p> <p>“Levantou-o.”</p> <p>“Deitou-o no colo, e sentada no sofá, embalava-o.”</p> <p>“Deitou-o de barriga para baixo, em cima das suas pernas e movimentava as pernas, embalando-o.”</p> <p>“Dava-lhe palmadinhas no rabo.”</p> <p>“A mãe começou a dar-lhe palmadinhas no rabo.”</p> <p>“Deitou-o em cima das pernas...”</p>	7
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros	<p>“Jorge, vai buscar-me os toalhetes que estão no quarto. Estão em cima da cómoda.”</p>	3

		<p>“ O irmão foi a correr.”</p> <p>“ ...pediu ao irmão que lhe chegasse uma fralda...”</p>	
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“O bebé deu um grito...”	1
	Choro	<p>“O Alexandre deixou o mamilo e começou a chorar.”</p> <p>“...mas o bebé continuava a chorar.”</p> <p>“O bebé começou a chorar outra vez.”</p> <p>“ Deixou o mamilo e começou a chorar.”</p> <p>“...continuou a chorar.”</p> <p>“ O Alexandre chorava.”</p> <p>“ Ele não parava de chorar.”</p> <p>“ O Alexandre ficou um pouco mais agitado e a choramingar.”</p>	8

Comportamentos do Bebé	Movimentos	<p>“...esporadicamente movimentava a cabeça de um lado para o outro, sem nunca largar o mamilo.”</p> <p>“O Alexandre levantou a mão enquanto mamava.”</p> <p>“O Alexandre agitava ligeiramente as pernas.”</p>	3
	Toque		
	Olhar	<p>“O bebé estava a olhar na direcção do tecto.”</p> <p>“...que permaneceu a olhar para o teto.”</p> <p>“...o Alexandre olhava para o seio da mãe.”</p> <p>”...o Alexandre tirou a boca do mamilo e ficou a olhar para o seio da mãe.”</p> <p>“O bebé olhava para tudo à sua volta.”</p> <p>“De vez em quando, olhava para a mãe.”</p>	6
	Sorriso	<p>“O Alexandre começou a rir.”</p> <p>“...e riu”</p>	2

	Sugar/Mamar	<p>“O Alexandre começou a mamar tranquilamente.”</p> <p>“Assim que o sentiu (mamilo) o Alexandre começou a mamar outra vez.”</p> <p>“Este continuava a mamar...”</p> <p>“... o Alexandre começou a mamar.”</p>	4
	Vigília/Sono	<p>“Fechava ligeiramente os olhos.”</p> <p>“ O Alexandre parou de chorar e ia fechando os olhos lentamente e voltava a abri-los.”</p> <p>“ Ficou mais calmo e ia fechando os olhos.”</p> <p>“Adormeceu.”</p>	4
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“Enquanto (a mãe) falava com o Alexandre, este olhava para a mãe.”	1
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		

	Contacto Pele/Pele		
Relação Mãe/Observador	Fala	“A mãe sugeriu que me sentasse ao seu lado no sofá, uma vez que o irmão e o Guilherme estavam sentados no outro sofá.”	1
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	5 de Maio de 2008 - 19h20	
	Duração da Observação	30 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 8: Análise da terceira observação realizada com a díade Maria e Alexandre

4ª Observação

Alexandre - 2 meses e 18 dias

12 de Maio de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas	“ Quem mandou deixar	1

		de mamar?”	
	Elogios		
	Comentários	“ Então filho? Não queres mais?” “ Pssst, Psst!”	3
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“ Fez uma festa no rosto do Alexandre...”	1
	Intrusivos	“ A mãe esticou-se para alcançar o comando da televisão que estava na ponta do sofá.” “ A mala estava ao lado do sofá, e a Maria fez um movimento rápido para alcança-la. Ficou à procura do telemóvel com a mão. O telemóvel deixou de tocar. Entretanto com o movimento, o Alexandre deixou de mamar.”	2
	Estímulos Musculares	“ A mãe sentou-o no colo, de frente para ela.”	1

Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	<p>“ De vez em quando a mãe olhava para ele durante breves segundos.”</p> <p>“ A mãe olhou para ele...”</p> <p>“ A mãe olhou para o Alexandre...”</p> <p>“ A mãe olhou para ele...”</p>	4
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	<p>“Sentou-se e preparou-se para dar de mamar.”</p> <p>“ A mãe encostou-se ao sofá e aproximou o peito da boca do bebé...”</p> <p>“ A mãe voltou a encostar o mamilo na boca do Alexandre.”</p> <p>“ A mãe olhou para ele e voltou a colocar o mamilo na boca do bebé.”</p> <p>“ A mãe encostou-lhe a boca ao mamilo.”</p>	5

	Cuidar	<p>“A mãe olhou para o Alexandre e agarrou-lhe na mão. Ficou a olhar para as unhas.”</p> <p>“ A mãe levantou-o, encostou-o ao ombro e ficou a dar-lhe palmadinhas nas costas.”</p> <p>“ A mãe continuou a dar palmadinhas nas costas do Alexandre. Este arrotou.”</p> <p>“A mãe deitou-o no sofá.”</p> <p>“Pegou numa almofada e deixou-o ligeiramente deitado em cima da almofada, aconchegou-o bem ao encosto do sofá.”</p>	4
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebé	Tácteis	<p>“ A mãe balançava-o de um lado para o outro.”</p> <p>“ A mãe voltou a encostar o mamilo na boca do Alexandre.”</p>	2
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento	Pai		
	Observador		

pela Mãe	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“ Emitiu alguns sons.” “ Ao mudar de posição, o Alexandre vocalizou, (hã).”	2
	Choro	“ O Alexandre estava irrequieto e a choramingar.” “ Deixou o mamilo e começou a chorar.”	2
Comportamentos do Bebê	Movimentos	“ O Alexandre encostou a mão na roupa da mãe.”	1
	Toque		
	Olhar	“ O olhar estava dirigido para a roupa da mãe.”	1
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	“ O Alexandre sentiu o peito da mãe na bochecha e deixou de chorar.”	9

		<p>“ Com a boca aberta procurava o mamilo.”</p> <p>“...que começou a mamar com bastante força e rapidez.”</p> <p>“O Alexandre continuava a mamar.”</p> <p>“Deixou de chorar assim que começou a mamar vigorosamente.”</p> <p>“Este voltou a mamar.”</p> <p>“ O Alexandre continuou a mamar, mas mais lentamente.”</p> <p>“Este voltou a mamar...”</p> <p>“Mamava e parava.”</p>	
	<p>Vigília/Sono</p>	<p>“...e ia fechando os olhos.”</p> <p>“... que ao sentir a mão da mãe, abriu os olhos.”</p> <p>“Os olhos estavam a fechar.”</p> <p>“O Alexandre continuou com os olhos fechados.”</p>	<p>5</p>

		“O Alexandre estava a dormir.”	
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo		
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	“...e agarrou-lhe na mão.” “ Fez uma festa no rosto do Alexandre...”	2
Relação Mãe/Observador	Fala	“ Agora que se começa a mexer, é preciso ter todo o cuidado.”	1
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	12 de Maio de 2008 - 14h50	
	Duração da Observação	40 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 9: Análise da quarta observação realizada com a díade Maria e Alexandre

ANEXO B

Seguidamente, apresentam-se as quatro tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da segunda díade (Anexo F), constituída por Maria e Iara.

1ª Observação

Iara (bebé) - 1 mês e 24 dias

10 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“ Vamos tomar banho?” “ Onde é que está a tua escova?” “ O banho já está! Queres brincar um bocadinho na água?” “Vamos pôr o creme?” “Pronto, já está! Agora vamos comer!” “Já não queres mais, pois não, filha?”	7

		“Pronto, já está!”	
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“ Fez uma festa no rosto da Iara...”	1
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ A mãe olhava para ela.”	1
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	“ A mãe sentou-se na cama, pegou nela, encostou-a ao peito...” “ A mãe voltou a insistir, aproximando o mamilo da sua boca.” “ A Iara recomeçou a mamar, mas rapidamente parou.”	3
	Cuidar	“A mãe começou a lavá- la com a esponja.” “ Espremeu a esponja na cabeça e alguma água	8

		<p>escorreu pelos olhos.”</p> <p>“ A mãe passou-lhe a mão pelos olhos.”</p> <p>“ A mãe começou a limpá-la!”</p> <p>“...começando a espalhar o creme pelo corpo.”</p> <p>“A mãe começou a vesti-la.”</p> <p>“A mãe levantou-a e encostou-a ao seu ombro.”</p> <p>“Dava palmadinhas nas costas.”</p>	
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis		
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	<p>“Onde é que está a escova Ricardo. Não encontro!”</p> <p>“Hoje já está muito melhor.”</p>	2
	Observador		
	Outros		

Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos	“ A Iara estava deitada na cama.”	1
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“...e emitia alguns sons.”	1
	Choro		
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“ Mexia os braços...”</p> <p>“Enquanto falavam a Iara, mexia-se ligeiramente e tinha os punhos cerrados.”</p> <p>“A bebê pestanejou e mexeu a cabeça.”</p> <p>“A Iara mexia-se.”</p> <p>“A Iara tentava levantar a cabeça.”</p>	5
	Toque		
	Olhar	<p>“ A Iara olhava para a mãe.”</p> <p>“ A Iara olhava para a mãe e desviava o olhar.”</p> <p>“ Voltava a olhar para a mãe.”</p>	3

	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“...e a Iara começou logo a mamar.”</p> <p>“ A Iara mamava de forma regular.”</p> <p>“ Mamava tranquilamente.”</p> <p>“ A Iara deixou o mamilo.”</p>	4
	Vigília/Sono	“ Continuava desperta.”	1
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“Vamos tomar banho? – Disse para a Iara. Esta dirigia um olhar atento para a mãe.”	1
	Sorriso Mútuo	“ A mãe ria-se para ela...A bebé ria.”	1
	Jogo/Brincadeira	“...fazia sons com a boca.”	1
	Contacto Pele/Pele	“...começando a espalhar o creme pelo corpo.”	1
Relação	Fala	“ Nós costumamos dividir-nos nas tarefas. O	3

Mãe/Observador		<p>Ricardo aquece a água e eu fico a preparar a roupa.”</p> <p>“Estou a usar potalco, porque acho que faz melhor do que a pomada. Ontem ela estava muito assada e decidi pôr potalco.”</p> <p>“Ela gosta muito do banho. No inicio não gostava de tomar banho. Agora já gosta. Costumamos deixá-la um pouco mais de tempo na água por ela gostar. Mas depois quando a água começa a ficar fria, tiramo-la.”</p>	
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	10 de Abril de 2008.	
	Duração da Observação	60 Minutos.	
	Local	Quarto.	

Tabela 10: Análise da primeira observação realizada com a díade Maria e Iara

2ª Observação

Iara (bebé) - 2 meses

17 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“ Pára quieta.” “ Vá, filha!”	2
	Críticas	“ Calma! Que irrequieta. Não se pode fazer nada que começa logo a chorar.”	1
	Elogios	“ Hum...que cheirinho bom! A minha menina cheira muito bem! Está muito bonita!” “ Muito bem! Agora está na hora de dormir!”	2
	Comentários	“ Vamos tomar banhoca? Vamos? Vamos tomar uma banhoca?” “ Já deves estar com fome.” “O quê, hum? O que	11

		<p>foi?”</p> <p>“Vá arranha-te! Arranha-te lá agora....”</p> <p>“Ai que eu gosto tanto de ficar na água. Queres o patinho?”</p> <p>“Eu gosto muito de brincar na água....É tão bom!”</p> <p>“Agora está na hora de vestir.”</p> <p>“Colocou-lhe o creme no corpo, vestiu-lhe a camisola e pôs-lhe a fralda.”</p> <p>“Pronto! Já está! Vamos comer!”</p> <p>“Filha, não durmas. Estás quase a terminar. Mais um bocadinho e já vais para o berço.”</p> <p>“Já não queres mais?”</p>	
	<p>Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé</p>		
Comportamentos	Afecto	“ Deu um beijinho à	2

Tácteis da Mãe		bebé...” “ Fez uma festa na testa da Iara.”	
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares	“...quando a mãe a colocou de pé sobre a cama.” “ A mãe pegou nela ao colo e sentou-a virada para ela.”	2
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“...disse a mãe a olhar para a Iara, numa linguagem abebezada.” “ A mãe estava muito atenta a ela.”	2
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	“ A mãe pegou nela, encostou-se à cabeceira da cama e preparou-se para começar a dar de mamar.” “ Colocou o mamilo perto da boca da Iara...” “...e retomou a mamar com mais força.” “ Deixou o mamilo.”	5

		<p>“ A mãe insistiu de novo para que mamasse e encostou a boca da bebé ao mamilo.”</p>	
	Cuidar	<p>“ A mãe pegou nela, tirando-a do carrinho, e levou-a para o quarto.”</p> <p>“ A mãe deitou-a na cama.”</p> <p>“ A mãe agarrou-a para que não se movimentasse, enquanto o pai cortava as unhas.”</p> <p>“ A mãe deitou-a em cima da cama e começou a despi-la.”</p> <p>“ A mãe começou a tirar-lhe a roupa...”</p> <p>“ A mãe passou-lhe a mão pelo rosto e ficou a ver o arranhão que a bebé tinha na cara.”</p> <p>“ A mãe foi buscar os toalhetes.”</p> <p>“ A mãe pegou nela e colou-a dentro da banheira.”</p> <p>“ Aí, a mãe reparou</p>	16

		<p>numa pele que ela tinha no rosto. Tentou ver se estava seca e se saía.”</p> <p>“ Agarrou a cabeça dela enquanto a mãe arrancava a pele.</p> <p>“ A mãe pegou na esponja e começou a molhar o corpo da bebé.”</p> <p>“ Começou a levá-la.”</p> <p>“ A mãe começou a limpá-la.”</p> <p>“Depois de a vestir foi buscar a escova e penteou-a.”</p> <p>“...e a mãe tentava despertá-la, tocando-lhe no rosto.”</p> <p>“...e deitou-a nos braços.”</p>	
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis	“ A Iara parou de chorar quando a mãe pegou nela...”	
	Verbais	“ Então Iara? O que se passa?”	1
Introdução de um 3º Elemento	Pai	“ a mãe comentou com o pai como a Iara tinha	3

pela Mãe		ficado com dois arranhões na cara.” “ Pai e mãe falaram entre si.” “...pediu depois ao pai, para a virar de costas.”	
	Observador		
	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	“ A mãe mostrou o patinho à bebé...”	1
	Liberdade de Movimentos	“ O pai pegou nela e deitou-a na cama, onde tinha a toalha.”	1
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“e a Iara emitia alguns sons...”	1
	Choro	“ A Iara começou a chorar mais.” “ ...a Iara mexia muito a cara e choramingava.” “ A Iara gesticulava e choramingava.” “A Iara começou a chorar.”	4
Comportamentos do Bebê	Movimentos	“ Mexia as mãos.” “ A bebé movimentava-	10

		<p>se.”</p> <p>”...começou a mexer os braços.”</p> <p>“Mexia os braços e as pernas.”</p> <p>“A Iara pôs a mão na boca.”</p> <p>“Ao molhar a cara da bebê, esta fechou os olhos e pestanejou, movimentando os braços.”</p> <p>“Esticava-se.”</p> <p>“A Iara mexia os braços na água, fazendo com que alguma água saltasse fora da banheira.”</p> <p>“A Iara mexia a cabeça...”</p>	
	Toque		
	Olhar	<p>“ A Iara ficou a olhar para a mãe.”</p> <p>“A Iara olhava para a mãe, enquanto esta a despedia.”</p> <p>“...que olhou por breves segundos sem prestar</p>	4

		<p>muita atenção.”</p> <p>“...e olhava à sua volta.”</p>	
	Sorriso	<p>“ A Iara riu.”</p> <p>“ A bebé reagiu mexendo-se e rindo.”</p>	2
	Sugar/Mamar	<p>“ ...que começou a mamar com força.”</p> <p>“ A bebé manteve-se tranquila e mamava sem interrupções.”</p> <p>“ Voltava a mamar com mais insistência e tornava a diminuir a intensidade com que mamava.”</p>	3
	Vigília/Sono	<p>“ A Iara começou a fechar os olhos...”</p> <p>“ A bebé despertou!”</p>	2
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	<p>“ Ficaram a olhar uma para a outra e Iara parou de chorar.”</p> <p>“ A Iara olhava para a mãe, enquanto esta falava com ela.”</p> <p>“ A mãe olhava para ela e a bebé respondia ao</p>	4

		olhar.” “ ...disse a mãe a olhar para a bebé! Esta olhava para ela.”	
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira	“ encostando a boca à barriga da bebé começou a fazer-lhe cócegas.”	1
	Contacto Pele/Pele	“ Fez uma festa na testa da Iara.” “ ...tocando-lhe no rosto.”	2
Relação Mãe/Observador	Fala	“ Hoje comeu muito cedo.” “ Agora adormece num instante!”	2
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	17 de Abril de 2008 - 20h30.	
	Duração da Observação	60 Minutos.	
	Local	Quarto.	

Tabela 11: Análise da segunda observação realizada com a díade Maria e Iara

3ª Observação

Iara (bebé) - 2 meses e 7 dias

24 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas		
	Elogios	“ Eh! Tanta força!”	1
	Comentários	“ Tu gostas muito de tomar banho, não gostas?” “ Pois é! Tu gostas muito de tomar banho.” “ Pronto!” “ Afinal não tinhas muita fome!” “ Pois é! Agora é arrotar e dormir! Não é? Tens sono? Tens?”	5
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé		

Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“ A mãe fez uma festa no rosto da bebé!”	1
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares	“ A mãe sentou a Iara virada para ela.”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“Ficou a olhar para a bebé.” “A mãe olhava para a bebé.”	2
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	“ Pegou nela ao colo.” “ A mãe sentou-se encostada à cama, deitou a bebé e começou a dar de mamar.” “ A mãe fez pressão sobre o peito e movimentou-o ligeiramente sem que este saísse da boca da bebé.” “ A mãe voltou a insistir para que mamasse, mas a Iara virou o rosto.”	4

	Cuidar	<p>“ A mãe já estava a despir a Iara.”</p> <p>“ A mãe esfregava a bebé um pouco mais rápido do que o habitual.”</p> <p>“A mãe começou a limpá-la.”</p> <p>“Pôs-lhe o creme.”</p> <p>“A mãe continuou a vesti-la...”</p> <p>“A mãe estava a acabar de vestir a bebé...”</p>	6
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis		
	Verbais	<p>“ Pronto filha. As gotas lembraram-te que está na hora de comer...Pois é? Está quase filha!”</p> <p>“ Calma! Já vais comer.”</p>	2
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	<p>“ Estou admirada de ainda não ter começado a chorar com fome. Mas não deve demorar muito.”</p>	1

	Observador	“ Olha quem chegou filha! È a Nélia que veio ver a Iara a tomar uma banhoca!”	1
	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos	“...colocou-a em cima da toalha que estava na cama.”	1
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“ Esta fazia alguns sons.”	1
	Choro	“ A Iara começou a chorar.” “ ...mas a Iara estava irrequieta.” “ Mexia-se mais e continuava a chorar.” “...que ainda não tinha parado de chorar.” “ A Iara continuava a chorar.”	5
Comportamentos do Bebê	Movimentos	“...e mexeu os braços.” “ Assim que sentiu a água, a Iara fechou as	3

		mãos.” “ Batia com os pés no fundo da banheira e impulsionava o corpo para trás.”	
	Toque		
	Olhar	“A Iara estava atenta à conversa da mãe.” “ A bebé desviou o olhar. Parecia estar a prestar atenção ao peito.” “ A bebé olhava para a mãe.”	3
	Sorriso	“ Riu-se...”	1
	Sugar/Mamar	“ O pai colocou o dedo molhado na boca da bebé que ficou a chuchar no dedo.” “Assim que sentiu o mamilo a bebé começou a mamar com bastante força e parou de chorar.” “Passou a mamar mais lentamente mas com ritmo.”	6

		<p>“ Parou de mamar.”</p> <p>“ A Iara voltou a mamar.”</p> <p>“ Passados alguns minutos a Iara deixou de mamar. Largou o mamilo!”</p>	
	Vigília/Sono		
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“ A mãe olhava para ela e a bebé olhava para a mãe.”	1
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	“ A bebé pôs a mão em cima do peito da mãe.”	1
Relação Mãe/Observador	Fala	“ Estava mesmo a ver que isto ia acontecer. Parece que tem um relógio na barriga! Não falha!”	1
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	24 de Abril de 2008 - 20h30.	
	Duração da	45 Minutos.	

	Observação		
	Local	Quarto.	

Tabela 12: Análise da terceira observação realizada com a díade Maria e Iara

4ª Observação

Iara (bebé) - 2 meses e 13 dias

30 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	<p>“ Vamos tomar banhoca? Vamos tirar a roupa? Vamos?”</p> <p>“ Hoje vais chorar outra vez? Vais?”</p> <p>“ Agora é que fazes?”</p> <p>“Isso tu gostas, não gostas?”</p> <p>“O que queres? Esta camisola já te está a ficar</p>	7

		pequena, não é?” “Já não queres mais?” “Já não queres mais?”	
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé	“ Hã? Hã o quê? Que queres?”	1
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	.	
	Intrusivos	“ A mãe repetiu várias vezes o espremer a esponja na cabeça da Iara.”	1
	Estímulos Musculares	“ A mãe sentou-a...”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ ...olhava para ela.”	1
	Sorriso	“ A mãe sorria.”	1
	Amamentar Alimentar	“ cama e sentou-se para se preparar para dar de mamar.” “ A mãe pegou nela, encostou-a ao peito...” “ A mãe tinha-a deitada sobre as pernas e estava debruçada sobre ela. Ficou assim durante	7

		<p>algum tempo.”</p> <p>“ Com o movimento a Iara deixou de mamar, mas a mãe encostou de novo o peito, para que continuasse a mamar.”</p> <p>“ A mãe insistiu outra vez.”</p> <p>“ Voltou a deitá-la e voltou a dar de mamar.”</p>	
	Cuidar	<p>“ A mãe começou a lavá-la.”</p> <p>“ A mãe molhava a esponja e espremi-a na cabeça da bebé.”</p> <p>“ A mãe passou a mão pela cara, de modo a limpar-lhe os olhos.”</p> <p>“ ...a mãe deitou-a sobre a cama, e começou a limpá-la.”</p> <p>“ Pôs creme no corpo da bebé.”</p> <p>“ A mãe começou a vestir a Iara.”</p> <p>“ A mãe acabou de a vestir”</p>	9

		<p>“ A mãe dava palmadinhas nas costas.”</p> <p>“...e dava palmadinhas nas costas para que arrotasse de novo.”</p>	
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis	“ A mãe pegou nela a vertical.”	1
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	<p>“ Pois é? Pois é? (dirigindo-se à Iara) O pai ficou na conversa e nunca mais vem!”</p> <p>“A mãe saiu do quarto e foi ter com o pai.”</p> <p>“Posso começar a despi-la?”</p> <p>“Vamos pô-la outra vez na água. Deve estar a ficar com frio.”</p> <p>“Espera, deixa-me lavá-la bem, porque ontem estava cheia de pomada.”</p> <p>“ Pediu ao pai para ir buscar a pomada.”</p>	6
	Observador		

	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos	<p>“ Iara deitada na cama.”</p> <p>“ A mãe levantou-se da cama e deixou a Iara deitada.”</p> <p>“ ...deixou-a deitada na cama...”</p>	3
Linguagem do Bebê	Vocalizações	<p>“Fazia alguns sons.”</p> <p>“...e emitia alguns sons.”</p> <p>“...e vocalizava (hã).”</p> <p>“ Esta voltou a fazer alguns sons.”</p>	4
	Choro	<p>“ Começou a choramingar.”</p> <p>“ Enquanto o pai falava, a Iara voltou a choramingar.”</p> <p>“ A Iara começou a chorar.”</p>	3
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“ A Iara mexia os pés e as pernas...”</p> <p>“ A bebé movimentava as mãos...”</p>	12

		<p>“A Iara voltou a cabeça para o lado em que a mãe estava.”</p> <p>“...a Iara chapinhou com os pés.”</p> <p>“A Iara estava um pouco agitada.”</p> <p>“Mexia-se enquanto a mãe a vestia.”</p> <p>“A Iara estava cada vez mais irrequieta.”</p> <p>“No início a Iara estava quieta, mas com o passar do tempo, começou a ficar mais agitada.”</p> <p>“Depois a Iara agarrou a camisola da mãe e puxava-a.”</p> <p>“Agarrava e voltava a puxar.”</p> <p>“...a Iara ia mexendo os pés que estavam apoiados sobre a cama.”</p> <p>“Continuava a agarrar a camisola da mãe, com uma das mãos.”</p>	
	Toque		

	Olhar	“ Ficou a olhar para ela.”	1
	Sorriso	“ Sorria enquanto a mãe falava com ela.” “A Iara ria para a mãe.”	2
	Sugar/Mamar	“ O pai passou o dedo pela boca da Iara e esta ficou a chupar.” “ ...e a Iara começou logo a mamar.” “ Enquanto mamava...” “A Iara mamou pouco.”	4
	Vigília/Sono		
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“ A Iara escutava atentamente a mãe e olhava para ela.”	1
	Sorriso Mútuo	“ A Iara ficou a olhar para a mãe e riu-se. A mãe riu-se para ela.”	1
	Jogo/Brincadeira	“ A mãe tocou-lhe na barriga com a mão, e agitava o corpo dela.”	1
	Contacto Pele/Pele	“ Uma das mãos estava sobre o peito da mãe.”	1

<p>Relação Mãe/Observador</p>	<p>Fala</p>	<p>“ O Ricardo foi a casa da minha mãe. Ainda não veio.”</p> <p>“ Ela está ficar diferente! Mexe-se muito! Agora é um problema para dormir...fica a olhar para tudo e não dorme! Às vezes é preciso pô-la no carrinho, tapado com uma fralda e andar um pouco com ela. Adormece logo!”</p> <p>“ É melhor começar já a preparar as coisas.”</p> <p>“ Ontem chorou durante o banho todo.”</p> <p>“ A enfermeira disse-nos que os bebês que mamam, é mais difícil dar água e sopa. Estou à procura de um trabalho e daqui a umas semanas, vou começar a dar-lhe sopa, para ela se ir habituando.”</p> <p>“Apareceram-lhe estas borbulhas, e agora estamos a pôr esta</p>	<p>6</p>
---	-------------	---	----------

		pomada nas borbulhas.”	
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	30 de Abril de 2008 - 20h30	
	Duração da Observação	60 Minutos.	
	Local	Quarto.	

Tabela 13: Análise da quarta observação realizada com a díade Maria e Iara

ANEXO C

Em seguida apresentam-se as quatro tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da terceira díade (Anexo G), constituída pela Sílvia e o Gabriel.

1ª Observação

Gabriel - 1 mês e 21 dias

19 de Maio de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“ Vá filho!” “ Vá filho!”	2
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“ Então filho?”	1
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“Acariciou-o.” “ Voltou a acariciá-lo na cabeça.” “ A mãe fazia-lhe festas	4

		na mão...” “ Fez-lhe uma festa na cabeça.”	
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ Esta olhou para ele, enquanto segurava o peito com uma das mãos.” “Sílvia continuava a olhar para o Gabriel...”	2
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	“ A mãe sentou-se, deitou-o no colo e desviou-lhe o rosto para o peito para que começasse a mamar.” “ A mãe voltou a deitá-lo e encostou o peito na boca do bebé...” “ Sílvia encostou de novo o rosto do seu filho ao mamilo.”	3
	Cuidar	“ A mãe pegou nele e dirigiu-se para a sala.”	8

		<p>“...e agitava ligeiramente a mão para despertá-lo.”</p> <p>“Tocou-lhe na bochecha...”</p> <p>“Com tranquilidade, a Sílvia levantou ligeiramente o bebé e deu-lhe leves palmadas nas costas enquanto o bebé tossia.”</p> <p>“ A Sílvia despertou-lhe os primeiros botões do casaco e aliviou-lhe a gola da camisola, na área do pescoço.”</p> <p>“ Apesar da tentativa da mãe em acordá-lo com pequenos toques no rosto, o Gabriel não mamou mais.”</p> <p>“ A mãe levantou-o para que arrotasse.”</p> <p>“ Continuava a dar-lhe palmadinhas nas costas.”</p>	
Respostas da Mãe ao Desconforto do	Tácteis	<p>“ A mãe começou a massajar-lhe a barriga.”</p> <p>“ A mãe dava-lhe</p>	2

Bebé		palminhas no rabo e fazia-lhe festas na perna.”	
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros	<p>“ Sílvia onde é que estão os teus sapatos novos?”</p> <p>“Estão aí na gaveta do lado direito.”</p> <p>“ Na sala, era possível ouvir a conversa que o namorado e a sua amiga estavam a ter sobre a compra.”</p>	3
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos	“ ...Gabriel que estava deitado em cima da cama.”	1
Linguagem do Bebé	Vocalizações		
	Choro	<p>“...estava a choramingar.”</p> <p>“ O Gabriel começou a chorar.”</p>	3

		“O Gabriel dividia-se entre o choro e a tentativa de continuar a mamar.”	
Comportamentos do Bebê	Movimentos	“ Agitava os braços.”	1
	Toque		
	Olhar	“Nos primeiros momentos o Gabriel dirigiu o olhar para o rosto da mãe.”	1
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“ Assim que sentiu o mamilo começou a mamar vigorosamente.”</p> <p>“ De vez em quando parava de mamar e recomeçava.”</p> <p>“...e voltou a mamar com mais intensidade.”</p> <p>“...que recomeçou imediatamente a mamar.”</p> <p>“O Gabriel dividia-se entre o choro e a tentativa de continuar a mamar.”</p> <p>“Voltou a mamar, mas</p>	7

		bem devagar.”	
	Vigília/Sono	<p>“ Estava bem desperto...”</p> <p>“ Estava tranquilo ao colo da mãe, com os olhos bem abertos.”</p> <p>“ Á medida que mamava o Gabriel ia fechando os olhos.”</p> <p>“O Gabriel já estava com os olhos fechados.”</p> <p>“O Gabriel despertou...”</p> <p>“Já com os olhos quase fechados o Gabriel deixou de mamar.”</p> <p>“O Gabriel já desperto...”</p> <p>“...permanecia encostado à mãe sossegado, mas acordado.”</p>	8
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“Prolongou o olhar nele. O Gabriel ficou também a olhar para a mãe.”	1
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		

	Contacto Pele/Pele	“ A mãe fazia-lhe festas na mão...”	1
Relação Mãe/Observador	Fala	<p>“ Não dá para ficarmos aqui no quarto, não tem onde se sentar. Ficamos aqui na sala.”</p> <p>“ Para arrotar é que é pior. Costuma demorar muito tempo.”</p> <p>“ Ultimamente tem tido muitas cólicas e dormir só mesmo à noite. Dorme pouco de dia. Agora é capaz de ficar acordado até à próxima mamada.”</p>	3
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	19 de Maio de 2008 - 12h00	
	Duração da Observação	50 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 14: Análise da primeira observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel

2ª Observação

Gabriel (bebé) - 1 mês e 28 dias

26 de Maio de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“ Acorda filho!” “ Acorda Gabriel!”	2
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários		
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“ Agarrou-lhe a mão e fez uma carícia.” “ Passou-lhe a mão pela cabeça...” “Beijou-o no rosto.” “Beijou-o novamente.”	4
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares	“ Sentou-o de frente para ela.”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ A mãe olhava para ele.” “ Esta olhou para ele.”	3

		“ Ficou a olhar para ele.”	
	Sorriso	“ Riu-se!” “ Riu-se.”	2
	Amamentar Alimentar	“ A mãe sentou-se numa cadeira e deitou-o nos braços.” “ Encostou o rosto do bebé ao peito...” “ A mãe segurava o peito e balançava ligeiramente o corpo.” “ Voltou a deitá-lo para mamar de novo...” “ A mãe encostou-lhe o mamilo na boca.” “ A mãe voltou a aproximar-lhe o mamilo da boca.” “ Estava mais agitado e por vezes deixava de mamar e era a mãe que continuava a pôr-lhe o mamilo na boca.” “ A mãe voltou a deitá-lo no seu braço e dirigiu a sua cabeça para a mama.”	11

		<p>“ Com a mão, a mãe mexia no peito para estimular o Gabriel a mamar.”</p> <p>“A mãe voltou a insistir.”</p> <p>“Voltou a deitá-lo novamente, e voltou a dar-lhe o peito, para ver se queria comer mais.”</p>	
	Cuidar	<p>“Foi buscá-lo à cama.”</p> <p>“ Disse a mãe enquanto lhe tocava com o indicador na bochecha.”</p> <p>“A mãe mudou-o de posição.”</p> <p>“O bebê estava apoiado numa das suas mãos e com a outra a mãe mexia-lhe no corpo.”</p> <p>“A mãe levantou-lhe o tronco ligeiramente e esperou que acabasse de tossir.”</p> <p>“A Sílvia sentou-se na cadeira e sentou-o na perna.”</p> <p>“Desceu a camisola e</p>	9

		<p>sentou o Gabriel.”</p> <p>“Levantou-o virado para ela.”</p> <p>“A mãe encostou-o ao ombro.”</p>	
<p>Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê</p>	Tácteis	<p>“ A mãe massajou-lhe a barriga por breves instantes.”</p> <p>“ A mãe fazia-lhe massagens.”</p> <p>“ Tentou colocá-lo em várias posições.”</p> <p>“ Colocou-o de pé voltado para ela.”</p> <p>“ Beijou-o na cabeça.”</p> <p>“ Depois tentou virá-lo de costas para ela, ligeiramente sentado, enquanto lhe massajava a barriga.”</p> <p>“...levantou-se e virou-o de barriga para baixo enquanto lhe massajava a barriga, e o embalava.”</p>	8
	Verbais		
<p>Introdução de</p>	Pai		

um 3º Elemento pela Mãe	Observador		
	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações		
	Choro	<p>“O Gabriel começou a fazer caretas e a chorar.”</p> <p>“ O Gabriel começou a chorar novamente.”</p> <p>“ O Gabriel continuava a chorar.”</p> <p>“ Como não parava de chorar...”</p>	4
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“O Gabriel começou a movimentar os braços e as mãos...”</p> <p>“ O Gabriel mexeu a mão.”</p> <p>“ Fazia movimentos com as pernas, contraindo-se.”</p> <p>“ Não se mexeu muito enquanto ficou sentado.”</p>	8

		<p>“ O Gabriel continuava a mexer-se muito...”</p> <p>“Este esticava-se.”</p> <p>“Fazia algumas caretas, pondo a língua de fora.”</p> <p>“O bebé encolheu ligeiramente o ombro.”</p>	
	Toque		
	Olhar	<p>“Olhou para a mãe.”</p> <p>“...com o olhar dirigido à mãe.”</p> <p>“Olhava em várias direcções.”</p> <p>“O Gabriel dirigiu o olhar para ela.”</p> <p>“O bebé olhava ao seu redor.”</p>	5
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“ ...e este ainda com os olhos semi-fechados começou a mamar.”</p> <p>“... e este abria a boca como se estivesse à procura do mamilo.”</p> <p>“ Continuou a mamar...”</p>	6

		<p>“ Gabriel continuou a mamar.”</p> <p>“Mamou pouco.”</p> <p>“O Gabriel ficou com a boca encostada, fez o movimento de sucção, umas duas vezes e deixou o mamilo.”</p>	
	Vigília/Sono	<p>“ Gabriel permaneceu imóvel e continuou a dormir.”</p> <p>“... e abriu os olhos.”</p> <p>“Fechou-os novamente e ficou quieto.”</p> <p>“O Gabriel continuava a dormir.”</p> <p>“O Gabriel começou a abrir os olhos. Olhou para a mãe.”</p> <p>“Já estava mais desperto.”</p>	6
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo		
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira	“ Fazia algumas caretas, pondo a língua de fora.	1

		Olhava em várias direcções. A mãe olhou para ele e pôs-lhe a língua de fora. Riu-se!”	
	Contacto Pele/Pele		
Relação Mãe/Observador	Fala	“ Ele dorme tão pouco que até me custa acordá-lo! Mas ensinaram-me a não deixar passar muito tempo da hora de dormir, porque é melhor para ele. Também é bom para mim porque são sempre os mesmos horários.”	1
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	26 de Maio de 2008 - 12h00	
	Duração da Observação	50 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 15: Análise da segunda observação realizada com a mãe Sílvia e Gabriel

3ª Observação

Gabriel - 2 meses e 5 dias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários		
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“...deu-lhe um beijinho na testa...” “Fazia-lhe festa na cabeça e nas sobrancelhas.”	2
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“A mãe olhava para ele...”	1
	Sorriso	“A mãe sorriu...”	1
	Amamentar	“A mãe deitou-o no colo, apoiando a cabeça do	3

	<p>Alimentar</p>	<p>bebé no seu braço direito e encostou a boca ao seu peito.”</p> <p>“...e deitou-o para que mamasse.”</p> <p>“ Pegou numa almofada, colocou-a debaixo do braço de forma a dar apoio à cabeça do bebé. Retirou o mamilo...”</p>	
	<p>Cuidar</p>	<p>“ A mãe tirou-lhe a fralda e introduziu o clister, continuando a fazer o movimento de flexão com as pernas do bebé.”</p> <p>“ A mãe limpou-o, trocou a fralda e vestiu-o.”</p> <p>“ Pegou nele ao colo...”</p> <p>“ A mãe tocava-lhe na bochecha, tentando fazer com que despertasse.”</p> <p>“...a mãe estimulava-o mexendo nos pés...”</p> <p>“ A mãe levantou-o e encostou-o ao ombro para que arrotasse.”</p>	<p>7</p>

		<p>“ A mãe levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, dando-lhe palmadas nas costas.”</p>	
<p>Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê</p>	Tácteis	<p>“ A mãe sentou-se ao seu lado e começou a massajá-lo.”</p> <p>“ Flectia as pernas do bebé, e com a outra mão ia fazendo movimentos circulares na barriga.”</p> <p>“ A mãe pegou nele ao colo e colocou-o na posição vertical.”</p> <p>“...a mãe dava palmadinhas no rabo!</p> <p>“ A mãe continua com os movimentos.”</p>	5
	Verbais	<p>“ Pronto filho!”</p>	1
<p>Introdução de um 3º Elemento pela Mãe</p>	Pai		
	Observador		
	Outros		
<p>Mediatização do Ambiente pela</p>	Apresentação de Objectos		

Mãe	Liberdade de Movimentos	<p>“...o Gabriel deitado na cama...”</p> <p>“A mãe voltou a deitá-lo na cama.”</p>	2
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“...emitia alguns sons.”	1
	Choro	<p>“...a chorar.”</p> <p>“O bebê continuava a chorar...”</p> <p>“...e a choramingar.”</p> <p>“...e emitia sons de desconforto.”</p> <p>“O Gabriel começa a chorar de novo.”</p> <p>“O bebê começa a chorar com mais força.”</p> <p>“O Gabriel não parava de chorar.”</p>	7
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“...e movimentava muito os braços.”</p> <p>“O bebê continuava agitado...”</p> <p>“...e a choramingar.”</p> <p>“O bebê contraí-se em posição fetal e a</p>	4

		expressão do seu rosto era de desconforto.”	
	Toque		
	Olhar	<p>“ A mãe sorriu para o bebé e este olhava para ela.”</p> <p>“ ...o bebé olhava em direcção ao peito.”</p>	2
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“...e o bebé começou a mamar.”</p> <p>“ O bebé mamava calmamente, fazendo algumas interrupções.”</p> <p>“...e a mamar mais devagar.”</p> <p>“ O Gabriel voltou a mamar.”</p> <p>“ ...vagarosamente, o bebé recomeça a mamar.”</p>	8
	Vigília/Sono	<p>“ O bebé começou a fechar os olhos e a mamar mais devagar.”</p> <p>“ O Gabriel adormeceu.”</p> <p>“ O bebé continuou</p>	3

		encostado ao ombro de olhos fechados.”	
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo		
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	“ Fazia-lhe festa na cabeça e nas sobrancelhas.”	1
Relação Mãe/Observador	Fala	<p>“ Tem mesmo de ser. No centro de saúde, ensinaram-me a utilizar os clisteres apenas em caso de emergência. Mas ele já está há muito tempo com dores e não consigo ouvi-lo a chorar.”</p> <p>“ Finalmente!”</p> <p>“ Vamos para a sala que lá ficamos melhor.”</p>	3
	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	2 de Junho de 2008 - 12h00	
	Duração da Observação	60 Minutos.	

	Local	Quarto e Sala.	
--	-------	----------------	--

Tabela 16: Análise da terceira observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel

4ª Observação

Gabriel - 2 meses e 12 dias

9 de Junho de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas		
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários		
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebé		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“...deu-lhe um beijinho na testa...” “Fazia-lhe festa na cabeça e nas sobrancelhas.”	2
	Intrusivos		

	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ A mãe olhava para ele...”	1
	Sorriso	“ A mãe sorriu...”	1
	Amamentar Alimentar	“A mãe deitou-o no colo, apoiando a cabeça do bebé no seu braço direito e encostou a boca ao seu peito.” “...e deitou-o para que mamasse.” “ Pegou numa almofada, colocou-a debaixo do braço de forma a dar apoio à cabeça do bebé. Retirou o mamilo...”	3
	Cuidar	“ A mãe tirou-lhe a fralda e introduziu o clister, continuando a fazer o movimento de flexão com as pernas do bebé.” “ A mãe limpou-o, trocou a fralda e vestiu-o.” “ Pegou nele ao colo...”	7

		<p>“ A mãe tocava-lhe na bochecha, tentando fazer com que despertasse.”</p> <p>“...a mãe estimulava-o mexendo nos pés...”</p> <p>“ A mãe levantou-o e encostou-o ao ombro para que arrotasse.”</p> <p>“ A mãe levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, dando-lhe palmadas nas costas.”</p>	
<p>Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê</p>	<p>Tácteis</p>	<p>“ A mãe sentou-se ao seu lado e começou a massajá-lo.”</p> <p>“ Flectia as pernas do bebé, e com a outra mão ia fazendo movimentos circulares na barriga.”</p> <p>“ A mãe pegou nele ao colo e colocou-o na posição vertical.”</p> <p>“...a mãe dava palmadinhas no rabo!</p> <p>“ A mãe continua com os movimentos.”</p>	<p>5</p>

	Verbais	“ Pronto filho!”	1
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos	“ ...o Gabriel deitado na cama...” “ A mãe voltou a deitá-lo na cama.”	2
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“...emitia alguns sons.”	1
	Choro	“...a chorar.” “ O bebé continuava a chorar...” “...e a choramingar.” “...e emitia sons de desconforto.” “O Gabriel começa a chorar de novo.” “O bebé começa a chorar com mais força.” “O Gabriel não parava de	7

		chorar.”	
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“...e movimentava muito os braços.”</p> <p>“ O bebê continuava agitado...”</p> <p>“ ...e a choramingar.”</p> <p>“ O bebê contraí-se em posição fetal e a expressão do seu rosto era de desconforto.”</p>	4
	Toque		
	Olhar	<p>“ A mãe sorriu para o bebê e este olhava para ela.”</p> <p>“ ...o bebê olhava em direcção ao peito.”</p>	2
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“...e o bebê começou a mamar.”</p> <p>“ O bebê mamava calmamente, fazendo algumas interrupções.”</p> <p>“...e a mamar mais devagar.”</p> <p>“ O Gabriel voltou a</p>	8

		<p>mamar.”</p> <p>“ ...vagarosamente, o bebê recomeça a mamar.”</p>	
	Vigília/Sono	<p>“ O bebê começou a fechar os olhos e a mamar mais devagar.”</p> <p>“ O Gabriel adormeceu.”</p> <p>“ O bebê continuou encostado ao ombro de olhos fechados.”</p>	3
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo		
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	<p>“ Fazia-lhe festa na cabeça e nas sobrancelhas.”</p>	1
Relação Mãe/Observador	Fala	<p>“ Tem mesmo de ser. No centro de saúde, ensinaram-me a utilizar os clisteres apenas em caso de emergência. Mas ele já está há muito tempo com dores e não consigo ouvi-lo a chorar.”</p>	3

		<p>“ Finalmente!”</p> <p>“ Vamos para a sala que lá ficamos melhor.”</p>	
	Comportamentos		
Aspectos Formais do <i>Setting</i>	Data/Hora	2 de Junho de 2008 - 12h00	
	Duração da Observação	60 Minutos.	
	Local	Quarto e Sala.	

Tabela 17: Análise da quarta observação realizada com a díade Sílvia e Gabriel

ANEXO D

Por último, apresentam-se as quatro tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da quarta díade (Anexo H), constituída pela Ana e a Mariana.

1ª Observação

Mariana - 1 mês e 26 dias

29 de Março de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“Acorda filha!” “Vá filha!” “Vá! Acorda!” “Arrota filha! Dá uma arroto grande, como deste da outra vez.”	4
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“Então filha?” “ Pronto! Já está!”	2
	Respostas Contingentes às Vocalizações do		

	Bebé		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto	“Fez uma festa na cabeça da Mariana.”	1
	Intrusivos	“Num gesto rápido, abriu-lhe o olho, afastando as pálpebras com os dedos. Riu-se!”	1
	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“A mãe olhava para a bebé...” “ A mãe olhava para ela.” “ A mãe olhou para ela...”	4
	Sorriso	“ ...e ria-se para ela.”	
	Amamentar Alimentar	“ Tirou da caixa um mamilo de silicone e pôs no mamilo.” “Pegou na cabeça da Mariana e suavemente encostou a boca dela ao mamilo.” “Dirigindo-se à Mariana que já não mamava com tanta intensidade.”	4

		“Encostou o mamilo na boca da Mariana.”	
	Cuidar	<p>“Deitou a Mariana no colo e deu-lhe o biberão com água.”</p> <p>“ Dava palmadinhas no rabo da Mariana.”</p> <p>“ ...mexeu-lhe nas mãos. Tirou-lhe algumas peles que tinha entre os dedos.”</p> <p>“ Como já não estava a mamar, a mãe pegou na Mariana para que arrotasse.”</p> <p>“Batia-lhe nas costas com leves e curtas palmadas.”</p> <p>“Continuou a dar as palmadas e a bebé não arrotava.”</p> <p>“Trazia na mão uma toalha plastificada e uma fralda. Ao abrir o plástico no sofá reparou que estava com pêlos de cão e foi buscar uma fralda de pano, que colocou por baixo da de</p>	9

		plástico.” “ Começou a mudar a fralda à Mariana.” “Levantou-a e ficou com ela no colo.”	
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis		
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros	“...E também saímos para ver a outra avó! Não é?”	1
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“ Enquanto a mãe lhe batia nas costas, a Mariana emitia alguns sons.” “...e emitia alguns sons.”	2
	Choro		

Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“ Apenas se movimentada um pouco...”</p> <p>“De vez em quando tentava mover a cabeça, mas sem a conseguir segurar de forma firme.”</p> <p>“ Esta movimenta-se...”</p>	3
	Toque		
	Olhar	<p>“Enquanto foi buscar os toalhetes a Mariana ficou sossegada, deitada no sofá e olhava para o encosto do sofá.”</p>	1
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“Bebeu apenas um pouco.”</p> <p>“A Mariana sugava com força.”</p> <p>“A Mariana continuava a mamar...”</p> <p>“Enquanto mamava, era possível notar que a Mariana respirava com alguma dificuldade por ter o nariz entupido.”</p> <p>“A Mariana que já não</p>	11

		<p>sugava com tanta intensidade.”</p> <p>“A Mariana deixou de mamar por instantes.”</p> <p>“A Mariana voltou a mamar com mais força.”</p> <p>“A Mariana mamava com os olhos quase fechados.”</p> <p>“A intensidade da sucção da Mariana diminuiu.”</p> <p>“Houve momentos em que parava e voltava a mamar lentamente.”</p> <p>“A Mariana continuava a mamar.”</p>	
	Vigília/Sono	<p>“ A Mariana estava com os olhos semi-abertos.”</p> <p>“A Mariana estava com os olhos fechados.”</p> <p>“Entretanto a Mariana começou a despertar.”</p> <p>“Começou a abrir mais os olhos e a movimentar a cabeça.”</p>	5

		“...bem desperta.”	
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“ ...disse à Mariana que esboçou um sorriso.”	1
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	<p>“Fez uma festa na cabeça da Mariana.”</p> <p>“...enquanto tocava com o indicador na bochecha da Mariana.”</p> <p>“...enquanto a mãe lhe tocava.”</p> <p>“A mãe começou a mexer-lhe nas bochechas com o dedo.”</p>	4
Relação Mãe/Observador	Fala	<p>“Acabei agora mesmo de ir buscá-la ao quarto. Ainda está a acordar.”</p> <p>“Geralmente deixo-a dormir e ela acorda sozinha. Houve um dia em que dormiu 6 horas seguidas.”</p> <p>“Ela já estava a dormir há algumas horas. Vamos ver se está com</p>	20

		<p>fome!”</p> <p>“Não se importa de pegar um pouco nela, enquanto vou buscar as coisas?”</p> <p>“Costumo dar-lhe um pouco de água antes de mamar.”</p> <p>“Dizem que isso não se deve fazer, porque o leite já tem água, mas há muitas coisas que me dizem para fazer e eu não faço!”</p> <p>“Diziam por exemplo para acordá-la e dar-lhe de mamar. No início fiz isso, mas depois deixei de fazer. Quando a acordava ficava adormecida. Agora deixo que seja ela a acordar.”</p> <p>“Não queres mais!”</p> <p>“Tenho de usar isto para ela mamar, porque ela não agarra o mamilo. Mas eu até tenho bico!”</p> <p>“Quando ela acorda a</p>	
--	--	--	--

		<p>chorar, puxa o mamilo com tanta força!”</p> <p>“Ela ainda tem a cabeça cheia de peles. Faz-me uma impressão!</p> <p>Também me recomendaram uma pomada mas não estava a fazer nada. Decidi pôr óleo de amêndoas doces. Comecei a pôr há dois dias e já se nota diferença.”</p> <p>“Ela está, um pouquinho constipada. Enquanto as outras mães ficam com os filhos em casa os primeiros meses, eu costumo sair com ela. Embrulho-a sempre em cobertores, mas mesmo assim...E também saímos para ver a outra avó...”</p> <p>“Não costumo atender o telemóvel quando estou a dar de mamar. Só se ele estiver perto. Mas não me levanto para o ir buscar. Quando me ligou hoje,</p>	
--	--	---	--

		<p>provavelmente estava a dar de mamar. Por isso é que não atendi. Deve ser a minha mãe a dizer que está a sair do trabalho.”</p> <p>“Se eu não a desperto, fica horas a mamar. Acorda, adormece... Às vezes à noite quando acorda para mamar, fica tempos e tempos. A minha mãe já me acordou de manhã com ela nos braços e com o peito de fora. Custa-me muito à noite. Também não dou de mamar sentada. Ficou deitada. Costumo ficar a ler uma revista ou a ver televisão. Mas chega a um ponto que começo a ver as letras todas desfocadas. Ela dorme mais comigo do que no berço dela. A minha mãe diz que isso não é bom. Depois quando for para a creche pode ser complicado para a pôr a dormir no berço.”</p>	
--	--	--	--

		<p>“Às vezes é difícil ela arrotar.”</p> <p>“OuvIU-se um pum. A mãe começou a rir e disse-me: Não sai por cima, sai por baixo.”</p> <p>“O telemóvel voltou a tocar. - Não se importa de ficar um pouco com ela para ligar à minha mãe? Se calhar até gosta!”</p> <p>“A minha mãe já não se lembrava que vinha cá hoje!”</p> <p>“Pois, já estava a ver. Esqueci-me dos toalhetes. Desculpe lá, não se importa de ficar aí com ela? “</p> <p>“A conversa com a minha mãe distraiu-me.”</p> <p>“Deve ser a minha irmã. Está em casa porque tem um bebé. O meu sobrinho já tem um ano. Mas ela tem medo de o pôr numa creche. A minha mãe só teve a</p>	
--	--	---	--

		<p>possibilidade de ajudar uma de nós. E ela não tem como pô-lo na creche por ser privada.</p> <p>O meu sobrinho é aquele menino naquela fotografia. É um reguila! No outro dia já bateu na prima! É preciso ter cuidado quando ele está por perto!”</p>	
	Comportamentos	<p>“ A mãe deu-me a Mariana para o colo e foi em direcção ao quarto buscar as coisas.”</p> <p>“ Não fez nenhum movimento para pegar na bebé. Tive a iniciativa de lhe dar a Mariana.”</p> <p>“ A mãe deu-me a Mariana.”</p>	3
Aspectos Formais do <i>Setting</i>	Data/Hora	28 de Março 2008, às 17h00.	
	Duração da Observação	45 Minutos.	
	Local	Sala.	

Tabela 18: Análise da primeira observação realizada com a díade Ana e a Mariana

2ª Observação

Mariana - 2 meses e 2 dias

4 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“ Vá filha!” “ Vá filha! Não é hora para brincar.”	2
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“ Oh filha!” “ Então filha! Deves estar com cólicas!” “ Já não queres mais?”	3
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		

Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto		
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ ...olhando para a bebé.”	1
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	<p>“ A Ana colocou o mamilo de silicone e começou a dar de mamar.”</p> <p>“ A mãe voltou a encostar o mamilo na sua boca...”</p> <p>“ A mãe tentou que a Mariana voltasse a mamar, fazendo pressão sobre o peito.”</p>	3
	Cuidar	<p>“A mãe pegou nela ao colo, ficando a Mariana sentada de costas para a mãe e virada para mim.”</p> <p>“Levantou a filha e colocou-a a arrotar,</p>	2

		batendo-lhe devagarinho nas costas.”	
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis		
	Verbais		
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos	.	
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações		
	Choro		
Comportamentos do Bebê	Movimentos	<p>“ Mexeu a mão.”</p> <p>“ A Mariana movimentava ligeiramente a cabeça enquanto estava na posição vertical.”</p>	2
	Toque		

	Olhar	<p>“ ...olhar dirigido para a mãe.”</p> <p>“ ...sem desviar o olhar da mãe.”</p> <p>“ A Mariana continuava a sorrir, com o olhar direccionado para a mãe.”</p> <p>“ Ficou com o olhar dirigido para a roupa da mãe.”</p> <p>“ A Mariana continuava sossegada e olhava ao redor.”</p> <p>“Ficou a olhar para a mãe.”</p>	6
	Sorriso	<p>“ Sem tirar a boca do mamilo a Mariana sorriu novamente.”</p> <p>“ A Mariana continuava a sorrir, com o olhar direccionado para a mãe.”</p>	2
	Sugar/Mamar	<p>“ A Mariana começou a mamar muito bem...”</p>	7

		<p>“ A Mariana continuava a mamar...”</p> <p>“ Nesta altura a mariana já não estava a mamar tão bem. Parava algumas vezes e recomeçava.”</p> <p>“Largou o mamilo.”</p> <p>“... a bebé começou a mamar outra vez.”</p> <p>“A Mariana já não estava a mamar, apenas tinha a boca encostada ao mamilo.”</p> <p>“A Mariana mamou durante alguns segundos e deixou o mamilo.”</p>	
	Vigília/Sono	“Estava desperta!”	1
Comportamentos da Interacção Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	<p>“A Ana olhou para ela e a Mariana sorriu. “</p> <p>“ Olhou para ela e a Mariana sorriu outra vez, a mãe sorriu para ela.”</p>	2

	Sorriso Mútuo	<p>“A Ana olhou para ela e a Mariana sorriu. A Ana riu-se.”</p> <p>“Ao olhar para a bebé, esta voltou a sorrir.”</p> <p>“A mãe ria-se.”</p> <p>“Aconchegou a Mariana ao peito e esta voltou a sorrir.”</p> <p>“Olhou para ela e a Mariana sorriu outra vez, a mãe sorriu para ela.”</p>	5
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	“Aconchegou a Mariana ao peito e esta voltou a sorrir.”	1
Relação Mãe/Observador	Fala	<p>“Acordou muito bem-disposta!”</p> <p>“Ela já sabe que quando vem cá é hora da comida! Vamos para a sala.”</p> <p>“Já viu como a cabeça dela está melhor? Já não se notam as peles. Pus o</p>	10

		<p>creme só naquele dia e de noite as peles começaram a cair.”</p> <p>“ Agora não para de rir. (riu-se)”</p> <p>“ Ontem fui à médica com ela. A médica disse que está muito boa, elogiou-me por dar mama. Tenho uma amiga que teve há pouco tempo uma filha e não lhe dá peito, só porque não quer ficar com ele descaído! Eles dizem que é muito importante o leite da mãe.”</p> <p>“ Pronto! Não posso olhar para ela, senão não pára de rir.”</p> <p>“ Agora vou começar a tirar a carta de condução. Podia ter começado a tirar enquanto estava grávida, mas não quis por causa do barrigão e também por medo.”</p> <p>“Às vezes podia ser</p>	
--	--	--	--

		<p>necessário fazer alguma travagem brusca e podia bater com a barriga no volante e ainda acontecia alguma coisa.</p> <p>Em princípio vou começar para a semana. Aí vou ter que lhe dar leite em pó. Ela vai ficar com a minha avó. Podia tirar leite com a bomba, mas custa tanto!</p> <p>O mamilo fica deste tamanho (riu-se e fez uma gesto com a mão a mostrar o resto do mamilo).”</p> <p>“Ultimamente deve andar com cólicas...”</p> <p>“O que vale é que para arrotar é sempre num instante! Vamos ver se depois ela quer dormir.”</p>	
	Comportamentos		
Aspectos Formais do <i>Setting</i>	Data/Hora	4 de Abril de 2008 - 17h50.	
	Duração da	50 Minutos.	

	Observação		
	Local	Sala.	

Tabela 19: Análise da segunda observação realizada com a díade Ana e Mariana

3ª Observação

Mariana - 2 meses e 8 dias

10 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	“Vá filha!” “Vá!”	2
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“Podes continuar com sono... assim quando acabares de mamar continuas a dormir.” “Já não queres mais?”	2
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		

Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto		
	Intrusivos		
	Estímulos Musculares		
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	<p>“...(riu-se enquanto olhava para ela).”</p> <p>“A mãe, ficou durante alguns momentos a olhar para ela.”</p> <p>“ Olhou para a Mariana que mamava devagar...”</p>	3
	Sorriso		
	Amamentar Alimentar	<p>“Foi buscar o mamilo de silicone.”</p> <p>“Sentou-se numa ponta da cama. Desviou o rosto da Mariana para o peito.”</p> <p>“A mãe tocou na bochecha da Mariana (que ainda parecia estar a dormir) e fez pressão sobre o peito para que mamasse.”</p> <p>“A mãe sentiu, e voltou</p>	5

		<p>a dar-lhe a mama.”</p> <p>“A mãe voltou a insistir!”</p>	
	Cuidar	<p>“ A mãe aproximou-se. Tirou-lhe o cobertor que estava em cima dela e afastou a manta que estava enrolado à volta da Mariana.”</p> <p>“ Espreitou.”</p> <p>“ Voltou a espreitar para dentro do berço.”</p> <p>“ A Mãe pegou na Mariana que estava embrulhada, na manta. Tirou a manta, ajeitou o pijama da Mariana.”</p> <p>“ A mãe levantou-a para arrotar.”</p> <p>“ Assim que a mãe começou a dar palmadinhas nas costas, a Mariana arrotou.”</p>	6
Respostas da Mãe ao Desconforto do	Tácteis	“A mãe levantou-a para arrotar.”	1
	Verbais		

Bebé			
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai	“Eu já fiz queixas ao papá a dizer que tu não te andas a portar a bem.”	1
	Observador		
	Outros	“És cusca como a avó! Como a avó não, como a bisavó. A avó até que nem é cusca.”	
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebé	Vocalizações	“...e fez alguns ruídos.”	1
	Choro	“Começou a fazer expressões de desconforto.” “A Mariana começou a chorar.” “A Mariana parou de chorar.”	3
Comportamentos	Movimentos	“Movimentava ligeiramente o corpo,	2

do Bebê		<p>abria as mãos...”</p> <p>“Movimentava de vez em quando a mão.”</p>	
	Toque		
	Olhar	<p>“A Mariana olhou para a mãe.”</p> <p>“A Mariana olhava para a mãe.”</p>	2
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“A Mariana começou a mamar, apesar lenta e levemente.”</p> <p>“A Mariana mamava com mais força...”</p> <p>“A Mariana continuava a mamar sossegada.”</p> <p>“Mariana que mamava devagar...”</p> <p>“Entretanto a Mariana largou o peito.”</p> <p>“A Mariana virou a cara e não mamou mais.”</p>	6
	Vigília/Sono	<p>“Mariana estava a dormir no berço.”</p> <p>“A Mariana continuava</p>	8

		<p>a dormir.”</p> <p>“...mas continuava com os olhos fechados.”</p> <p>“ A Mariana continuou imóvel.”</p> <p>“Entretanto, enquanto a mãe falava, a Mariana começou a mexer-se.”</p> <p>“...mas já mais desperta.”</p> <p>“A Mariana abriu os olhos. Mexeu-se e espreguiçou-se.”</p> <p>“...ainda bastante sonolenta.”</p>	
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo		
	Sorriso Mútuo		
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	<p>“Tocou-lhe no rosto.”</p> <p>“ A Mariana ficou encostada ao corpo da mãe...”</p>	2
Relação	Fala	<p>“Não repare que ando nas limpezas. A</p>	15

<p>Mãe/Observador</p>		<p>Mariana ainda está a dormir.”</p> <p>“Hoje fez uma birra! Foi difícil pô-la a dormir.”</p> <p>“ Vamos ver se ela acorda.”</p> <p>“Vamos ver se ela acorda.”</p> <p>“Mas ela hoje fez cá uma birra! Sabe o que é esta birra? É toda a gente que vem e pega nela ao colo...Depois fica habituada e sobra para mim. Hoje fiquei mesmo cansada! Fiquei a andar aqui de um lado para o outro com ela ao colo (e gesticulou para a área do quarto onde tinha andado com ela) ... até me doem os braços. Ai, ai (suspirou). Vem o pai pega ao colo, vem a avó pega ao colo. Toda a gente pega ao colo. Ela não era assim. De há uma semana para cá é</p>	
------------------------------	--	--	--

		<p>que começou com estas birras. Já disse ao pai, que quando ele chegar, ele é que a vai aturar. Ele disse que sim, mas basta ela começar a chorar, que vem logo ter comigo para eu ficar com ela.”</p> <p>“ Eu sou alérgica a uma série de coisas. Mas a mim é mais na pele. Há alturas em que fico cheia de borbulhinhas no corpo. Por acaso já não acontece há algum tempo. Aconteceu algumas vezes quando eu era miúda. Disseram- me que era alérgica ao tabaco, e eu fumo e não passo mal com isso! (riu-se para mim).”</p> <p>“Parece que ela já está a acordar.”</p> <p>“ Ela deve estar mesmo a acordar. Além disso já está na hora de acordar.”</p> <p>“Vamos ver se ela quer</p>	
--	--	--	--

		<p>mamar.”</p> <p>“ Hoje ficamos aqui no quarto. É o sitio da casa que está mais limpo, pelo menos sem os pelos das cadelas. Quer dizer, há bocado já vi ali um pedaço de pelos debaixo da televisão.”</p> <p>“Tem mais sono do que fome!”</p> <p>“Para bem dela e para o meu bem. Para bem de todos nesta casa.”</p> <p>“Hoje aconteceu uma coisa engraçada. Já me estive a rir à bocado. Na altura não achei piada nenhuma.”</p> <p>“Parece que está atenta à conversa.”</p> <p>“A minha mãe diz que não lhe podemos pegar ao colo sempre que ela chora. Diz que faz bem aos pulmões ela chorar. Mas é difícil deixá-la chorar.”</p>	
--	--	--	--

	Comportamentos		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	10 de Abril de 2008 - 17h00	
	Duração da Observação	70 Minutos.	
	Local	Quarto.	

Tabela 20: Análise da terceira observação realizada com a díade Ana e Mariana

4ª Observação

Mariana - 2 meses e 16 dias

18 de Abril de 2008

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	Nº
Linguagem/Fala da Mãe	Directivas	<p>“ Não olhes para a televisão, que te faz mal à vista!”</p> <p>“ Vá filha! Toca a mamar para depois ires fazer um grande ó ó.”</p> <p>“Vá filha! Acaba de mamar!”</p> <p>“ Acorda! Tens de</p>	4

		arrotar!”	
	Críticas		
	Elogios		
	Comentários	“ Vais dar um murro à mãe? (riu-se).”	1
	Respostas Contingentes às Vocalizações do Bebê		
Comportamentos Tácteis da Mãe	Afecto		
	Intrusivos	“ A mãe pôs a mão à frente dos olhos da bebé e disse-lhe...” “ A mãe pegou no rosto da bebé e começou a abaná-lo de um lado para o outro!”	2
	Estímulos Musculares	“ A Ana levanta-a e senta-a no colo de lado...”	1
Outros Comportamentos da Mãe	Olhar	“ A mãe olhava para a Mariana.”	1
	Sorriso		

	Amamentar Alimentar	<p>“ Colocou o mamilo de silicone...”</p> <p>“ A mãe voltou a colocar o mamilo na boca da filha.”</p> <p>“ A mãe fez pressão com os dedos sobre o peito...”</p>	3
	Cuidar	<p>“ A mãe pegou nela ao colo...”</p> <p>“... e começa a dar palmadas nas costas.”</p> <p>“ A mãe deitou-a na cama, para ir buscar à sala o plástico e os toalhetes para mudar a fralda.”</p> <p>“Quando começou a mudar a fralda...”</p> <p>“ Assim que acabou de trocar a Mariana, a mãe pegou nela ao colo.”</p> <p>“ Deitou-a no berço e ficou sentada à beira da cama e embalar o berço.”</p>	6
Respostas da Mãe ao Desconforto do Bebê	Tácteis	“ A mãe ficou a embalá-la, durante alguns minutos.”	1
	Verbais	“ Oh filha! São cólicas?”	1

		Mas já fizeste cocó....”	
Introdução de um 3º Elemento pela Mãe	Pai		
	Observador		
	Outros		
Mediatização do Ambiente pela Mãe	Apresentação de Objectos		
	Liberdade de Movimentos		
Linguagem do Bebê	Vocalizações	“ Emitia alguns sons, enquanto a mãe falava.”	1
	Choro	“ Começou a chorar.” “ A Mariana parou de chorar.”	2
Comportamentos do Bebê	Movimentos	“ A Mariana estava com a mãe fechada.” “A Mariana movimentou a cabeça, largando o mamilo.” “ Movimentava os braços e as pernas.”	3
	Toque		
	Olhar	“ A televisão estava	1

		ligada e a Mariana dirigiu o olhar para a televisão.”	
	Sorriso		
	Sugar/Mamar	<p>“... Assim que o sentiu na boca, a Mariana começou a mamar apressadamente.”</p> <p>“ Esta continuou a mamar.”</p> <p>“ A Mariana começou a mamar com menos vigor, enquanto a mãe conversava.”</p> <p>“A mãe fez pressão com os dedos sobre o peito, e a Mariana continuou a mamar.”</p> <p>“Mamava e parava.”</p> <p>“ Largou o mamilo.”</p> <p>“...e recomeçou a mamar assim que sentiu o mamilo.”</p>	7
	Vigília/Sono	<p>“ Estava bem desperta.”</p> <p>“ A Mariana foi fechando os olhos.”</p> <p>“ Adormeceu.”</p>	9

		<p>“ A bebé despertou ligeiramente...”</p> <p>“Rapidamente começou a fechar os olhos.”</p> <p>“A Mariana já estava a dormir.”</p> <p>“ A Mariana abriu os olhos e voltou a fechá-los.”</p> <p>“ A Mariana continuava a dormir.”</p> <p>“ ...a bebé despertou.”</p>	
Comportamentos da Interação Mãe/Bebé	Olhar Mútuo	“ Mãe e filha trocaram olhares.”	1
	Sorriso Mútuo	“A Mariana olhou para a mãe, retribuindo o sorriso.”	1
	Jogo/Brincadeira		
	Contacto Pele/Pele	<p>“ Desviou o soutien e colocou a mão da bebé sobre o seu peito.”</p> <p>“A mãe começou a tocá-lo na bochecha.”</p>	2

<p>Relação Mãe/Observador</p>	<p>Fala</p>	<p>“ Entre! Estamos aqui no quarto. Hoje vamos ficar aqui. Estive a limpar o quarto. A casa anda cheia de pêlos e detesto encontrar os pêlos dos cães nela. Em minha casa já não vou ter que me preocupar com isso. Assim que começar a trabalhar vou comprar casa, ou melhor, alugar! O ideal era que houvesse um apartamento aqui perto da minha mãe...”</p> <p>“Pedi-me para lhe dar a caixa onde estava o mamilo de silicone.”</p> <p>“ Ela gosta de ficar a tocar no peito.”</p> <p>“ É bom ter cá alguém! Pelo menos não estou sozinha.</p> <p>Pena que é a ultima vez! A minha mãe passa o dia a trabalhar, só a vejo à noite. O meu namorado, tem estado a maior parte dos dias fora de Lisboa, só nos vemos ao fim de semana. De vez em quando ainda saio para ir</p>	<p>7</p>
---	-------------	--	----------

		<p>ver a minha sogra. Ela gosta muito de ter lá a bebé. Às vezes também vou ter com a minha irmã. Ela está em casa com o filho. Essa é que tem a mania das limpezas! A casa está sempre impecável.</p> <p>Apesar de o meu sobrinho ser um terrorista tem sempre tudo organizado. Espero que esta não saia ao primo! (Riu-se). Não me posso queixar, ela até é sossegada. Mas custa estar aqui sozinha...”</p> <p>“ Sabe, foram muitas mudanças de uma só vez... não estava á espera desta mudança na minha vida... não foi nada planeado. Ela não foi planeada... Bem, eu também não fui planeada... (riu-se). Tal mãe, tal filha.”</p> <p>“ Está com mais sono do que fome. Agora é mudar a fralda e deixá-la</p>	
--	--	--	--

		<p>dormir... Hoje dormiu pouco! Tem andado com mais cólicas. Esta semana já comecei a dar o leite em pó, uma vez por dia. Para ela se começar a habituar. Já comecei a tratar dos papéis para tirar a carta. Tenho de aproveitar estes meses que não estou a trabalhar. Se eu não começar agora, depois vai ser mais complicado... Não sei se é por causa disso que anda com mais cólicas.”</p> <p>“ Não é por cima, é por baixo! Hoje ainda não fez cocó. Espero que esteja a fazer agora, senão lá vêm as cólicas...”</p>	
	Comportamentos		
Aspectos Formais do <i>Setting</i>	Data/Hora	18 de Abril de 2008 - 18h00	
	Duração da Observação	50 Minutos.	

	Local	Quarto.	
--	-------	---------	--

Tabela 21: Análise da quarta observação realizada com a díade Ana e Mariana

ANEXO E

1ª Observação

Maria (mãe), Prima (P), Alexandre (bebé) – 1 mês e 28 dias

21 de Abril de 2008 - 14h50/15h30

A porta estava semi aberta quando cheguei. Bati à porta.

M- Entre! Estou na sala.

Estava sentada no sofá com o Alexandre deitado de barriga para baixo sobre as suas pernas. Estava a ver televisão e a cortar as unhas ao bebé. Na sala estava um rapaz adolescente, que não me foi apresentado e que nunca interagiu com a mãe, nem com o bebé durante a observação.

M - O Alexandre ainda está a dormir.

Perguntei-lhe se queria que voltasse mais tarde.

M - Não vale a pena. Mais uns minutos e tenho de o acordar. Não pode dormir muito.

Enquanto falava, ia cortando as unhas ao Alexandre, que continuava a dormir profundamente.

M - Tem umas unhas tão pequenas...só dá mesmo para cortar enquanto está a dormir.

Acabou de cortar as unhas, olhou p o relógio e disse:

M - Está na hora de mamar.

Pegou o Alexandre ao colo. O Alexandre ficou com os pés a tocar nas pernas da mãe, ligeiramente afastada desta. Continuava a dormir e a cabeça tombava para os lados, quando a mãe fazia algum movimento na tentativa para o acordar. A mãe olhava e ria-se.

M - Não quer acordar!

Sentou-o no colo e com o dedo mexia-lhe na bochecha. Esboçava um sorriso, ao ver que ele não acordava. Voltou a levantá-lo.

M - Alexandre! Acorda!

Agitou-o ligeiramente. Apenas a cabeça “balançava”. Continuava a dormir. Soprou-lhe na cara.

M - Psst! Psst!

Tocava na bochecha do Alexandre que devagar começou a abrir os olhos. Dirigiu o olhar para a mãe que ficou a sorrir para ele. Começou a fazer beicinho.

M - Vai começar a chorar.

Ao ouvir a voz da mãe, ficou mais atento ao seu rosto e por breves segundos deixou de fazer beicinho.

M - Ainda está com sono!

Começou a choramingar. A mãe deitou-o nos seus braços e começou a dar-lhe de mamar. Assim que sentiu o mamilo começou a mamar com força, mas calmamente. Fechou os olhos. A mãe pegou no comando, mudou de canal e ficou a ver uma telenovela. O Alexandre continuava a mamar. De vez em quando abria os olhos, mas rapidamente os fechava. A mãe pegou na mão do bebé e ficou a fazer festinhas.

Reparou em algumas borbulhas que o bebé tinha na mão. Passou o polegar pela mão do Alexandre. Puxou-lhe a manga da camisola para cima e o braço estava também repleto de pequenas borbulhas. Voltou a puxar a manga da camisola para baixo. Com o movimento, o mamilo saiu da boca do Alexandre, que começou a chorar. A mãe voltou a encostar o mamilo nos lábios do bebé. Assim que o sentiu calou-se. A mãe sorriu. Olhando para ele, afastou o peito do Alexandre, que com os olhos e a boca bem abertos, tentava encontrar novamente o mamilo. A mãe riu-se e voltou a dar de mamar ao Alexandre que calmamente, e com os olhos fechados continuou a mamar. A Maria reparou em algumas peles que o Alexandre tinha na cabeça e começou a tirá-las do cabelo. Olhava de vez em quando para a televisão. Nesta altura o Alexandre despertou. Ficou com os olhos abertos e o seu olhar estava dirigido à gola da camisola da mãe. A Maria reparou que despertou e mais uma vez, tirou algumas das peles que ele tinha na cabeça. O Alexandre mamava com menos intensidade e algumas vezes parava. A mãe estava distraída com a televisão. O Alexandre deixou de mamar. A mãe encostou novamente o mamilo à sua boca, mas o Alexandre virou a cara.

A mãe pegou nele, encostou a sua cabeça ao ombro e dava-lhe palmadinhas nas costas. Entretanto chegou a casa da Maria uma prima que vinha com o filho com idade compreendida entre os 3 e 4 anos.

P – Olá Alexandre! Olá Bebé!

O Alexandre ficou a olhar.

P – Anda cá ver o primo!

O menino aproximou-se!

M – Dá um beijinho ao primo!

O bebé movimentou a cabeça de um lado para o outro e balbuciou.

Ficaram a conversar.

O Alexandre permanecia encostado ao ombro da mãe. Arroto. A mãe deitou-o no colo de barriga para baixo, enquanto falava com a prima. Dáva-lhe palmadinhas no rabo. O Alexandre estava sossegado e de vez em quando emitia alguns sons. Fazia força com a cabeça e deixava-a pendente por alguns segundos e de novo voltava a fazer força com a cabeça.

Confirmei a visita seguinte, despedi-me e fui-me embora.

2ª Observação

Maria (mãe), Irmã (I), Jorge, irmão de Maria(J), Alexandre (bebé) – 2 meses e 4 dias

28 de Abril de 2008 - 15h15/16h00

Atraso de 45 minutos. Tinha ido comprar fraldas.

Enquanto subíamos no elevador, o Alexandre começou a fazer beicinho e começou a chorar.

M - Então filho, estavas tão bem e agora estás a chorar?

M - Está com fome - sorriu e disse-me enquanto embalava o Alexandre.

Quando chegámos ao andar e saímos do elevador, a irmã estava à porta.

I - Vi logo que estavam a chegar! Reconheci o choro do Alexandre.

A Maria entrou, deixou a mala e os sacos à entrada da sala e dirigiu-se para o sofá. Sentou-se, pegou numa almofada que pôs em baixo do braço. O Alexandre continuava a chorar. Assim que sentiu o mamilo, começou a mamar e parou de chorar.

Sentado na sala a ver televisão estava o irmão mais novo de Maria.

M - Vai buscar-me fraldas e toalhetes. Estão no quarto, na estante que está ao lado da janela.

O irmão levantou-se numa corrida, e foi até ao quarto.

O Alexandre continuava a mamar ininterruptamente.

M - Tens aqui uma ferida.

A mãe passou o dedo pelo rosto.

A - Desviou ligeiramente o rosto e continuou a mamar.

A mãe tirou-lhe o gorro e penteou-lhe o cabelo. O Alexandre mexeu-se e deixou de mamar por uns segundos.

M - Pronto! A mãe já não mexe mais.

A mãe aproximou a cabeça do Alexandre ao mamilo. O Alexandre mamava com força e o olhar estava dirigido para a roupa da mãe. De repente, o Alexandre bolçou. A mãe que estava a ver televisão, sentiu e desviou a boca do Alexandre num movimento rápido para limpá-lo.

M- Se estás cheio devias ter dito à mãe.

O Alexandre começou a chorar.

M - Então Xandre? Que foi? São cólicas?

O Alexandre continuava a chorar. A mãe começou a massajar a barriga. O Alexandre não parava de chorar.

M - Queres comer mais?

Encostou-o ao peito, mas ele apenas chorava. Levantou-o, encostou a sua cabeça no ombro, enquanto lhe dava palmadinhas nas costas. O Alexandre parou de chorar e fazia alguns sons. A mãe deitou-o no colo e começou a despi-lo para lhe tirar a fralda. A sua cabeça estava nos joelhos da mãe e os seus pés batiam na barriga dela.

M - Fuu! Cheiras muito mal! Fuu! - dizia a mãe numa linguagem abebezada enquanto olhavam um para o outro. Este sorriu. O Alexandre olhava o tecto e movimentava a cabeça em redor. A mãe começou a vesti-lo e ele continuava a virar a cabeça de um lado para o outro e a olhar para as coisas à sua volta. A mãe pegou no bebé ao colo e colocou-o na posição de mamar. Encostou-lhe o rosto ao mamilo e assim que o Alexandre o sentiu começou a mamar. Passados uns segundos, o Alexandre deixou o mamilo. Ficou a olhar em frente, para o sofá.

M - Não queres mais?

A mãe voltou a insistir aproximando o rosto do bebé ao seu mamilo, mas o Alexandre não quis. Colocou-o de pé, de frente para ela. Começou a fazer caretas e sons ao Alexandre que olhava para ela e ria. A mãe encostou-o ao ombro e dava-lhe palmadinhas nas costas. O Alexandre tentava segurar a cabeça e movimenta-a para diferentes lados! Arroto!

A mãe sentou-o no colo virado de costas para ela e ficaram os dois de frente para a televisão!

Combinamos a observação seguinte e despedi-me.

3ª Observação

Maria (mãe), Jorge, irmão de Maria (J), G (Guilherme), Alexandre (bebé) – 2 meses e 11 dias

5 de Maio de 2008 - 19h20/19h50

A Maria enviou-me uma mensagem a pedir que fosse mais tarde do que o habitual, pois tinha de sair.

Foi o irmão mais novo da Maria, que me abriu a porta.

A Maria estava sentada no sofá com o Alexandre. Este estava ligeiramente deitado com a cabeça encostada no seu braço. O bebé estava a olhar na direcção do tecto. Na sala estava também um menino pequeno, o Guilherme. A televisão estava ligada. Ao entrar na sala, cumprimentei a Maria e o Alexandre, que permaneceu a olhar para o teto.

A mãe sugeriu que me sentasse ao seu lado no sofá, uma vez que o irmão e o Guilherme estavam sentados no outro sofá.

M - Estás com fome?

A mãe pegou nele ao colo, colocando-o de lado para mamar. O Alexandre começou a mamar tranquilamente. A mãe olhava para ele. O Alexandre olhava para o seio da mãe. Enquanto mamava, o Alexandre tirou a boca do mamilo e ficou a olhar para o seio da mãe.

Na tentativa de aproximar a boca do Alexandre ao mamilo, a mãe segurou-lhe a cabeça, até que a sentisse o mamilo. Assim que o sentiu o Alexandre começou a mamar outra vez. Enquanto mamava, a mãe ia tirando umas peles que estavam no cabelo do bebé. Este continuava a mamar, e esporadicamente movimentava a cabeça de um lado para o outro, sem nunca largar o mamilo.

A Maria, parou de mexer no cabelo do Alexandre e começou a prestar atenção à televisão. De vez em quando, a mãe desviava o olhar do televisor para o Alexandre. Passados alguns minutos, num desses olhares, a mãe reparou que o nariz do Alexandre estava sujo.

M - És um porco.

Com a ponta da unha, tentou tirar alguma coisa da narina do Alexandre. O Alexandre deixou de mamar. Permaneceu calmo.

M - Jorge, vai buscar-me os toalhetes que estão no quarto. Estão em cima da cómoda.

O irmão foi a correr. Quando voltou a mãe tirou um toalhete e limpou o nariz do Alexandre, que movimentava a cabeça de um lado para o outro. Depois de limpo o nariz, a mãe voltou a dar de mamar. O Alexandre deu um pum.

M - O que foi isso filho?

Debruçou-se sobre as pernas dele e cheirou. Ao fazer este movimento, o Alexandre deixou de mamar.

M - Tu és um porco!

Enquanto falava com o Alexandre, este olhava para a mãe. O Alexandre começou a rir. Encostou-o de novo ao seu peito e o bebé voltou a mamar, enquanto a mãe via televisão. O Alexandre levantou a mão enquanto mamava. A mãe agarrou-lhe a mão e limpava as peles que tinha entre os dedos. Novamente foi cheirar a fralda. O Alexandre deixou o mamilo e começou a chorar. A mãe tentou dar-lhe de mamar outra vez, mas o bebé continuava a chorar. Levantou-o e ficaram com os rostos virados um para o outro.

M - Psssst!

O bebé deu um grito e riu. A mãe riu-se para ele.

O bebé começou a chorar outra vez.

M - É a fralda suja, filho?

Deitou-o em cima das pernas e pediu ao irmão que lhe chegasse uma fralda que estava dentro do saco, na sala.

M - Fuuu! Cheiras mal! És um porco.

A mãe começou a limpá-lo! O bebé olhava para tudo à sua volta. De vez em quando, olhava para a mãe. A mãe voltou a vesti-lo, colocou-o de pé e perguntou:

M - Queres comer mais?

Deitou-o e encostou-o no outro peito e o Alexandre começou a mamar. Fechava ligeiramente os olhos. Deixou o mamilo e começou a chorar. A mãe tentou dar-lhe de mamar, mas ele não quis e continuou a chorar. Levantou-o.

M - É sono, filho?

O Alexandre chorava. Deitou-o no colo, e sentada no sofá, embalava-o. Ele não parava de chorar. Deitou-o de barriga para baixo, em cima das suas pernas e movimentava as pernas, embalando-o. Dava-lhe palmadinhas no rabo. O Alexandre parou de chorar e ia fechando os olhos lentamente e voltava a abri-los. A mãe começou a tirar as peles que estavam no cabelo. O Alexandre ficou um pouco mais agitado e a choramingar. A mãe começou a dar-lhe palmadinhas no rabo. O Alexandre agitava ligeiramente as pernas. Ficou mais calmo e ia fechando os olhos. Adormeceu.

Despeço-me da mãe e vou embora.

4ª Observação

Maria (mãe), Alexandre (bebé) – 2 meses e 18 dias

12 de Maio de 2008 - 14h50/15h30

A mãe chegou à porta do prédio com o Alexandre. Cumprimentamo-nos. Entrei com ela para o elevador. O Alexandre estava a chorar. A mãe balançava-o de um lado para o outro. Ao entrar em

casa, a mãe foi directamente para o sofá. Largou as coisas que trazia na mão. Sentou-se e preparou-se para dar de mamar. O Alexandre sentiu o peito da mãe na bochecha e deixou de chorar. Com a boca aberta procurava o mamilo. A mãe esticou-se para alcançar o comando da televisão que estava na ponta do sofá. Ligou a televisão. O Alexandre estava irrequieto e a choramingar. A mãe encostou-se ao sofá e aproximou o peito da boca do bebé, que começou a mamar com bastante força e rapidez.

A mãe ficou atenta à televisão. O Alexandre continuava a mamar. O olhar estava dirigido para a roupa da mãe. O Alexandre encostou a mão na roupa da mãe. Deixou o mamilo e começou a chorar.

M - Quem mandou deixar de mamar?

A mãe voltou a encostar o mamilo na boca do Alexandre. Deixou de chorar assim que começou a mamar vigorosamente. De vez em quando a mãe olhava para ele durante breves segundos. O telemóvel da Maria tocou. A mala estava ao lado do sofá, e a Maria fez um movimento rápido para alcançá-la. Ficou à procura do telemóvel com a mão. O telemóvel deixou de tocar. Entretanto com o movimento, o Alexandre deixou de mamar.

Emitiu alguns sons. A mãe olhou para ele e voltou a colocar o mamilo na boca do bebé. Este voltou a mamar. O telemóvel voltou a tocar, mas a mãe não atendeu. A mãe olhou para o Alexandre e agarrou-lhe na mão. Ficou a olhar para as unhas. O Alexandre continuou a mamar, mas mais lentamente. O bebé parou de mamar.

M - Então filho? Não queres mais?

A mãe encostou-lhe a boca ao mamilo. Este voltou a mamar e ia fechando os olhos.

A mãe olhou para ele e voltou o seu olhar para a televisão. Pegou no comando e baixou o volume da TV. Fez uma festa no rosto do Alexandre, que ao sentir a mão da mãe, abriu os olhos. Mamava e parava. Os olhos estavam a fechar. Deixou de mamar.

A mãe sentou-o no colo, de frente para ela. O Alexandre abriu os olhos e voltou a fechá-los.

M - Pssst, Psst!

O Alexandre continuou com os olhos fechados. A mãe levantou-o, encostou-o ao ombro e ficou a dar-lhe palmadinhas nas costas. Ao mudar de posição, o Alexandre vocalizou (hã).

A mãe continuou a dar palmadinhas nas costas do Alexandre. Este arrotou.

O Alexandre estava a dormir. A mãe deitou-o no sofá. Pegou numa almofada e deixou-o ligeiramente deitado em cima da almofada, aconchegou-o bem ao encosto do sofá.

M - Agora que se começa a mexer, é preciso ter todo o cuidado.

Agradei a ajuda com as observações. A Maria acompanhou-me à porta e despedimo-nos.

ANEXO F

1ª Observação

Maria (mãe), Ricardo (pai), Iara (bebé) – 1 mês e 24 dias

10 de Abril de 2008 - 20h30/21h30

Quando cheguei ao apartamento, a Maria encontrava-se à porta à minha espera. Cumprimentamo-nos e explicou-me que o namorado e a bebé ainda não tinham chegado, mas deviam estar quase a chegar. Enquanto não chegavam estive e mostrar-me a casa. Falou-me da situação familiar em que se encontravam e de alguns planos para o futuro. A campainha tocou. A Iara vinha no carrinho, bem desperta. A mãe tirou-a do carro.

M - Vamos tomar banho? – Disse para a Iara. Esta dirigia um olhar atento para a mãe.

M - Nós costumamos dividir-nos nas tarefas. O Ricardo aquece a água e eu fico a preparar a roupa.

A banheira estava no quarto e enquanto o Ricardo aquecia a água numa cafeteira e levava para o quarto, a Maria preparava a roupa, o creme... A Iara estava deitada na cama. Mexia os braços e emitia alguns sons.

M - Onde é que está a escova Ricardo. Não encontro!

R - Está no estojo.

M - Onde é que está a tua escova?

Fez uma festa no rosto da Iara e continuou a colocar todos os objectos em cima da cama. Pegou num frasco de potalco e disse-me:

M - Estou a usar potalco, porque acho que faz melhor do que a pomada. Ontem ela estava muito assada e decidi pôr potalco. Hoje já está muito melhor. Olha aqui Ricardo.

O Pai pegou nela para colocá-la na banheira.

M - Ela gosta muito do banho. No início não gostava de tomar banho. Agora já gosta. Costumamos deixá-la um pouco mais de tempo na água por ela gostar. Mas depois quando a água começa a ficar fria, tiramo-la.

Enquanto falavam a lara, mexia-se ligeiramente e tinha os punhos cerrados.

R - Ela tem sempre as mãos fechadas enquanto toma banho. É sempre assim!

A mãe começou a lavá-la com a esponja. Espremeu a esponja na cabeça e alguma água escorreu pelos olhos. A bebé pestanejou e mexeu a cabeça. A mãe passou-lhe a mão pelos olhos. Os pais conversavam entre si enquanto acabam de dar o banho.

M – O banho já está! Queres brincar um bocadinho na água?

A lara continuava com os punhos cerrados e estava sossegada.

R – Vou tirá-la da água. Parece que hoje não está com vontade de brincar.

O pai colocou-a em cima da toalha na cama. A mãe começou a limpá-la!

M – Vamos pôr o creme? – Perguntou a mãe, começando a espalhar o creme pelo corpo.

A lara olhava para a mãe. A mãe ria-se para ela e fazia sons com a boca. A bebé ria. A mãe começou a vesti-la. A lara mexia-se. O pai aproximou-se e agarrou a cabeça da lara para lhe dar umas gotas. À medida que as gotas iam caindo a bebé ficava a chuchar. O pai arrumou as coisas e saiu.

M – Pronto, já está! Agora vamos comer!

A mãe sentou-se na cama, pegou nela, encostou-a ao peito e a lara começou logo a mamar. A lara mamava de forma regular. A mãe olhava para ela. A lara olhava para a mãe e desviava o olhar. Voltava a olhar para a mãe. Mamava tranquilamente. Continuava desperta. A lara deixou o mamilo. A mãe voltou a insistir, aproximando o mamilo da sua boca. A lara recomeçou a mamar, mas rapidamente parou.

M – Já não queres mais, pois não, filha?

A mãe levantou-a e encostou-a ao seu ombro. Dava palmadinhas nas costas. A lara tentava levantar a cabeça. Arroto!

M – Pronto, já está!

Despedi-me e a Maria acompanhou-me até à porta com a lara no colo.

2ª Observação

Maria (mãe), Ricardo (pai), lara (bebé) – 2 meses

17 de Abril de 2008 - 20h30/21h30

Quando cheguei, o pai da lara estava à porta. A Maria vinha da sala com a lara no carrinho. Esta olhava para todo o lado. Cumprimentamo-nos. A lara sorriu!

M – Vamos tomar banhoca? Vamos? Vamos tomar uma banhoca? – disse a mãe a olhar para a lara, numa linguagem abebezada.

A lara olhava para a mãe. Mexia as mãos. A mãe pegou nela, tirando-a do carrinho, e levou-a para o quarto. Enquanto ia para o quarto, a mãe comentou com o pai como a lara tinha ficado com dois arranhões na cara. Segundo a mãe, um tinha sido a lara a fazer e outro ela.

A mãe deitou-a na cama. O pai começou a brincar com ela, enquanto a mãe preparava a roupa para o banho. O pai foi buscar uma tesoura e começou a corta-lhe as unhas. A lara estava agitada, mexia-se muito enquanto o pai a agarrava. De vez em quando choramingava.

M – Já deves estar com fome.

M – Hoje comeu muito cedo.

A lara começou a chorar mais. A mãe agarrou-a para que não se movimentasse, enquanto o pai cortava as unhas. A lara parou de chorar quando a mãe pegou nela a colocou de pé sobre a cama. A lara ficou a olhar para a mãe.

M – O quê, hum? O que foi?

A lara riu. A mãe deitou-a em cima da cama e começou a despi-la. A bebé movimentava-se. Mexia os braços e as pernas.

M – Pára quieta.

A mãe começou a tirar-lhe a roupa e a lara emitia alguns sons e começou a mexer os braços. A lara olhava para a mãe, enquanto esta a despedia. A mãe passou-lhe a mão pelo rosto e ficou a ver o arranhão que a bebé tinha na cara. A lara já estava despida. A mãe foi buscar os toalhetes. Enquanto se dirigia à cómoda, disse à lara:

M – Vá arranha-te! Arranha-te lá agora....

Voltou à cama já com os toalhetes e encostando a boca à barriga da bebé começou a fazer-lhe cócegas. A bebé reagiu mexendo-se e rindo.

O pai encheu a banheira de água. A mãe pegou nela e colou-a dentro da banheira. Aí, a mãe reparou numa pele que ela tinha no rosto. Tentou ver se estava seca e se saía. Não conseguiu tirar, porque a lara mexia muito a cara e choramingava. O pai aproximou-se do rosto da bebé para ver. Pai e mãe falaram entre si. O pai agarrou a cabeça dela enquanto a mãe arrancava a pele. A lara gesticulava e choramingava.

M – Calma! Que irrequieta. Não se pode fazer nada que começa logo a chorar.

A mãe pegou na esponja e começou a molhar o corpo da bebé. Começou a levá-la. A lara pôs a mão na boca. Ao molhar a cara da bebé, esta fechou os olhos e pestanejou, movimentando os braços. Esticava-se.

Enquanto o pai segurava a bebé, a mãe lavou a cabeça e pediu depois ao pai, para a virar de costas.

Já com o banho tomado, o pai voltou a virá-la.

M – Ai que eu gosto tanto de ficar na água. Queres o patinho?

A mãe mostrou o patinho à bebé, que olhou por breves segundos sem prestar muita atenção. A lara mexia os braços na água, fazendo com que alguma água saltasse fora da banheira.

M – Eu gosto muito de brincar na água....É tão bom!

R – É melhor tirá-la da água que já está a ficar fria.

O pai pegou nela e deitou-a na cama, onde tinha a toalha. A lara começou a chorar. A mãe começou a limpá-la.

M – Então lara? O que se passa?

Ficaram a olhar uma para a outra e lara parou de chorar.

M – Agora está na hora de vestir.

Colocou-lhe o creme no corpo, vestiu-lhe a camisola e pôs-lhe a fralda. Enquanto a mãe acabava de vestir a roupa o pai começou a dar as gotas à lara. A bebé parecia ter gostado.

M – Hum...que cheirinho bom! A minha menina cheira muito bem! Está muito bonita!

A lara olhava para a mãe, enquanto esta falava com ela.

Depois de a vestir foi buscar a escova e penteou-a. Entretanto o pai saiu do quarto. A lara mexia a cabeça e olhava à sua volta.

M – Pronto! Já está! Vamos comer!

A mãe pegou nela, encostou-se à cabeceira da cama e preparou-se para começar a dar de mamar. O tronco da bebé estava apoiado no corpo da mãe e os pés na cama.

Colocou o mamilo perto da boca da lara que começou a mamar com força. A mãe olhava para ela e a bebé respondia ao olhar. Fez uma festa na testa da lara.

A bebé manteve-se tranquila e mamava sem interrupções. A mãe estava muito atenta a ela.

A lara começou a fechar os olhos...e a mãe tentava despertá-la, tocando-lhe no rosto. Voltava a mamar com mais insistência e tornava a diminuir a intensidade com que mamava.

M – Filha, não durmas. Estás quase a terminar. Mais um bocadinho e já vais para o berço.

M – Vá, filha!

A bebé despertou e retomou a mamar com mais força. Deixou o mamilo. A mãe insistiu de novo para que mamasse e encostou a boca da bebé ao mamilo. Voltou a deixá-lo.

M – Já não queres mais? – disse a mãe a olhar para a bebé! Esta olhava para ela.

A mãe pegou nela ao colo e sentou-a virada para ela.

Assim que a sentou a bebé arrotou!

M – Muito bem! Agora está na hora de dormir!

Deu um beijinho à bebé e deitou-a nos braços.

M – Agora adormece num instante!

Despedi-me e fui embora.

3ª Observação

Maria (mãe), Ricardo (pai), Iara (bebé) – 2 meses e 7 dias

24 de Abril de 2008 - 20h30/21h15

A Maria estava à porta com a Iara ao colo. Cumprimentamo-nos.

M – Olha quem chegou filha! É a Nélia que veio ver a Iara a tomar uma banhoca! Tu gostas muito de tomar banho, não gostas?

A Iara estava atenta à conversa da mãe. Riu-se e mexeu os braços.

M – Pois é! Tu gostas muito de tomar banho.

Fomos para o quarto. O pai já estava a preparar as coisas para o banho. Cumprimentamo-nos.

R – Ela hoje comeu um pouco mais cedo e estamos a adiantar as coisas porque é capaz de sentir fome mais cedo.

A mãe já estava a despir a Iara. Esta fazia alguns sons. O pai pegou nela e levou-a para a banheira. Assim que sentiu a água, a Iara fechou as mãos. Batia com os pés no fundo da banheira e impulsionava o corpo para trás. O pai colocou o dedo molhado na boca da bebé que ficou a chuchar no dedo.

M – Eh! Tanta força!

A mãe esfregava a bebé um pouco mais rápido do que o habitual.

M – Estou admirada de ainda não ter começado a chorar com fome. Mas não deve demorar muito.

O pai tirou a bebé da banheira e colocou-a em cima da toalha que estava na cama. A mãe começou a limpá-la. Pôs-lhe o creme. O pai deu-lhe as gotas. A Iara começou a chorar. O pai começou a arrumar as coisas e saiu do quarto.

M – Pronto filha. As gotas lembraram-te que estás na hora de comer...Pois é? Está quase filha!

A mãe continuou a vesti-la, mas a Iara estava irrequieta. Mexia-se mais e continuava a chorar.

M – Calma! Já vais comer.

A mãe estava a acabar de vestir a bebé que ainda não tinha parado de chorar. Penteou-a.

M – Estava mesmo a ver que isto ia acontecer. Parece que tem um relógio na barriga! Não falha!

Pegou nela ao colo. A lara continuava a chorar. A mãe sentou-se encostada à cama, deitou a bebé e começou a dar de mamar. Assim que sentiu o mamilo a bebé começou a mamar com bastante força e parou de chorar.

M – Pronto!

A mãe fez uma festa no rosto da bebé! Ficou a olhar para a bebé. A bebé pôs a mão em cima do peito da mãe. Passou a mamar mais lentamente mas com ritmo. A mãe olhava para ela e a bebé olhava para a mãe. A bebé desviou o olhar. Parecia estar a prestar atenção ao peito. Parou de mamar. A mãe fez pressão sobre o peito e movimentou-o ligeiramente sem que este saísse da boca da bebé. A lara voltou a mamar. A mãe olhava para a bebé. Passados alguns minutos a lara deixou de mamar. Largou o mamilo! A mãe voltou a insistir para que mamasse, mas a lara virou o rosto.

M – Afinal não tinhas muita fome!

A mãe sentou a lara virada para ela.

M – Pois é! Agora é arrotar e dormir! Não é? Tens sono? Tens?

A bebé olhava para a mãe. Arroto!

Despedi-me e saí!

4ª Observação

Maria (mãe), Ricardo (pai), lara (bebé) – 2 meses e 13 dias

30 de Abril de 2008 - 20h30/21h30

A Maria veio receber-me à porta! Cumprimentamo-nos. Dirigimo-nos ao quarto, onde estava a lara deitada na cama. Fazia alguns sons.

M - O Ricardo foi a casa da minha mãe. Ainda não veio.

M -Pois é? Pois é? (dirigindo-se à lara) O pai ficou na conversa e nunca mais vem!

A lara escutava atentamente a mãe e olhava para ela. Sorria enquanto a mãe falava com ela. A mãe tocou-lhe na barriga com a mão, e agitava o corpo dela. A lara mexia os pés e as pernas e emitia alguns sons.

M - Ela está ficar diferente! Mexe-se muito! Agora é um problema para dormir...fica a olhar para tudo e não dorme! Às vezes é preciso pô-la no carrinho, tapado com uma fralda e andar um pouco com ela. Adormece logo!

A mãe levantou-se da cama e deixou a lara deitada.

M - É melhor começar já a preparar as coisas.

Foi buscar a banheira, preparou a roupa, a toalha e as pomadas.

A bebé movimentava as mãos e vocalizava (hã).

M - Hã? Hã o quê? Que queres? Respondeu a mãe à bebé.

A lara voltou a cabeça para o lado em que a mãe estava. Ficou a olhar para ela.

Entretanto ouviu-se o pai entrar em casa. A mãe saiu do quarto e foi ter com o pai. O pai veio cumprimentar-me ao quarto e vinha com uma cadela.

R - Agora temos uma outra companhia.

A mãe entrou no quarto já com a cafeteira da água quente e começou a encher a banheira.

R - Vou levar a cadela lá para dentro para darmos banho à lara.

M - Posso começar a despi-la?

R - Podes. Vou acabar de encher a banheira.

M - Vamos tomar banhoca? Vamos tirar a roupa? Vamos?

A lara ria para a mãe.

O pai acabou de encher a banheira e a mãe levou a lara até lá.

M - Hoje vais chorar outra vez? Vais?

M - Ontem chorou durante o banho todo.

R - Tivemos de dar o banho a correr – disse o pai.

O pai pegou na lara e colocou-a na banheira. A mãe começou a lavá-la. A lara estava sossegada.

Os pais falavam entre eles sobre acontecimentos do dia. O pai colocou a bebé de pé!

R - Então hoje não chapinhas?

A lara continuava de pé, imóvel. A mãe molhava a esponja e espremi-a na cabeça da bebé. Esta fechava os olhos, atrapalhada pela facto da água escorrer sobre os olhos. A mãe repetiu várias vezes o espremer a esponja na cabeça da lara. Sempre que o fazia a lara pestanejava. A mãe passou a mão pela cara, de modo a limpar-lhe os olhos.

M - Vamos pô-la outra vez na água. Deve estar a ficar com frio.

No momento em que o pai foi deitá-la na banheira, a lara chapinhou com os pés.

M - Agora é que fazes?

O pai passou o dedo pela boca da lara e esta ficou a chupar, como se estivesse a beber. O pai pôs um pouco de água na mão e deu-lhe a beber.

R - Já tentámos dar-lhe água pelo biberão, mas ela não bebe. Mas quando nós lhe damos água durante o banho, ela bebe!

M - A enfermeira disse-nos que os bebés que mamam, é mais difícil dar água e sopa. Estou à procura de um trabalho e daqui a umas semanas, vou começar a dar-lhe sopa, para ela se ir habituando.

O pai perguntou se a podia tirar da água.

M - Espera, deixa-me lavá-la bem, porque ontem estava cheia de pomada.

Depois de a tirarem do banho, a mãe deitou-a sobre a cama, e começou a limpá-la. Pôs creme no corpo da bebé. O pai ia tentando pôr as gotas. A lara estava um pouco agitada. Nas primeiras gotas a lara ficou a chupá-las. Começou a choramingar.

R - Espera já te dou as outras gotas. – disse o pai, enquanto punha a mão fechada à frente dela, como se fosse dar mais gotas. A lara deixou de choramingar.

R - Às vezes basta pôr a mão à frente dela e enganá-la que ela cala-se.

Enquanto o pai falava, a lara voltou a choramingar. A mãe continuou a pôr a pomada. O pai voltou a pôr a mão à frente dela, como se fosse dar-lhe as gotas. Mas desta vez a bebé continuou agitada e a choramingar. O pai pegou na caixa e pôs em frente à lara. Ela olhou mas não deixou de chorar. Então, o pai tirou da caixa, o frasco das gotas, agarrou na cabeça dela, e começou a dar-lhe as gotas. Assim que sentiu as gotas a caírem na boca, a lara calou-se e começou a chupar.

M - Isso tu gostas, não gostas?

Pedi ao pai para ir buscar a pomada.

M - Apareceram-lhe estas borbulhas, e agora estamos a pôr esta pomada nas borbulhas.

A mãe começou a vestir a lara. Esta voltou a fazer alguns sons. Mexia-se enquanto a mãe a vestia.

M - O que queres? Esta camisola já te está a ficar pequena, não é?

O pai penteou-a e foi para a sala. A mãe acabou de a vestir, deixou-a deitada na cama e sentou-se para se preparar para dar de mamar. A lara estava cada vez mais irrequieta. A mãe pegou nela, encostou-a ao peito e a lara começou logo a mamar. A mãe tinha-a deitada sobre as pernas e estava debruçada sobre ela. Ficou assim durante algum tempo. Apenas olhava para ela. No início a lara estava quieta, mas com o passar do tempo, começou a ficar mais agitada. Uma das mãos estava sobre o peito da mãe. Depois a lara agarrou a camisola da mãe e puxava-a. Agarrava e voltava a puxar. A mãe sorria. Mas teve de mudar de posição. Encostou-se à cama e levantou ligeiramente a perna. O tronco da bebé estava apoiado no corpo da mãe e os pés na cama. Com o movimento a lara deixou de mamar, mas a mãe encostou de novo o peito, para que continuasse a mamar. Enquanto mamava, a lara ia mexendo os pés que estavam apoiados sobre a cama. Continuava a agarrar a camisola da mãe, com uma das mãos. De repente, deixou de mamar.

M - Já não queres mais?

A mãe insistiu outra vez. A lara começou a chorar. A mãe pegou nela a vertical. A lara parou de chorar. A mãe dava palmadinhas nas costas. Arroto. Voltou a deitá-la e voltou a dar de mamar. A lara mamou pouco.

M – Já não queres mais?

A lara ficou a olhar para a mãe e riu-se. A mãe riu-se para ela.

A mãe sentou-a e dava palmadinhas nas costas para que arrotasse de novo.

Agradei a colaboração com as observações. Despedi-me e fui embora. O pai acompanhou-me até à porta.

ANEXO G

1ª Observação

Sílvia (mãe), Amigo (Ao), Amiga (A), Gabriel (bebé) – 1 mês e 21 dias

19 de Maio de 2008 - 12h00/12h50

Foi a Sílvia que me abriu a porta. Cumprimentamo-nos.

S - Chegou mesmo na hora! Acabamos de chegar e o Gabriel está a chorar.

Dirigiu-se apressadamente para o quarto. No quarto estava o namorado, uma amiga e o Gabriel que estava deitado em cima da cama. Estava bem desperto e estava a choramingar. Agitava os braços. A mãe pegou nele e dirigiu-se para a sala.

S - Não dá para ficarmos aqui no quarto, não tem onde se sentar. Ficamos aqui na sala. Sentou-se na sala, numa das cadeiras e eu sentei-me noutra. Ficamos quase frente a frente. Vi o Gabriel pela primeira vez.

Estava tranquilo ao colo da mãe, com os olhos bem abertos. A mãe sentou-se, deitou-o no colo e desviou-lhe o rosto para o peito para que começasse a mamar. Assim que sentiu o mamilo começou a mamar vigorosamente. Nos primeiros momentos o Gabriel dirigiu o olhar para o rosto da mãe. Esta olhou para ele, enquanto segurava o peito com uma das mãos. Acariciou-o. Prolongou o olhar nele. O Gabriel ficou também a olhar para a mãe. Voltou a acariciá-lo na cabeça. À medida que mamava o Gabriel ia fechando os olhos.

Ao - Sílvia onde é que estão os teus sapatos novos? – Perguntou o namorado do quarto.

S - Estão aí na gaveta do lado direito.

Na sala, era possível ouvir a conversa que o namorado e a sua amiga estavam a ter sobre a compra. Sílvia continuava a olhar para o Gabriel, apesar de estar atenta à conversa e de esboçar leves sorrisos a respeito do diálogo entre os dois.

O Gabriel já estava com os olhos fechados. De vez em quando parava de mamar e recomeçava.

A mãe fazia-lhe festas na mão e agitava ligeiramente a mão para despertá-lo. Tocou-lhe na bochecha:

S -Vá filho!

O Gabriel despertou e voltou a mamar com mais intensidade. De repente, o Gabriel engasgou-se.

S - Então filho?

Com tranquilidade, a Sílvia levantou ligeiramente o bebé e deu-lhe leves palmadas nas costas enquanto o bebé tossia. O bebé parou de tossir. A mãe voltou a deitá-lo e encostou o peito na boca do bebé, que recomeçou imediatamente a mamar. A Sílvia desapertou-lhe os primeiros botões do casaco e aliviou-lhe a gola da camisola, na área do pescoço. Fez-lhe uma festa na cabeça. O Gabriel começou a chorar. A mãe começou a massajar-lhe a barriga. O Gabriel dividia-se entre o choro e a tentativa de continuar a mamar. Por breves momentos ficou assim, até que parou de chorar. A mãe dava-lhe palmadinhas no rabo e fazia-lhe festas na perna. Sílvia encostou de novo o rosto do seu filho ao mamilo. Voltou a mamar, mas bem devagar. Já com os olhos quase fechados o Gabriel deixou de mamar.

S - Vá filho!

Apesar da tentativa da mãe em acordá-lo com pequenos toques no rosto, o Gabriel não mamou mais. A mãe levantou-o para que arrotasse.

S - Para arrotar é que é pior. Costuma demorar muito tempo.

Continuava a dar-lhe palmadinhas nas costas. O Gabriel já desperto, com o corpo ainda enrolado, permanecia encostado à mãe sossegado, mas acordado.

S - Ultimamente tem tido muitas cólicas e dormir só mesmo à noite. Dorme pouco de dia. Agora é capaz de ficar acordado até à próxima mamada.

Confirmei a observação seguinte e despedimo-nos.

2ª Observação

Sílvia (mãe), Gabriel (bebé) – 1 mês e 28 dias

26 de Maio de 2008 - 12h00/12h50

A Sílvia veio abrir-me a porta. Cumprimentamo-nos.

S - O Gabriel ainda está a dormir.

Sugeri voltar mais tarde.

S - Não é necessário porque já está na hora de mamar. Entre!

Foi buscá-lo à cama. Pegou nele e o Gabriel permaneceu imóvel e continuou a dormir. A cabeça ficou caída para trás. A mãe sentou-se numa cadeira e deitou-o nos braços. O Gabriel começou a movimentar os braços e as mãos e abriu os olhos. Fechou-os novamente e ficou quieto.

S - Acorda filho! - Disse a mãe enquanto lhe tocava com o indicador na bochecha.

O Gabriel continuava a dormir.

S – Ele dorme tão pouco que até me custa acordá-lo! Mas ensinaram-me a não deixar passar muito tempo da hora de dormir, porque é melhor para ele. Também é bom para mim porque são sempre os mesmos horários.

S – Acorda Gabriel!

A mãe mudou-o de posição. Sentou-o de frente para ela. O bebé estava apoiado numa das suas mãos e com a outra a mãe mexia-lhe no corpo. O Gabriel começou a abrir os olhos. Olhou para a mãe.

Encostou o rosto do bebé ao peito e este ainda com os olhos semi-fechados começou a mamar. A mãe segurava o peito e balançava ligeiramente o corpo. O Gabriel mexeu a mão. A mãe olhava para ele. Agarrou-lhe a mão e fez uma carícia. Passou-lhe a mão pela cabeça e voltou a segurar no peito.

O Gabriel engasgou-se. A mãe levantou-lhe o tronco ligeiramente e esperou que acabasse de tossir. Voltou a deitá-lo para mamar de novo e este abria a boca como se estivesse à procura do mamilo. Já estava mais desperto. A mãe encostou-lhe o mamilo na boca. Continuou a mamar, com o olhar dirigido à mãe. Esta olhou para ele.

O Gabriel começou a fazer caretas e a chorar. Fazia movimentos com as pernas, contraindo-se. A mãe massajou-lhe a barriga por breves instantes. Acalmou. A mãe voltou a aproximar-lhe o mamilo da boca. Estava mais agitado e por vezes deixava de mamar e era a mãe que continuava a pôr-lhe o mamilo na boca. O Gabriel começou a chorar novamente. A mãe fazia-lhe massagens. Tentou colocá-lo em várias posições. Colocou-o de pé voltado para ela. Beijou-o na cabeça. O Gabriel continuava a chorar. Depois tentou virá-lo de costas para ela, ligeiramente sentado, enquanto lhe massajava a

barriga. Como não parava de chorar, levantou-se e virou-o de barriga para baixo enquanto lhe massajava a barriga, e o embalava.

Ele acalmou e parou de chorar. A Sílvia sentou-se na cadeira e sentou-o na perna. Não se mexeu muito enquanto ficou sentado. Apenas a cabeça “tombava” de um lado para o outro por ainda não a conseguir segurar muito bem. Arroto. A mãe voltou a deitá-lo no seu braço e dirigiu a sua cabeça para a mama e o Gabriel continuou a mamar. Mamou pouco.

Com a mão, a mãe mexia no peito para estimular o Gabriel a mamar.

O Gabriel ficou agitado e tirou a boca da mama. A mãe voltou a insistir. O Gabriel continuava a mexer-se muito e novamente tirou a boca do mamilo.

Desceu a camisola e sentou o Gabriel. Este esticava-se. Fazia algumas caretas, pondo a língua de fora. Olhava em várias direcções. A mãe olhou para ele e pôs-lhe a língua de fora. Riu-se! O Gabriel dirigiu o olhar para ela. Voltou a deitá-lo novamente, e voltou a dar-lhe o peito, para ver se queria comer mais. O Gabriel ficou com a boca encostada, fez o movimento de sucção, umas duas vezes e deixou o mamilo.

Levantou-o virado para ela. Beijou-o no rosto. Ficou a olhar para ele. O bebé olhava ao seu redor.

Beijou-o novamente. O bebé encolheu ligeiramente o ombro.

Riu-se. A mãe encostou-o ao ombro.

Despedi-me e combinamos a próxima visita.

3ª Observação

Sílvia (mãe), Gabriel (bebé) – 2 meses e 5 dias

2 de Junho de 2008 - 12h00/13h00

Foi a Sílvia que me abriu a porta.

S – Olá! Entre! Hoje tenho tido algumas dificuldades com o Gabriel. Está cheio de cólicas.

Entramos para o quarto, onde estava o Gabriel deitado na cama a chorar.

A mãe sentou-se ao seu lado e começou a massajá-lo. Flectia as pernas do bebé, e com a outra mão ia fazendo movimentos circulares na barriga. O bebé continuava a chorar, e movimentava muito os braços. O bebé continuava agitado e a choramingar. A mãe pegou nele ao colo e colocou-o na posição vertical. O Gabriel acalmou e a mãe dava palmadinhas no rabo!

A mãe sorriu para o bebé e este olhava para ela. A mãe deitou-o no colo, apoiando a cabeça do bebé no seu braço direito e encostou a boca ao seu peito.

O bebé recusava pegar no mamilo e emitia sons de desconforto. O bebé contraí-se em posição fetal e a expressão do seu rosto era de desconforto. A mãe voltou a deitá-lo na cama. Foi até à cómoda e retirou um clister.

S – Tem mesmo de ser. No centro de saúde, ensinaram-me a utilizar os clisteres apenas em caso de emergência. Mas ele já está há muito tempo com dores e não consigo ouvi-lo a chorar.

O Gabriel começa a chorar de novo. A mãe tirou-lhe a fralda e introduziu o clister, continuando a fazer o movimento de flexão com as pernas do bebé.

O bebé começa a chorar com mais força. A mãe continua com os movimentos.

S – Pronto filho!

A mãe continuou a fazer os movimentos. O Gabriel não parava de chorar.

Passado alguns minutos, o bebé começa finalmente a evacuar.

S – Finalmente!

O bebé ficou mais calmo, deixou de chorar e apenas emitia alguns sons.

A mãe limpou-o, trocou a fralda e vestiu-o.

S – Vamos para a sala que lá ficamos melhor.

Pegou nele ao colo, deu-lhe um beijinho na testa e deitou-o para que mamasse.

Pegou numa almofada, colocou-a debaixo do braço de forma a dar apoio à cabeça do bebé. Retirou o mamilo e o bebé começou a mamar.

O bebé mamava calmamente, fazendo algumas interrupções.

A mãe olhava para ele e o bebé olhava em direcção ao peito. Fazia-lhe festa na cabeça e nas sobranceiras. O bebé começou a fechar os olhos e a mamar mais devagar. A mãe tocava-lhe na bochecha, tentando fazer com que despertasse. O Gabriel voltou a mamar. À medida que o bebé ia parando de mamar, a mãe estimulava-o mexendo nos pés, e vagarosamente, o bebé recomeça a mamar. Assim se manteve durante o resto da amamentação.

O Gabriel adormeceu. A mãe levantou-o e encostou-o ao ombro para que arrotasse. O bebé continuou encostado ao ombro de olhos fechados. A mãe levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, dando-lhe palmadas nas costas.

Despedi-me! A mãe acompanhou-me até à porta.

4ª Observação

Sílvia (mãe), Gabriel (bebé) – 2 meses e 12 dias

9 de Junho de 2008 - 12h00/12h50

Cheguei à hora combinada. A Sílvia abriu a porta e disse-me para entrar. Foi buscar o Gabriel que estava no quarto. Disse para me sentar na sala.

Quando chegou à sala, o Gabriel estava bem desperto. O bebé emitia alguns sons. A mãe ria-se para ele, enquanto se dirigia para o sofá. O bebé sorriu para a mãe. A mãe sentou-se. Deitou o bebé nos seus braços de maneira a que ambos ficassem confortáveis. Assim que sentiu o mamilo começou a mamar com força. A mãe olhava para ele e ao mesmo tempo ajustava-lhe a roupa em volta do pescoço. O Gabriel mantinha-se a mamar com intensidade. Por vezes elevava o braço e fechava a mão. A mãe olhava para o bebé e ia fazendo festinhas nos seus pés. O Gabriel olhava para o seio da mãe. A mãe inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, por alguns segundos. Voltou a olhar para o bebé. Este parou de mamar. A mãe pressionou o peito com o dedo e movimentou ligeiramente o seio. O bebé recomeçou a mamar. A mãe mantinha-se a olhar para o rosto do bebé. O bebé olhava para a mãe. O Gabriel largou o mamilo.

S – Então? Não queres mais?

Enquanto a mãe falou com o bebé, o Gabriel esteve atento à mãe.

Recomeçou a mamar de forma constante. A mãe continuava a estimulá-lo, apertando o seio, enquanto mamava. O Gabriel deixou de mamar, retirando a boca do mamilo. Após a mamada, a mãe levantou o filho, colocou uma fralda em cima do seu ombro e encostou a cabeça do Gabriel junto da fralda. Levantou-se e ficou em pé a dar palmadinhas nas costas do bebé. Este por vezes tentava movimentar a cabeça e emitia alguns sons.

S- Scchhh!

O bebé acabou por arrotar passados alguns minutos e a mãe deitou-o no sofá entre duas almofadas. Deslocou-se ao quarto e regressou à sala com a caixa dos toalhetes e uma fralda descartável.

Sentou-se em frente ao bebé, despiu-lhe as calças e retirou a fralda suja. Cuidadosamente fechou-a e colocou-a no chão. O bebé emitia alguns sons e mexi-a as pernas com facilidade. Este olhava para todo o lado e de vez em quando para a mãe. O olhar manteve-se desperto e atento. A mãe colocou a fralda e voltou a vestir o bebé. Pegou nele ao colo. Olhava para ele, enquanto estava com ele ao colo.

Despedimo-nos. Agradei a disponibilidade nas quatro observações e levou-me até à porta.

ANEXO H

1ª Observação

Ana (mãe), Mariana (bebé) – 1 mês e 26 dias

29 de Março de 2008 - 17h00/17h45

Quando cheguei, a porta estava aberta e a Ana estava a chegar do quarto, com a Mariana envolta num cobertor. Sorriu e disse-me para entrar. Cumprimentei as duas, e entrámos para a sala. Sentou-se num sofá e disse-me para me sentar. A televisão estava ligada.

A - Acabei agora mesmo de ir buscá-la ao quarto. Ainda está a acordar.

A Mariana estava com os olhos semi-abertos.

A - Acorda filha! – Dizia a Ana enquanto tocava com o indicador na bochecha da Mariana.

A Mariana estava com os olhos fechados. Apenas se movimentada um pouco enquanto a mãe lhe tocava.

A - Geralmente deixo-a dormir e ela acorda sozinha. Houve um dia em que dormiu 6 horas seguidas.

Entretanto a Mariana começou a despertar. Começou a abrir mais os olhos e a movimentar a cabeça.

A - Ela já estava a dormir há algumas horas. Vamos ver se está com fome! Não se importa de pegar um pouco nela, enquanto vou buscar as coisas?

A mãe deu-me a Mariana para o colo e foi ao quarto buscar as coisas. A Mariana permaneceu muito sossegada. Dirigia o olhar para um candeeiro aceso que estava entre os sofás.

A Ana regressou à sala com um biberão e uma caixa nas mãos.

A - Costumo dar-lhe um pouco de água antes de mamar. Dizem que isso não se deve fazer, porque o leite já tem água, mas há muitas coisas que me dizem para fazer e eu não faço! (sorriu) Diziam por exemplo para acordá-la e dar-lhe de mamar. No início fiz isso, mas depois deixei de fazer. Quando a acordava ficava adormecida. Agora deixo que seja ela a acordar.

Não fez nenhum movimento para pegar na bebé. Tive a iniciativa de lhe dar a Mariana. Deitou a Mariana no colo e deu-lhe o biberão com água. Bebeu apenas um pouco.

A - Não quer mais!

Tirou da caixa um mamilo de silicone e pôs no mamilo.

A - Tenho de usar isto para ela mamar, porque ela não agarra o mamilo. Mas eu até tenho bico!

Pegou na cabeça da Mariana e suavemente encostou a boca dela ao mamilo.

A - Vá filha!

A Mariana sugava com força.

A - Quando ela acorda a chorar, puxa o mamilo com tanta força! (sorriu)

Fez uma festa na cabeça da Mariana.

A - Ela ainda tem a cabeça cheia de peles. Faz-me uma impressão! Também me recomendaram uma pomada que não estava a fazer nada. Decidi pôr óleo de amêndoas doces. Comecei a pôr há dois dias e já se nota diferença.

A mãe olhava para a bebé e ria-se para ela. A Mariana continuava a mamar, bem desperta. Enquanto mamava, era possível notar que a Mariana respirava com alguma dificuldade por ter o nariz entupido.

A - Ela está um pouquinho constipada. Enquanto as outras mães ficam com os filhos em casa os primeiros meses, eu costumo sair com ela. Embrulho-a sempre em cobertores, mas mesmo assim...E também saímos para ver a outra avó! Não é? A Mariana que já não sugava com tanta intensidade.

A Mariana deixou de mamar por instantes.

A - Então filha? Dava palmadinhas no rabo da Mariana. Encostou o mamilo na boca da Mariana. A Mariana voltou a mamar com mais força. A mãe olhava para ela. A Mariana mamava com os olhos quase fechados.

A Ana ficou atenta à televisão. O telemóvel tocou. Estava em cima da mesa da sala e a Ana não se levantou para o ir buscar.

A - Não costumo atender o telemóvel quando estou a dar de mamar. Só se ele estiver perto. Mas não me levanto para o ir buscar. Quando me ligou hoje, provavelmente estava a dar de mamar. Por isso é que não atendi. Deve ser a minha mãe a dizer que está a sair do trabalho.

A intensidade da sucção da Mariana diminuiu. Houve momentos em que parava e voltava a mamar lentamente. A mãe começou a mexer-lhe nas bochechas com o dedo. Num gesto rápido, abriu-lhe o olho, afastando as pálpebras com os dedos. Riu-se!

A - Vá! Acorda!

A - Se eu não a desperto, fica horas a mamar. Acorda, adormece... Às vezes à noite quando acorda para mamar, fica tempos e tempos. A minha mãe já me acordou de manhã com ela nos braços e com o peito de fora. Custa-me muito à noite. Também não dou de mamar sentada. Fico deitada. Costumo ficar a ler uma revista ou a ver televisão. Mas chega a um ponto que começo a ver as letras todas desfocadas. Ela dorme mais comigo do que no berço dela. A minha mãe diz que isso não é bom. Depois quando for para a creche pode ser complicado para a pôr a dormir no berço.

A Mariana continuava a mamar. De vez em quando fazia umas expressões.

A mãe olhou para ela e mexeu-lhe nas mãos. Tirou-lhe algumas peles que tinha entre os dedos. Como já não estava a mamar, a mãe pegou na Mariana para que arrotasse. Batia-lhe nas costas com leves e curtas palmadas.

- Arrota filha! Dá uma arroto grande, como deste da outra vez. (sorriu para mim)

Enquanto a mãe lhe batia nas costas, a Mariana emitia alguns sons.

A - Às vezes é difícil ela arrotar.

Continuou a dar as palmadas e a bebé não arrotava. Ouviu-se um pum. A mãe começou a rir e disse-me:

A - Não sai por cima, sai por baixo.

O telemóvel voltou a tocar.

A - Não se importa de ficar um pouco com ela para ligar à minha mãe? Se calhar até gosta!

Sorri. A mãe deu-me a Mariana. Peguei nela e fiquei com a Mariana na posição vertical, tal como a mãe estava. Enquanto a Ana falava com a Mãe, a Mariana permanecia sossegada. De vez em quando tentava mover a cabeça, mas sem a conseguir segura-la de forma firme.

A - A minha mãe já não se lembrava que vinha cá hoje!

Trazia na mão uma toalha plastificada e uma fralda. Ao abrir o plástico no sofá reparou que estava com pêlos de cão e foi buscar uma fralda de pano, que colocou por baixo da de plástico. Deitei a bebé no sofá. Quando a mãe tirou o velcro da fralda e viu que a Mariana tinha feito cocó disse:

A - Pois, já estava a ver. Esqueci-me dos toalhetes. Desculpe lá, não se importa de ficar aí com ela?

Enquanto foi buscar os toalhetes a Mariana ficou sossegada, deitada no sofá e olhava para o encosto do sofá.

A - A conversa com a minha mãe distraiu-me. – Disse ao entrar na sala.

Começou a mudar a fralda à Mariana. Esta movimentava-se e emitia alguns sons. No momento em que começou a vestir a Mariana o telefone tocou.

A - Deve ser a minha irmã. Está em casa porque tem um bebé. O meu sobrinho já tem um ano. Mas ela tem medo de o pôr numa creche. A minha mãe só teve a possibilidade de ajudar uma de nós. E ela não tem como pô-lo na creche por ser privada. O meu sobrinho é aquele menino naquela fotografia. É um reguila! No outro dia já bateu na prima! É preciso ter cuidado quando ele está por perto!

A - Pronto! Já está! - Disse à Mariana que esboçou um sorriso. Levantou-a e ficou com ela no colo.

Agradei e confirmei a seguinte observação.

2ª Observação

Ana (mãe), Mariana (bebé) – 2 meses e 2 dias

4 de Abril de 2008 - 17h50/18h40

Recebi uma mensagem da Ana a dizer-me que a Mariana estava a acordar e que podia ir.

A mãe recebeu-me à porta. Pediu-me desculpa de não ter sido à hora combinada, mas a Mariana tinha mamado um pouco depois da hora. Fomos até ao quarto onde estava a Mariana. Estava desperta! A mãe pegou nela ao colo, ficando a Mariana sentada de costas para a mãe e virada para mim. Disse olá à Mariana e esta deu um grande sorriso.

A- Acordou muito bem-disposta! - Disse a mãe.

A- Ela já sabe que quando vem cá é hora da comida! Vamos para a sala.

Fomos para a sala. A Ana colocou o mamilo de silicone e começou a dar de mamar. A Mariana começou a mamar muito bem com o olhar dirigido para a mãe. A Ana olhou para ela e a Mariana sorriu. A Ana riu-se.

A - Já viu como a cabeça dela está melhor? Já não se notam as peles. Pus o creme só naquele dia e de noite as peles começaram a cair. A Mariana continuava a mamar, sem desviar o olhar da mãe. Ao olhar para a bebé, esta voltou a sorrir.

A - Oh filha!

A mãe ria-se. Aconchegou a Mariana ao peito e esta voltou a sorrir.

A - Agora não para de rir. (riu-se)

A - Ontem fui à médica com ela. A médica disse que está muito boa, elogiou-me por dar mama. Tenho uma amiga que teve há pouco tempo uma filha e não lhe dá peito, só porque não quer ficar com ele descaído! Eles dizem que é muito importante o leite da mãe.

Nesta altura a mariana já não estava a mamar tão bem. Parava algumas vezes e recomeçava.

A - Vá filha!

Sem tirar a boca do mamilo a Mariana sorriu novamente. A mãe olhou para mim e disse-me a rir:

A - Pronto! Não posso olhar para ela, senão não pára de rir.

Olhou para ela e a Mariana sorriu outra vez, a mãe sorriu para ela.

A - Vá filha! Não é hora para brincar.

A Mariana continuava a sorrir, com o olhar direccionado para a mãe. Largou o mamilo. A mãe voltou a encostar o mamilo na sua boca e a bebé começou a mamar outra vez. Mexeu a mão. Ficou com o olhar dirigido para a roupa da mãe.

A - Agora vou começar a tirar a carta de condução. Podia ter começado a tirar enquanto estava grávida, mas não quis por causa do barrigão e também por medo.

A Mariana já não estava a mamar, apenas tinha a boca encostada ao mamilo.

A - Às vezes podia ser necessário fazer alguma travagem brusca e podia bater com a barriga no volante e ainda acontecia alguma coisa. Em princípio vou começar para a semana. Aí vou ter que lhe dar leite em pó. Ela vai ficar com a minha avó. Podia tirar leite com a bomba, mas custa tanto! O mamilo fica deste tamanho (riu-se e fez uma gesto com a mão a mostrar o resto do mamilo).

A - Então filha! Deves estar com cólicas!

A - Ultimamente deve andar com cólicas...

A Mariana continuava sossegada e olhava ao redor.

A mãe tentou que a Mariana voltasse a mamar, fazendo pressão sobre o peito. A Mariana mamou durante alguns segundos e deixou o mamilo. Ficou a olhar para a mãe.

Levantou a filha e colocou-a a arrotar, batendo-lhe devagarinho nas costas.

A - O que vale é que para arrotar é sempre num instante! Vamos ver se depois ela quer dormir.

A Mariana movimentava ligeiramente a cabeça enquanto estava na posição vertical. Arrotou!

Despedimo-nos e combinamos a sessão seguinte.

3ª Observação

Ana (mãe), Mariana (bebé) – 2 meses e 8 dias

10 de Abril de 2008 - 17h00/18h10

Ao chegar, a mãe veio receber-me à porta.

A - Não repare que ando nas limpezas. A Mariana ainda está a dormir.

Sugeri aparecer mais tarde. A mãe disse-me para ficar, porque já estava na hora de mamar e a Mariana devia estar a acordar.

A - Hoje fez uma birra! Foi difícil pô-la a dormir.

Dirigimo-nos para o quarto da mãe, onde a Mariana estava a dormir no berço. A mãe aproximou-se. Tirou-lhe o cobertor que estava em cima dela e afastou a manta que estava enrolado à volta da Mariana. Espreitou. A Mariana continuou a dormir.

A - Vamos ver se ela acorda.

Tocou-lhe no rosto. A Mariana continuou imóvel.

A - Mas ela hoje fez cá uma birra! Sabe o que é esta birra? É toda a gente que vem e pega nela ao colo...Depois fica habituada e sobra para mim. Hoje fiquei mesmo cansada! Fiquei a andar aqui de um lado para o outro com ela ao colo (e gesticulou para a área do quarto onde tinha andado com ela) ... até me doem os braços. Ai, ai (suspirou). Vem o pai pega ao colo, vem a avó pega ao colo. Toda a gente pega ao colo. Ela não era assim. De há uma semana para cá é que começou com estas birras. Já disse ao pai, que quando ele chegar, ele é que a vai aturar. Ele disse que sim, mas basta ela começar a chorar, que vem logo ter comigo para eu ficar com ela.

Entretanto, enquanto a mãe falava, a Mariana começou a mexer-se. Movimentava ligeiramente o corpo, abria as mãos e fez alguns ruídos.

A - Parece que ela já está a acordar.

Voltei a referir que poderia vir mais tarde se ela não acordasse naquele momento.

A - Ela deve estar mesmo a acordar. Além disso já está na hora de acordar.

Voltou a espreitar para dentro do berço.

Espirrei.

A – Está constipada?

O – Não. É alergia.

A – Ah! Eu também sou alérgica a uma série de coisas. Mas a mim é mais na pele. Há alturas em que fico cheia de borbulhinhas no corpo. Por acaso já não acontece há algum tempo. Aconteceu algumas vezes quando eu era miúda. Disseram-me que era alérgica ao tabaco, e eu fumo e não passo mal com isso! (riu-se para mim).

A Mariana abriu os olhos. Mexeu-se e espreguiçou-se.

A Mariana olhou para a mãe. A Mãe pegou na Mariana que estava embrulhada, na manta. Tirou a manta, ajeitou o pijama da Mariana e disse:

A - Vamos ver se ela quer mamar.

Foi buscar o mamilo de silicone. A Mariana ficou encostada ao corpo da mãe, ainda bastante sonolenta.

A - Hoje ficamos aqui no quarto. É o sitio da casa que está mais limpo, pelo menos sem os pelos das cadelas. Quer dizer, há bocado já vi ali um pedaço de pêlos debaixo da televisão.

Sentou-se numa ponta da cama. Desviou o rosto da Mariana para o peito.

A - Vá filha!

A mãe tocou na bochecha da Mariana (que ainda parecia estar a dormir) e fez pressão sobre o peito para que mamasse.

A - Vá!

A Mariana começou a mamar, lenta e levemente.

A - Tem mais sono do que fome! Eu já fiz queixas ao papá a dizer que tu não te andas a portar a bem. (riu-se enquanto olhava para ela). Fez silêncio por um momento e disse:

A - Podes continuar com sono... assim quando acabares de mamar continuas a dormir.

A - Para bem dela e para o meu bem. Para bem de todos nesta casa.

A Mariana mamava com mais força, mas continuava com os olhos fechados. Movimentava de vez em quando a mão. A mãe ficou durante alguns momentos a olhar para ela. A Mariana continuava a mamar sossegada.

A televisão estava ligada, e de vez em quando a mãe ficava atenta ao que estava a dar na televisão.

A - Hoje aconteceu uma coisa engraçada. Já me estive a rir há bocado. Na altura não achei piada nenhuma. Estava mesmo com raiva. Ela fez cocó e mudei-lhe a fralda. Quando estava a pôr a fralda, fez outra vez cocó. Tirei a fralda, pus uma limpa e voltou a fazer cocó. Voltei a tirar a fralda, pus a quarta e voltou a fazer cocó. A quinta foi a fralda definitiva (enquanto contava a peripécia ria). Hoje foi um dia daqueles... a birra, depois a história da fralda....Mas eu acho que a idade pior vai ser durante os dois/três anos, quando começar a andar e a falar e a mexer em tudo e mais alguma coisa.

A idade pior para nós... Para mim! Sim, porque o pai diz que ajuda e depois não ajuda em nada. Hoje telefonei-lhe a queixar-me. Disse-me que quando chegar vai tomar conta dela. Mas já sei com é. Pega nela ao colo e não faz mais nada. Basta ela chorar um bocadinho que ele já fica nervoso e dá-ma para eu ficar com ela. As crianças sentem que as pessoas ficam nervosas.

Olhou para a Mariana que mamava devagar, mas já mais desperta. A Mariana olhava para a mãe.

A - Parece que está atenta à conversa.

A - És cusca como a avó! Como a avó não, como a bisavó. A avó até que nem é cusca.

A - A minha mãe diz que não lhe podemos pegar ao colo sempre que ela chora. Diz que faz bem aos pulmões ela chorar. Mas é difícil deixá-la chorar.

Entretanto a Mariana largou o peito. A mãe sentiu, e voltou a dar-lhe a mama. A Mariana virou a cara e não mamou mais. Começou a fazer expressões de desconforto. A mãe voltou a insistir! A Mariana começou a chorar.

A – Já não queres mais?

A mãe levantou-a para arrotar. A Mariana parou de chorar. Assim que a mãe começou a dar palmadinhas nas costas, a Mariana arrotou.

4ª Observação

Ana (mãe), Mariana (bebé) – 2 meses e 16 dias

18 de Abril de 2008 - 18h00/18h50

A Ana enviou-me uma mensagem, a adiar a hora. A Mariana tinha comido mais tarde e não iria comer à hora habitual. Cheguei a casa e a porta estava aberta. Bati para entrar.

A - Entre! Estamos aqui no quarto. Hoje vamos ficar aqui. Estive a limpar o quarto. A casa anda cheia de pêlos e detesto encontrar os pêlos dos cães nela. Em minha casa já não vou ter que me preocupar com isso. Assim que começar a trabalhar vou comprar casa, ou melhor, alugar! O ideal era que houvesse um apartamento aqui perto da minha mãe...

A Mariana estava deitada em cima da cama com um peluche ao lado. Estava bem desperta. Emitia alguns sons, enquanto a mãe falava. A mãe pegou nela ao colo e sentou-se encostada à cabeceira da cama ajeitando alguma almofadas para ficar numa posição mais confortável. A Mariana estava com a mãe fechada.

A - Vais dar um murro à mãe? (riu-se)

A Mariana olhou para a mãe, retribuindo o sorriso. Pediu-me para lhe dar a caixa onde estava o mamilo de silicone. Colocou o mamilo de silicone e assim que o sentiu na boca, a Mariana começou a mamar apressadamente. A mãe olhava para a Mariana. Desviou o soutien e colocou a mão da bebé sobre o seu peito.

A - Ela gosta de ficar a tocar no peito.

A televisão estava ligada e a Mariana dirigiu o olhar para a televisão. A mãe pôs a mão à frente dos olhos da bebé e disse-lhe:

A - Não olhes para a televisão, que te faz mal à vista!

A Mariana movimentou a cabeça, largando o mamilo. A mãe voltou a colocar o mamilo na boca da filha. Esta continuou a mamar. Mãe e filha trocaram olhares.

A - É bom ter cá alguém! Pelo menos não estou sozinha.

Pena que é a ultima vez! A minha mãe passa o dia a trabalhar, só a vejo à noite. O meu namorado, tem estado a maior parte dos dias fora de Lisboa, só nos vemos ao fim de semana. De vez em quando ainda saio para ir ver a minha sogra. Ela gosta muito de ter lá a bebé. Às vezes também vou ter com a minha irmã. Ela está em casa com o filho. Essa é que tem a mania das limpezas! A casa está sempre impecável. Apesar de o meu sobrinho ser um terrorista tem sempre tudo organizado. Espero que esta não saia ao primo! (Riu-se). Não me posso queixar, ela até é sossegada. Mas custa estar aqui sozinha...

O - Sorri.

A Mariana começou a mamar com menos vigor, enquanto a mãe conversava.

A - Vá filha! Toca a mamar para depois ires fazer um grande ó ó.

A - Sabe, foram muitas mudanças de uma só vez... não estava á espera desta mudança na minha vida... não foi nada planeado. Ela não foi planeada... Bem, eu também não fui planeada... (riu-se). Tal mãe, tal filha.

A mãe fez pressão com os dedos sobre o peito, e a Mariana continuou a mamar. A Mariana foi fechando os olhos. Mamava e parava. Adormeceu. Largou o mamilo.

A mãe começou a tocar-lhe na bochecha.

A – Vá filha! Acaba de mamar!

A bebé despertou ligeiramente e recomeçou a mamar assim que sentiu o mamilo. Rapidamente começou a fechar os olhos.

A – Está com mais sono do que fome. Agora é mudar a fralda e deixá-la dormir... Hoje dormiu pouco! Tem andado com mais cólicas. Esta semana já comecei a dar o leite em pó, uma vez por dia. Para ela se começar a habituar. Já comecei a tratar dos papéis para tirar a carta. Tenho de aproveitar estes meses que não estou a trabalhar. Se eu não começar agora, depois vai ser mais complicado... Não sei se é por causa disso que anda com mais cólicas.

A Mariana já estava a dormir. A Ana levanta-a e senta-a no colo de lado e começa a dar palmadas nas costas. A Mariana abriu os olhos e voltou a fechá-los. A mãe pegou no rosto da bebé e começou a abaná-lo de um lado para o outro!

A – Acorda! Tens de arrotar!

A Mariana deu um pum.

A - Não é por cima, é por baixo! Hoje ainda não fez cocó. Espero que esteja a fazer agora, senão lá vêm as cólicas...

A Mariana continuava a dormir. A mãe deitou-a na cama, para ir buscar à sala o plástico e os toalhetes para mudar a fralda.

Quando começou a mudar a fralda, a bebé despertou. Começou a chorar. Movimentava os braços e as pernas.

A – Oh filha! São cólicas? Mas já fizeste cocó....

Assim que acabou de trocar a Mariana, a mãe pegou nela ao colo. A Mariana parou de chorar. A mãe ficou a embalá-la, durante alguns minutos. Deitou-a no berço e ficou sentada à beira da cama e embalar o berço.

Agradei a disponibilidade e a colaboração no trabalho e despedi-me.